

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 a 321155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O Papa Paulo VI recebeu no Vaticano o presidente dos E. U. A.

CIDADE DO VATICANO, 2.—No meio de uma abundância adquirida tão arduamente, o vosso país não esqueceu os ideais elevados dos seus primeiros tempos, nem se desinteressou das nações mais pobres e, acima de tudo, dos Estados novos que se esforçam por dar aos seus povos os benefícios da liberdade dentro da lei — disse Paulo VI ao receber o presidente dos Estados Unidos com quem conversou uns 40 minutos.

O Santo Padre lembrou que há 20 anos conheceu o presidente John Kennedy, que acompanhou os pais à coroação de Pio XII. Depois falou da impressão inesquecível que trouxe da viagem aos Estados Unidos. Referindo-se à contribuição deste país para a exploração do espaço, o Papa fez votos por que estas empresas possam ter o sentido de homenagem prestada a Deus e sejam, todas elas, votadas ao bem-estar da Humanidade e ao progresso pacífico dos Homens.

Regressou de Roma o ministro dos Negócios Estrangeiros

No avião da Canadian Pacific, regressou, hoje, ao princípio da tarde, de Roma, o ministro dos Negócios Estrangeiros, que chefiou a delegação portuguesa às cerimónias de coroação do Papa Paulo VI.

O sr. dr. Franco Nogueira era aguardado, no aeroporto, por diversas individualidades entre as quais o subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, representantes do ministro das Obras Publicas e do secretário de Estado da Aeronáutica, o bispo-auxiliar do Patriarcado, D. António de Campos; funcionários superiores do Ministério dos Negócios Estrangeiros, etc.

No mesmo avião, regressou tam-



O dr. Franco Nogueira rodeado por algumas das pessoas que o esperavam no aeroporto

bém a peregrinação portuguesa, chefiada pelo bispo de Tiava, que assistiu àquelas cerimónias, em Roma.

A partida de Roma
ROMA, 2.—O ministro dos Negócios Estrangeiros português, dr. Franco Nogueira, partiu de avião para Lisboa, depois de ter assistido à coroação do Papa Paulo VI. Estiveram no aeroporto a despedir-se, o cardeal D. José da Costa Nunes e os embaixadores de Portugal no Quirinal e junto da Santa Sé — (A. N. I.).

menagem prestada a Deus e sejam, todas elas, votadas ao bem-estar da Humanidade e ao progresso pacífico dos Homens.

OS ESFORÇOS PELA PAZ

Paulo VI continuou, numa referência às palavras do presidente dos Estados Unidos inspiradas nos princípios morais da verdade, da justiça e da liberdade: «Vemos, nas vossas afirmações, harmonia espontânea com o que João XXIII disse na sua encíclica «Pacem in Terris», ao apresentar ao Mundo o ensinamento constante da Igreja sobre a dignidade da pessoa humana, dignidade que Deus conferiu ao Homem, criando-o à sua imagem. Sempre nos lembramos, nas nossas orações, dos esforços envidados por V. Ex.ª, para garantir a todos os cidadãos dos Estados Unidos os benefícios, da mesma cidadania, que tem por fundamento a igualdade de todos os Homens, em virtude da sua dignidade como pessoas e como filhos de Deus».

Em conclusão, o Santo Padre prestou homenagem à incansável actividade do presidente norte-americano a favor da paz no Mundo.

O CERIMONIAL DA RECEPÇÃO

O presidente Kennedy foi recebido no pátio de S. Dámaso com as honras militares prestadas por um destacamento da guarda palatina, com bandeira, e cuja banda executou o hino norte-americano.

Acompanhado por mons. Gennaro Verolino, secretário da Congregação e do Cerimonial, e por dois camaristas de capa e espada, o presidente dos Estados Unidos e membros da comitiva subiram ao segundo piso onde os esperava mons. Caliori di Vignale. Precedido por guardas suíços de grande uniforme, «bussolanti» e «sediari», com os seus trajes seculares, John Kennedy entrou nos aposentos pontificais. Na vasta sala Clementina, foi cum-

(Continua na 16.ª página)



O território das ilhas britânicas — Inglaterra, Irlanda do Norte, Escócia e País de Gales — fazem-se representar por estas quatro graciosas beldades no concurso para a eleição de «Miss Universum», que se efectua este mês em Miami, na Florida, e no qual participam representantes de países americanos, europeus e asiáticos

Nota do dia

A FALTA E O PERDÃO

Se os jornais cometem um pequeno erro ou publicam uma informação menos exacta, o que não é de excluir, visto serem feitos por homens e o erro ser próprio da condição humana, erguem-se logo vozes de protesto e há uma tendência natural para avolumar as consequências da falta cometida, que juizes severos não hesitam em condenar sem apelação nem agravo. Em contrapartida, esquecem-se com frequência os serviços prestados pela Imprensa, e os próprios que solicitam os seus favores para louvar as suas acções ou exaltar os seus méritos são os primeiros a atirar-lhe a pedra com que os fariseus pretendiam castigar a mulher adúltera. Na primeira audiência que concedeu a jornalistas, Paulo VI, à semelhança de João XXIII, manifestou pela nossa profissão uma simpatia que não exclui o reconhecimento dos erros voluntários ou involuntariamente cometidos. Mas em vez da condenação formal desses erros, como acontece tantas vezes com entidades menos altamente colocadas e que fazem da intransigência um ponto de honra, os seus lábios pronunciaram palavras de tolerância e de perdão. «Seremos indulgente em relação a esses erros jornalísticos — disse o Papa — para considerarmos apenas o valor dos serviços prestados...» A lição, vinda de tão alto e dada com tanta autoridade, devia aproveitar àqueles que

ainda hoje teimam em subestimar o papel que a Imprensa desempenha na divulgação das ideias e na repressão dos abusos cometidos contra o interesse colectivo. Não lhe dêem a liberdade de crítica e a possibilidade de alertar a opinião pública, e todos os desmandos serão possíveis e todas as prepotências serão permitidas. Quem pretende o silêncio acerca dos seus actos ou sofre de excessiva modéstia, ou não tem a consciência tranquila.

A CÂMARA DOS COMUNS BRITÂNICA DISCUTE AS CONVERSACÕES ENTRE KENNEDY E MACMILLAN

LONDRES, 2 — Inicia-se esta tarde, na Câmara dos Comuns, um debate sobre política externa, que deve prolongar-se por dois dias, com a participação dos dirigentes dos Partidos Conservador e Trabalhista. O tema central será o relatório do primeiro-ministro, Harold Macmillan, relativamente às conversações que travou, na sua residência de campo, com o presidente Kennedy, no ultimo fim de semana. O próprio Macmillan deve informar a Câmara acerca do encontro de «Birch Grove» para encerramento do debate, sendo assistido pelo subsecretário dos Negócios Estrangeiros, Edward Heath, pelo secretário da Defesa, Peter Thorneycroft, e pelo no-

A travessia da Mancha numa barrica

LONDRES, 2. — «É possível atravessar a Mancha num tonel» — afirma o empregado bancário Platten, que largou esta manhã de Dover, numa barrica propulsada por um motor auxiliar e equipada com quilha e leme. Há dois anos, Platten conseguiu atravessar a Mancha numa cama de ferro. Como os fabricantes de cerveja se recusassem a ceder-lhe um tonel, o navegador original decidiu construir a sua embarcação... — (F. P.).

Os portugueses vão ser obrigados a sair da Libéria

MONROVIA, 2.—Um cidadão português empregado da companhia «Pan American Airways» recebeu ordem para sair da Libéria dentro de 48 horas, por se ter entregado 3 comentários ofensivos para o Governo — anunciou o secretário da Justiça liberiano.

O secretário da Justiça declarou ainda que o Governo procede ao recenseamento de todos os cidadãos portugueses que vivem na Libéria, a fim de mandá-los sair do país. Esta medida, ao que parece, é tomada em observância das resoluções adoptadas pelos chefes de Estado africanos em Addis Abeba. — (F. P.).

Diário de Lisboa
HOJE 32
PÁGINAS

nas quais se inclui

ÊXITO

e
Juvenil

VISADO PELA CENSURA

Um homem autêntico

por VASCO DA GAMA FERNANDES

Naquela tarde de Novembro uma grande ansiedade despertava em mim a visita ao Papa João XXIII. Como compreender essa ansiedade se não sou católico e se numa anterior visita ao Vaticano, como sim-

ples turista, me indignara com a ostentação das vitrinas, pólo oposto à humildade do cristianismo originário?

(Continua na 22.ª página)

De ontem para hoje

CONCELHO SECULAR

É das vilas mais novas do distrito de Bragança, mas é das mais progressivas, a de Macedo de Cavaleiros. Nas faldas da serra de Borne, estende-se numa campina onde o verde da oliveira e, nesta altura do ano, as searas loiras, põem tonalidades esbatidas e acolhedoras. É das vilas mais novas porquanto nem monumentos nem historial assinalam o passado; mas a actividade de todo o concelho é notável e o azeite, os cereais, a castanha e a amêndoa são valiosos elementos na economia provincial. Tem um século o concelho de Macedo de Cavaleiros e a data foi celebrada devidamente, com festejos, «Te Deum» na igreja, e uma exposição agro-pecuária, no campo da feira, que muito contribuiu para mostrar as possibilidades da região. A sessão solene de encerramento das comemorações presidiu o secretário da Agricultura e presentes várias individualidades ligadas a Macedo ou por de lá serem naturais ou porque na sua administração têm influido decisivamente, ou simplesmente porque lá têm morado e se pegaram de amores pela vila e seu termo. Ao falar, na sessão comemorativa, o secretário da Agricultura traçou o perfil da região: «Terra essencialmente agrícola, de policultura, cultiva em grande escala cereais, a vinha, a oliveira, a batata, o feijão, a castanha e a noz, dispõe também de uma pecuária de especial importância. É mister que se procure incessantemente aumentar a sua riqueza fundiária, aproveitando a Natureza, tão pródigamente dotada, adoptando novas e eficientes técnicas agrícolas, servindo-se das armas do progresso presente para alcançar os devidos prêmios no futuro». E depois: «Tem de reconhecer-se o mérito em tão fecundo labor quando o isolamento da região transmontana, tanto o físico, pela distância e pelas barreiras orográficas, como o dos homens entre si, dentro da região, como é característico nas feições agrícolas, separam a província transmontana dos grandes centros e inibem os homens de uma convivência que lhes seria benéfica. No entanto, à medida que se estabelecem facilidades de comunicação, criam-se novas possibilidades de entendimento entre os homens e, consequentemente, de melhor utilização das suas qualidades congénitas, do seu poder criador e das fontes de riqueza que se encontram ao seu alcance».

O COLHER DAS CEREJAS

No sítio da Tejosa, freguesia de Sobral de Cagesas, não longe da Covilhã, a sr.ª Maria dos Anjos Teresa, casada com o sr. Manuel Paiva, sobu a uma cerejeira. Ora em dada altura e o regou-lhe um pé e veio a terra. Gritou como quem se sente morrer. Acudiram vizinhos que a ergueram e conduziram a casa. Lá está agora a sr.ª Maria dos Anjos em estado muito pouco satisfatório.

O INSECTICIDA E A CRIANÇA

Estela Pedrosa Monteiro, lindo nome tinha ela! Com dois anos e meio era a luz de todos os que a viam e sobretudo de seus pais que moram em Malpartida, lá para as bandas adustas de Almeida. Pois a Estela brincava com outras crianças e, em dada altura, leva à boca um frasco de insecticida. Morria pouco depois a Estela, e o que era a luz dos olhos de seus pais transformou-se em escuridão densa como a morte.

EM PAZ COM A VIDA...

Era um verdadeiro estalão de honestidade o sr. Candido Delgado, de 73 anos, viúvo, residente em Colos, Odeira. Era viúvo e não sentia grande prazer na vida. Começou a dizer que findaria seus dias em 29 de Junho. Via-se só e abandonado dos filhos. Comprou o caixão, mostrou os preparativos da sua morte, pagou despesas do funeral e deu o fato melhor a um indivíduo com o qual se passeou pelas ruas. Por fim, no dia de S. Pedro, atou uma corda e foi o fim.

DO COMBOIO À LINHA

No Vale de Santarém ia a embarcar no comboio para o Entroncamento, o sr. José de Carvalho Tiago, de 56 anos, natural de Fornos. Mangualde, e ali residente. Ia a embarcar, mas caiu à linha e ficou muito ferido. Com graves contusões, foi levado para Santarém em cujo hospital deu entrada e ficou internado.

Mulheres, ou diplomatas?

por JOSÉ BENSÁUDE

AMARGA RECOMPENSA...

Um dia, ao descer a Avenida da Liberdade, deparei com uma senhora que, embora já sem a graciosidade e a frescura duma juventude precocemente perdida, se impõe ainda, pela dignidade da sua presença. De maneiras simples, mas requintadas, que deixam transparecer o ambiente distinto de onde veio, aquela mulher que outrora conheci radiosa de vivacidade, senhora de si, espontânea, superior, parece-nos mais ter conseguido salvar das garras desapietadas do tempo que o seu sorriso amável, a sua expressão naturalmente cativante. Rugas cavadas, fundas, dão agora ao seu rosto uma expressão que lhe desconhecía e me comove. Veste modestamente. E, se bem que se esforce por manter o seu imperturbável jeito de grande senhora, tudo nela denuncia desanimo, abatimento, renúncia...

Cumprimento-a. Mas as palavras não me ocorrem. E o diálogo torna-se quase impossível porque também ela parece não ter para mim o seu olhar longínquo, diluído, parece ter-se perdido definitivamente no passado. Não há muitos anos ainda que esta mulher, esposa de um ministro de Portugal no estrangeiro, desempenhava, com excepcional inteligência, o papel de grande senhora que a sociedade lhe impunha. Mas o marido morreu. E a distintíssima senhora que, ao lado do ministro, tinha sabido impor-se, além-fronteiras, pela capacidade de servir e de prestigiar o País, é hoje a pessoa vencida, de expressão nostálgica e humilde, que se sente confundida ao encontrar alguém que, como eu, tivesse sido testemunha dos dias em que desfrutava de uma invejável posição social. E, por amarga ironia, é justamente esse passado digno, brilhante, que deveria representar o seu mais legítimo motivo de orgulho, que ela procura fazer esquecer aos outros e a si mesma.

Interrogo-me se foi o tempo que tão rapidamente transformou esta mulher na sua própria sombra. Mas não! Não foi o tempo... Foi a vida e as suas duras contingências que, o mesmo será dizer, a indiferença, a ingratidão, o abandono a que a sociedade vota os que lhe deram o melhor de si mesmos.

Nas breves palavras que trocámos adivinhei que vivia de uma reduzida pensão. Vexada, deprimida, revelou-me que tinha de alugar quartos para angariar o indispensável para subsistir... Falou-me das enormes dificuldades financeiras com que lutava, como se me revelasse faltas imperdoáveis!

Tive pena da pobre senhora que o destino atirara para a rua como um farrapo inútil. Pena que os homens, a vida, toda a nossa existência esteja povoada de situações tristes, paradoxais, despidas daquela humanidade tão necessária — mesmo indispensável — ao convívio entre os homens!

AS BOTAS DO GENERAL...

Já em casa, medito ainda no caso daquela abnegada e inteligente mulher e comparo-o com outros idênticos. Grandes senhoras que foram o sustentáculo, o grande suporte em que os maridos encontraram o apoio que os guiou a altas posições.

«Cherchez la femme»... Não há dúvida de que o clássico aforismo contém uma grande verdade! A mulher é, quase sempre, o factor decisivo. Parece trazer consigo uma secreta capacidade de orientar o destino dos homens... Altivas e inaccessíveis quando pretendem dominar uma situação, as mulheres são, ao invés, capazes dos mais sublimes actos de humildade. E, o que é mais curioso, é que fazem tudo isso por abnegação, numa dádiva total de si mesmas. Lembro-me, a propósito, dum episódio que não posso evocar sem um sorriso...

Já lá vão anos. Estava eu no estrangeiro quando tive oportunidade de contactar amigavelmente com um general que, em missão diplomática, para ali fora destacado. Ora um dia aconteceu que o nosso general se viu metido nas embarras das «démarches» duma mudança de residência. A seu lado, porém, não faltou o precioso auxílio da mulher que, desconfiada e prática, resolveu tudo pelo processo mais rápido. Entretanto, fechadas as malas e pronta a bagagem, aconteceu, porém, o inevitável: sobram peças de roupa e outros objectos que, no último momento, era difícil acomodar... E o que era mais trágico é que, entre esses despojos, se contavam as botas do general!

— Antes um exército sem gene-

ral, do que um general sem botas! — Era urgente que o problema se resolvesse e lá foi a simpática senhora, ajudada por mim, acomodar a insólita bagagem da única maneira naquele momento possível: dentro de um lençol. Eu peguei de um lado, a senhora do outro, e com o nosso caricato volume, lá fomos atrás do general que, perfurado e garboso, caminhava na frente, seguro de si e da sua importância!

Enfim, creio que todos nos desempenhámos bem do nosso papel: a mulher do general coube-lhe o lugar da companheira generosa, solícita, sempre pronta a servir o seu «senhor»; eu, foi o cavalheiro, já um tanto «démódé», que não deixa uma senhora sôzinha em apuros; o general, esse, foi mais uma vez o «grand seigneur», atulhado daquela frágil importância que se desfaz à mais ligeira brisa...

Poderia recordar outras peripécias semelhantes, mas receio incorrer no antipático papel de delator. Não me move, aliás, o mínimo propósito de fazer censuras seja a quem for. Limito-me a apontar os factos. Eles, por si, dão lugar a que cada um possa fazer o seu julgamento...

BRAVO, GENTIS DIPLOMATAS!

Pois bem, a senhora que casualmente encontrei na Avenida da Liberdade despertou em mim este desejo de vos dizer alguma coisa acerca dessas encantadoras mulheres que, embora muitos julguem unicamente destinadas a decorar os salões, transcendem o seu frágil papel decorativo e são, na maioria das vezes, autênticas heroínas! — Refiro-me aqui às mulheres dos diplomatas portugueses, senhoras a quem me permito dedicar uma palavra de apreço, de louvor, de verdadeira homenagem.

Devo esclarecer que, nas minhas constantes peregrinações por esse Mundo fora, foram numerosas as oportunidades em que tive de contactar com as entidades diplomáticas do meu País. Quando não eram razões de ordem prática que me levavam aos consulados, às legações, às embaixadas de Portugal, eram as imposições de ordem social a reclamar a minha presença. Tive assim o prazer de conhecer pessoalmente numerosos diplomatas portugueses que, além-fronteiras, se empenhavam na árdua tarefa de amenizar os problemas de ordem económico-político-social que, não raras vezes, surgem no panorama internacional a perturbar a compreensão entre os povos. Pois nestas minhas digressões, reparei que esses diplomatas devem grande parte do seu sucesso, e quantas vezes, da sua ascensão, às suas gentilíssimas esposas.

Porque faço, em especial, esta referência à mulher do diplomata português? Porque ela me parece, na verdade, um caso à parte. Talvez mais feminina, mais intuitiva, mais dotada desse admirável sentido de «savoir faire», a consuleta, a embaixatriz, a ministra portuguesa sabe fascinar pela persuasão, pela delicadeza de espírito, pela inteligência, Discreta, apagada, anónima, é ela quem sugere o convite oportuno, quem tem nos lábios a palavra mais cativante; quem, dia a dia, se esforça por suprir hábilmente as lacunas que o marido, por vezes, não soube, não pôde, ou não quis preencher...

Dotada de uma sensibilidade que é fruto de uma educação cuidada, assente em bases de grande dignidade familiar, a diplomata portuguesa consegue fugir ao «snobismo», criando, no estrangeiro, uma atmosfera de cordialidade, de respeito, de consideração. Ao marido cabem, naturalmente, as grandes responsabilidades. Mas não será ela, na maioria das vezes, o verdadeiro diplomata?

E hoje, ao dirigir uma palavra de apreço e de grata admiração a essas distintas senhoras, outro objectivo não pretendo alcançar que o de ser sincero e coerente comigo mesmo. Creio ter assim praticado um pequeno acto de justiça, nesta palavra de grata admiração que me fez bem pronunciar.

Em vez de um ramo de flores, permitam, gentis diplomatas portuguesas, que deponha nas vossas «corbeilles», o meu modesto — obrigado!

Vila Nova de Milfontes

A 2 minutos da Vila e estrada até local, vendem-se lotes terreno junto mar, com descida directa para praias maravilhosas. Vista deslumbrante 20 km de costa. Telefonar, até 14 h. para 664898.

A CIDADE

«SECOU» A BICA

do jardim de S. Pedro de Alcântara

O jardim de S. Pedro de Alcântara é local de recreio de muitas crianças. Nestes dias de Verão, em que o calor aperta, as crianças, que não param de brincar e, por isso, transpiram muito, sentem necessidade de beber... água, já se vê. Pois precisamente nesta época é que a bica do jardim secou.

A dois passos, no topo da Calçada da Glória, duas torneiras jorram água. Quanta se esgaria — pode argumentar-se. Mas, as crianças, para chegarem lá, têm de se expor ao perigo de atravessar a Rua das Taipas, onde o movimento de automóveis é ininterrupto. As crianças, por ser mais cómodo, pedem água nos estabelecimentos próximos, mas o perigo que representa para os garotos o intenso trânsito da Rua de S. Pedro de Alcântara, continua a espreita.

É necessário e urgente, como ficou provado sob sombra de dúvida, que a bica do jardim volte a funcionar regularmente. Ela não foi ali colocada, aliás, para outra coisa: existe para fornecer água.

Pavimentação

da Rua Carvalho Araújo

A fim de se proceder à reconstrução do respectivo pavimento ficou hoje vedada ao trânsito de veículos uma parte da Rua Carvalho Araújo, entre a Alameda D. Afonso Henriques e a Rua Moraes Soares. A vedação far-se-á por troços e por um período de sessenta dias. A circulação passa a fazer-se pela Rua Rosa Damasceno ou Rua Actor Vale, quando estiver o primeiro troço vedado; pela Rua Actor Vale ou Actor José Ricardo, quando estiver o segundo troço em obras; e pela Rua Edite Cavêl, quando estiver o último troço em reconstrução.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil): um porta-moedas com dinheiro, um sobrescrito com seis peticulas, um lenço de seda de senhora, dois relógios de pulso de senhora, um sapatinho de bebé, um estojo de plástico com uns óculos graduados, um rosário de contus, uma pasta de café com fecho «éclair», contendo diversos mostruários e caderneta de passagens nas Alfandegas n.º 14048, a cédula pessoal da sr.ª D. Maria da Graça Sousa Malaquias, o bilhete de identidade do sr. José Fernandes, uma chapa de residência em nome do sr. Manuel Ferreira, uma chapa metálica com a designação «velocidade máxima», dois aros de roda e um tampão de depósito de gasolina de automóveis, um porta-moedas de plástico com chaves e algum dinheiro, um porta-chaves com chaves e chaves soltas.

OS CAMPEONATOS

da F. I. S. E. C.

effectuar-se-ão em Lisboa

de 31 de Julho a 6 de Agosto

Em organização da M. P. realizar-se-ão em Lisboa, de 31 do corrente a 6 de Agosto, as jornadas de Estudo e os campeonatos da F. I. S. E. C. (Fédération International Sportive de l'Enseignement Catholique), com a participação de jovens de diversas nações.

Nas suas linhas gerais, o programa inclui:

Dia 31, recepção aos dirigentes da F. I. S. E. C. na Câmara Municipal de Lisboa, à tarde, e sessão inaugural, à noite, das Jornadas de Estudo na sala de cinema da Feira Internacional, na qual o sr. dr. Celestino Marques Pereira proferirá uma conferência subordinada ao tema «A educação física e a formação cristã do carácter perante a ciência e o pensamento católico contemporâneo»; dia 1 de Agosto, reunião de comissões; dia 4, missa no Mosteiro dos Jerónimos, demonstrações de remo e vela; dia 5, peregrinação-excursão a Fátima.

As competições desportivas desenvolver-se-ão nos dias 1, 2, 3, 4 e 5 de Agosto.

A sessão de encerramento e entrega dos troféus está marcada para o dia 5, na Praça do Império, junto ao monumento ao Infante D. Henrique.

OFICIAL HOLANDES hospitalizado

Arribou ao porto de Lisboa o navio holandês «Theodorus Lursan», a fim de desembarcar o primeiro oficial sr. Aeneas, que deu entrada, em estado grave, no Hospital Inglês.

I CURSO PRÁTICO DE TESTES MENTAIS

No Laboratório de Psicologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na «Sala com visão num só sentido», prosseguiu o curso prático de testes mentais, organizado para professores, licenciados em Filosofia e alunos de Ciências Pedagógicas.

Aplicou a Escala de Inteligência de Stanford-Binet, «Forma L-M» (1960) — a mais recente escala construída para o efeito — o dr. Ferreira Marques, assistente da cátedra de Psicologia Experimental e Pedagógica.

EXCURSIONISTAS para o Havre

Fundeou hoje no Tejo o paquete grego «Akropolis», com 142 excursionistas, destinados ao Havre.

Aplicada do professor Moreira de Sá.

No próximo dia 4, prosseguirá o curso com a aplicação do «Teste do Labirinto de Porteurs» (1933) pelo dr. Rui Torres.

MOTONAUTICA

Um português vencedor em Espanha

GUADALAJARA, 2 — O português Carlos Marques Mendes, de Aveiro, venceu o II Grande Prémio Internacional de Motonáutica, destinado a barcos com motor fora de borda, da classe «C-U», organizado pelo clube náutico «Las Brisas» e disputado no lago de Entrepenas. Nas classes «E-T», «D-P» e «E-U», triunfaram três espanhóis. — (A. N. I.).

SE HABITA EM LISBOA

TELEFONE PARA 3275 12

E RECEBERÁ EM SUA CASA, SEM DESPESAS SUPLEMENTARES, O SEU CAFÉ DO

RESTAURAÇÃO

OU OS DELICIOSOS BOLOS DO

TERMINUS



ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Realizou-se ontem, no «A B C ao ar livre», o novo teatro do Parque Mayer, o ensaio para a Comissão de Censura da revista «Bikini», original de César de Oliveira, Francisco Nicholson e Rogério Bracinha, com música de José Magalhães, e que o empresário José Miguel apresenta amanhã em estreia.
- Pensa-se que a comédia musical italiana «Um trapézio per l'istrata» será um dos próximos espetáculos de Vasco Morgado.
- Os escritores teatrais Aníbal Nazaré e Paulo da Fonseca completaram uma revista que será representada, na próxima época, num dos teatros do Parque Mayer.
- O Teatro Popular de Lisboa apresentará ainda esta época, na Estufa Fria e no Pavilhão dos Desportos, as seguintes peças: «O Senhor Roubado», de Chagas Roquete (já em ensaios e com estreia marcada para 18 do corrente), «O Tarzan do quinto-esquerdo», de Costa Ferreira, «Recompensa», de Ramada Curto, e «Casa de Pais», de Francisco Ventura.
- Mais de quatro dezenas de ranchos folclóricos, representando várias regiões do País, vão participar no Festival de Folclore Nacional, nas eliminatórias que

se realizam em Braga, no dia 5; no Porto, a 13 e em Coimbra, a 20 do corrente.

NO AVENIDA

Em pleno triunfo a comédia de gargalhada, «Caiu do céu uma noiva»

No Teatro Avenida representa-se em pleno triunfo a comédia de êxito internacional, de Marc Camoletti, «Caiu do céu uma noiva», com uma tabela de preços populares.

É uma divertida comédia, que põe os espectadores em boa disposição e tem notável interpretação de Humberto Madeira, no protagonista; Berta Loran, Isabel de Castro, Lita Costa e Saudade dos Santos. Neste elenco há ainda a assinalar a colaboração de Ribeirinho, que também encenou a deliciosa comédia de permanente gargalhada. Todas as noites, às 21.45, para adultos.

NO IMPÉRIO

«Há lodo no cais», em sessão clássica

Sete Oscars da Academia, o Prémio da Bienal de Veneza e três prémios da Crítica distinguiram «Há lodo no cais», o filme que «Gente de cinema fala de filmes» apresenta amanhã, às 18 e 30, na 331.ª sessão clássica do Império, e no qual Marlon Brando conquistou o prémio para o melhor intérprete de 1954, concedido pelas críticas italiana e nova-iorquina.

«Os prazeres da cidade» — um notável filme satírico

Com todo o sabor parisiense, o filme «Os prazeres da cidade» representa uma magnífica sátira, para o que contribui a história, os diálogos e a magistral interpretação de Bourvil. Da primeira à última cena,

este excepcional artista cómico enche totalmente a cação da película, constituindo uma das suas grandes atracções.

Não admira que «Os prazeres da cidade», título irónico, a substanciar o sarcasmo sorridente que perpassa em todo o filme, tenha obtido o Grande Prémio do Humor cinematográfico. Para tal contribui, também, a trepidante realização de Alex Joffe, a explorar hábilmente o ritmo vertiginoso da vida cosmopolita numa grande urbe, e tirando o máximo partido dos magníficos recursos do grande cómico gaulês.

Também a qualidade do filme foi consagrada pelos galardões que o filme recebeu nos festivais de Cork e de Oberhausen.

NO MONUMENTAL

Em pleno êxito a comédia «Vamos contar mentiras»

No Teatro Monumental continua em pleno êxito a mais divertida comédia de Alfonso Paso, «Vamos contar mentiras», que provoca uma tempestade de gargalhadas com as situações hilariantes criadas pelos intérpretes e que deixam em boa disposição todos os espectadores.

Neste incomparável espectáculo salienta-se o inimitável Raul Solnado, ao lado de Florbela Queirós; e ainda Armando Cortez, Santos Carvalho, Lourdes Cabral, José Alberto, Lyne Mota e Braga Santos.

Todas as noites, às 21.45, para maiores de 12 anos, e a preços acessíveis a toda a gente.

PORTO
(SECO)
O MELHOR
APERITIVO

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«O Máscara de Ferro», no Tivoli

A agradável sala do Tivoli esgotou-se, ontem, à noite, na estreia da produção franco-italiana «O Máscara de Ferro», filmada em cine-mascópio e a cores, que nos fala humoristicamente — segundo uma tradição do cinema francês — de episódios da História da França.

O realizador Henri Decoin trouxe à tela, de novo, o enigma do Homem da Máscara de Ferro, irmão gêmeo de Luís XIV, preso na fortaleza da ilha de Santa Margarida. No entanto, a figura principal, o herói da história, é o famoso D'Artagnan, o capitão dos mosqueteiros do rei, que ressurgiu mais valente e aventureiro do que nunca.

Interpreta, notavelmente, essa figura gigantesca o actor Jean Marais, bem acompanhado por Claudene Auger, Jean-François Poron, Jean Lara, Sylvann Koscina, Giselle Pascoal e Enrico Salerno.

O filme, que tem apenas o objec-

TAUROMAQUIA

Em Montemor-o-Novo

Em Montemor-o-Novo, onde há a Feira Nova, realiza-se no próximo domingo, às 17 horas, uma tourada à antiga, com os cavaleiros Alberto Luís Lopes, José Mestre Baptista, José Maldonado Cortes e dr. João Inácio Freixo e o Grupo de Forcados Amadores de Montemor.

tivo de distrair, é neste aspecto um espectáculo muito interessante.

O programa inclui o jornal «Actualidades Francesas» e o desenho animado «O elefante cortador de lenha». — VISOR 33.

RECITAL DE POESIA duma jovem brasileira

Amanhã, às 21 e 30, a pequena declamadora brasileira Aranza Maria dará, no salão da Casa da Imprensa, um recital de poesias portuguesas e brasileiras.

Foram convidados a assistir os srs. dr. Negrão de Lima, embaixador do Brasil, e prof. Glaston Chaves de Melo, adido cultural, bem como outras individualidades brasileiras e portuguesas.

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

Na igreja de S. José, consorciaram-se o sr. Fernando Augusto Marques, filho do maestro Januário Augusto e da sr.ª D. Maria da Conceição Marques, já falecidos, e a sr.ª D. Elvira Maria Carapinha, filha do sr. José Jacinto Carapinha e da sr.ª D. Florinda Maria Ribeiro Carapinha. Apadrinharam o acto, por parte do noivo, seu irmão sr. José Nascimento e a sr.ª D. Fernanda Correia dos Santos, e por parte da noiva seus pais. Em casa do irmão do noivo, sr. Joaquim Augusto marques, houve um copo-d'água.

Para os nossos pobres

De C. F. S. recebemos, para os nossos pobres, vinte escudos, «pelo eterno descanso do saudoso empresário Ricardo Covões».

SERÃO para trabalhadores

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho leva a efeito no próximo dia 6, no salão de festas de «A Voz do Operário», um serão para trabalhadores, dedicado a todos os seus beneficiários.

Os bilhetes podem ser levantados a partir de amanhã, na Tesouraria da F. N. A. T., na Calçada de Santana, 180.

voos nocturnos para LONDRES

TAP
BEA
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
BRITISH EUROPEAN AIRWAYS

Informe-se no seu Agente de Viagens sobre as tarifas especiais para os VOOS NOCTURNOS que a TAP e a BEA operam entre Lisboa, Porto e Londres. A ida-e-volta a Londres poderá custar-lhe, em classe turística, 3.386\$90 de Lisboa ou 2.997\$30 do Porto.

CASINO ESTORIL

APRESENTA TODAS AS NOITES

TRES GRANDES VEDETAS DO MUSIC-HALL INTERNACIONAL

ANTÓNIO ROSSANO

(DO «THEATRE DU CHATELET» DE PARIS)

O TENOR PORTUGUÊS QUE TRIUNFOU EM FRANÇA

JOAN RHODES

ATRACÇÃO
FABULOSA
DO FILME
«MUNDO
A NOITE»



«ALUMIM»

GRANDE BALLET ISRAELITA

com URRÍ SHAOOLÍ

NUM MARAVILHOSO ESPECTÁCULO DE FOLCLORE

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo, 60\$00: Nos outros dias, consumo mínimo, 40\$00. Todos os dias, jantar, 65\$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

No CINEMA, às 21.30: «RAIZES DO CRIME»

TODOS OS DOMINGOS, «MATINÉE», AS 17 HORAS
Chá completo — 25\$00 (Taxas e impostos não incluídos)

O MESMO «SHOW» EXIBE-SE TODAS AS NOITES NO
TERRAÇO DAS ESTRELAS do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)

TODOS OS ANOS A SELECÇÃO DO

IMPÉRIO

ENRIQUECIDA COM UM FILME POLICIAL DE EXCELENTE QUALIDADE

ESTE ANO FOI ESCOLHIDA A EXEMPLAR REALIZAÇÃO DE

JEAN PIERRE MELVILLE

O DENUNCIANTE

(LE DOULOS)

DE EMOCIONANTE ACÇÃO, PARA SER VISTO DA PRIMEIRA À ÚLTIMA IMAGEM

NOTÁVEIS CRIAÇÕES DE

JEAN-PAUL BELMONDO • SERGE REGIANNI • JEAN DESAILLY

ESTREIA — 4.ª FEIRA

EXCL. «LUSOMUNDO» — ADULTOS — M/ 17 ANOS



Sete jovens—que a revista é de gente nova—ensaiam uma das cenas de «Bikini»

UM NOVO TEATRO NO VELHO PARQUE MAYER

«BIKINI»

ESTREIA-SE

AMANHÃ

no «ABC ao ar livre»

A vida e a arte são elementos dinâmicos, em movimento, sistemas de luz e de sombras no universo humano. O Teatro rege-se por essa lei. Pois, por um desses movimentos artísticos, dos que procuram a permanente renovação teatral, em todos os seus aspectos, um novo nasce amanhã, no Parque Mayer. Chama-se Pavilhão Português, é um novo «ABC ao ar livre» e oferecerá uma agradável surpresa ao lisboeta que passa, na cidade, os meses longos de Verão e, muitas noites, boceja de tédio por não ter para onde ir... Compreendendo-o, o empresário José Miguel lançou mão da juventude para levar por diante uma util iniciativa. Novos autores, novos artistas, bailarinas e coristas vão ser julgados pelo público do espectáculo «Bikini», que se estreia amanhã e tem hoje o ultimo ensaio. Para a apresentação do espectáculo, foi preciso construir o palco necessário. Na montagem empregaram-se 10 metros cúbicos de madeira, ou sejam, 32 vigas, 380 barrotes e 320 pranchas e tábuas de várias espessuras.

Os autores são César de Oliveira, já «veterano» em teatro musicado, mas jovem na idade; Francisco Nicholson, actor, autor e encenador que se apaixonou pela revista e se revela no teatro musicado; e Rogério Bracinha, um estreante. Os três gizaram um espectáculo de características diferentes do que é habitual.

Quando ali fomos, disse-nos o empresário José Miguel:

«A revista é, essencialmente, um espectáculo de evolução constante. Nenhuma obra de palco como a revista tem de viver o seu tempo e acompanhar a vida, passando mesmo, às vezes, adiante de um e de outra. Por isso, decidi lançar um espectáculo, que mostrasse a quantos se interessam pelo género musicado, que o teatro de revista em Portugal pode voltar a encontrar o seu lugar na preferência do público. Para isso, estabeleci regras de ordenação dos mais equilibrados, com a colaboração dos que quiseram meter ombros comigo a esta tarefa apaixonante de criar um novo espectáculo, que se ofereça ao público a preços mais acessíveis».

Soubemos que a média desses vencimentos se cifra nos cinco mil escudos mensais.

O unico veterano na companhia é Pinto de Campos, um artista com espírito jovem, que desenhou 130 figurinos para um total de 232 fatos, e 30 cenários.

Como novidade, a tradicional orquestra de revista é substituída por um conjunto moderno, executando musica de um novo: José Magalhães, valor positivo da sua geração, unico musico português na Young International Band, que representou a Europa num dos maiores festivais de «jazz» realizados nos Estados Unidos e para a qual foi seleccionado entre 450 dos melhores elementos do Velho Continente. José Magalhães revela-se inspirado compositor e orquestrador moderno nas melodias que o publico vai ouvir em «Bikini».

No «ABC ao ar livre», trabalham 114 pessoas, entre artistas, pessoal de palco, electricistas, aderecistas, maquinistas, carpinteiros, costureiras, porteiros e arrumadores. São 114 pessoas que trabalharam apaixonadamente para oferecerem ao publico um espectáculo atraente e moderno, dando uma chicotada na crise em que se debate o teatro ligeiro.



O bailado tem lugar de primeira linha na nova revista

suras, e 80 quilos de pregos de diversos tamanhos. Nas obras de decoração interior trabalharam 17 homens, entre carpinteiros, pedreiros e pintores, que há um mês iniciaram esta tarefa. Foram, ainda, adquiridas 500 novas cadeiras de verga, que formarão uma plateia que oferece a maior comodidade. No que se refere à companhia, a idade dos seus elementos varia en-

Cartaz das Cineimas

TIVOLI

A's 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite (M. 17 anos)
JEAN MARAIS e Sylvana Koscina

Telefone 50595

na admirável aventura de amor e duelos

«O MÁSCARA DE FERRO»

A's 18.30 — Terça-feira clássica — «O VENENO DA COBRA» — com Humphrey Bogart e Aldo Ray.

EDEN

A's 15.30, 18.30 e 21.45
(Maiores de 12 anos)

Telefone 320768

Um espectáculo de grande emoção

A MÃO MALDITA

UM FILME POLICIAL DE EDGARD WALLACE

ROMA

A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
Realismo forte, poderoso e rude numa luta dramática

Platela 72778 Balcão 729192

VIA MALA

com Cristine Kaufmann, Gest Frök e Joachim Hansen
AR CLIMATIZADO

SAO JORGE

A's 15.15 - 18.15 e 21.30 (Adultos)

Telefs. 54153/4

Um romance audacioso

A POSSE DO AMOR

com Lana Turner e Efram Zimbalist Jr — COLORIDO —

Vai para férias?

Não se esqueça do seu amigo e fiel companheiro de todas as tardes.

Diário de Lisboa

assegurando o seu envio diário para as praias, termas ou campo, pelo regime especial de

Assinaturas de Verão

que podem ser pedidas desde já, nos nossos escritórios, Rua da Rosa, 57, 2.ª

10 dias ... 10\$00
20 dias ... 20\$00
30 dias ... 30\$00

SAO LUIZ

A's 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 17 anos)

Telefone 327172

Um drama de amor terno e sensual

CORAÇÃO QUE BATE

com J. L. Trintignant e Françoise Brion

POITEAMA

A's 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 17 anos)
A SENSACIONAL FARSÁ DO MAIOR CÔMICO DO MUNDO

Telefone 326305

CANTINFLAS, DEPUTADO

com Gloria Mange e Andrés Soler
A história de um barbeiro transformado em advogado, regente de orquestra e deputado.

(Maiores 12 anos)

MONUMENTAL

A's 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)

Telefone 555131

O eterno amor em

AS AVENTURAS DE D. JUAN

com Errol Flynn e Viveca Lindfors

ODEON

A's 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 17 anos)

Telefone 326283

EM 2.ª SEMANA DE GRANDE ÊXITO

A comédia de permanente gargalhada

TU E EU SOMOS 3

com Analia Gade e Alberto Mendonça
Uma história que revela as mulheres os perigos de se casarem por procuração

Eastmancolor. (M. 12 anos)

A's 17 e 21.30 (M. 17 anos)

RAIZES DO CRIME

com William Sylvester e Mai Zetterlin

CINEMA IDEAL

A's 21 horas (M. 12 anos)

Telefone 324194

A MINA

S. O. S. PACIFICO

GERRASSI

A's 21 horas (M. 12 anos)

Telefone 320917

CORAGEM É A SENHA

SEM TALENTO PARA MATAR

LIZ

A's 21 horas (M. 17 anos)

Telefone 48560

OS AUDACIOSOS

IMPÉRIO

A's 15.15 e 21.30 (Adultos)

Telefone 555134

OS PRAZERES DA CIDADE

Grande Prémio do Humor com BOURVIL, PIERRETTE BRUNO e a Cidade de Paris

CONDES

A's 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

Telefone 222523

Um tema apaixonante!

Adorava os homens e o dinheiro... e vivia no fio da violência, ela era a...

RATOEIRA HUMANA

com Jeffrey Hunter, Stella Stevens e David Jansen

(PANAVISION)

AR CONDICIONADO

ALVALADE

A's 15.45 (p. r.) e 21.45 (M. 17 anos)

Telefone 763086

Uma história como muitas contada como nenhuma!

CORAÇÃO QUE BATE

com J. L. Trintignant e Françoise Brion

AVIS

A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)

Telefone 47163

O plano mais criminoso de todos os tempos

A MÃO INVISÍVEL DO DR. MABUSE

com Lex Barker, Karin Dou e Siegfried Lowitz

AR CONDICIONADO

RESTELO

A's 21.15 (M. 17 anos)

Uma produção nacional

Telefone 410375

PARQUE DAS ILUSÕES

com Laura Alves e Eugénio Salvador

ROYAL

A's 21 horas (M. 17 anos)

Telefone 865037

A REVOLTA DO MONSTRO

CONVERSA DE TRAVESEIRO

ESPLANADA PORTUGALIA

A's 21.30 (M. 17 anos)

Telef. 476

DEMÓNIOS VOADORES

PASSOS EM FALSO

BRITO & BRITO

HAUTE COIFFURE
FRANÇAISE ★ ★ ★

AV. DA LIBERDADE 236, R/C DT.
TEL. 5 29 44 — 4 07 21 — LISBOA

FRENTE AO CINEMA S. JOSÉ
TELEFONE 28 14 32 — CASCAIS



EM CASCAIS

Com a colaboração permanente de

JOSÉ JÚLIO

Segundas e Quintas-feiras
(ANTÓNIO)

Terças e Sábados
(SÉRGIO)

Quartas-feiras (MARTIN)

Sextas-feiras
(ARMANDO BRITO)

Como em Lisboa, uma equipa feminina
a pentear a preços muito acessíveis e sem
gratificações

RECINTOS DE DIVERSÕES

Exibe-se brevemente em Sines o jovem Sidónio Gonçalves, natural daquela vila, e que interpretou no filme «A vida de Fernando Fariña», o papel de «Miúdo da Bica».

— Regressa brevemente do Brasil o violista José Pinho, que será homenageado pelo Grupo Artístico Familiar «Os Ratas».

— Na sua recente deslocação ao Casino da Figueira da Foz, o conjunto «Danças Regionais de Portugal», perdeu entre Leiria e Alcobaca, um «Brinquinho», que lhe faz muita falta. Quem o achou pode telefonar para 670011, ou escrever para a Rua Coelho da Rocha, 73, rés-do-chão, direito.

— A popular artista Vitória Maria, que está a alcançar grandes êxitos nas suas actuações, e o fadista Alfredo Duarte Jr. participam no piquenique organizado pelo grupo «Andorinhas da Carris», que se efectua no próximo domingo, numa quinta próximo do «Muxito».

— O aficionado do fado sr. Francisco Martins de Matos vai inaugurar brevemente, no Seixal, uma esplanada com cantos e guitarradas.

— Regressa brevemente ao Brasil o apreciado violista José Pinho, que vai ser homenageado pelo Grupo Artístico Familiar «Os Ratas».

— E' amanhã, que na casa típica «A Vela», se efectua a festa artística da estimada cantadeira Beatriz Ferreira, na qual participam — O conjunto de «Danças Regionais de Portugal», constituído por Toni Teixeira, Zuraide, Manuel Saude, Valentina e o acordeonista Tulio Pereira, tem actuado com geral agrado no «Rossini».

— A popular fadista Esmeralda Amodeo, que vai entrar na revista «Bikini», está interpretando, com grande agrado, o fado «A cruz da vida», musica de Tulio Pereira e letra de Carlos Conde.

— O acordeonista Tulio Pereira e o poeta Carlos Cardo, sócios honorários do Grupo «Os Astronautas», da Cova da Piedade, escreveram o hino para aquele agrupamento, bem como outro, dedicado às escolas juvenis do Grupo Desportivo daquela freguesia.

AMANHÃ, NO ODEON, EM ESTREIA: UM ÊXITO MUNDIAL

REAPARIÇÃO DA QUERIDA VEDETA

PAQUITA RICO

NUMA ADMIRAVEL REALIZAÇÃO
DO FAMOSO MESTRE LUÍS MARQUINA

UM «IMBRÓGLIO» ONDE O RISO ANDA A SOLTA
NUM «MILAGRE» DE FANTASIA BURLESCA

DELICIOSA HISTÓRIA DE UMA MULHER
QUE TINHA A «DESGRAÇA» DE OS MARIDOS
FALECEREM ANTES DA NOITE DE NUPCIAS



EASTMANCOLOR
(MAIORES 12 ANOS)
Excl. da SONORO FILME

SOLTEIRA

A MAIOR SURPRESA
DA TEMPORADA!

UMA COMÉDIA DE EXTRAORDINÁRIA ORIGINALIDADE

VILA FRANCA

Domingo, 7, às 17,45

Festas do «Colete Encarnado»

9 TOIROS DE CASTA ESPANHOLA
DO EX.MO SR. DR. JOSÉ MANUEL
DE ANDRADE, DE ALMEIRIM

CAVALEIROS:

Pedro Louceiro
David R. Telles

MATADORES:

Diamantino Vizeu
José Trincheira
Armando Soares

Forcados Amadores de Lisboa do Ex.º
Sr. NUNO SALVAÇÃO BARRETO

Grandiosa espera de toiros às 10.30 horas

PREÇOS DESDE 30\$00

Bilhetes á venda em Lisboa, na
ABEP, nos Restauradores, Tabacaria
Freitas, na R. 1.º Dezembro, e na
ABELHA, na Av. de Roma, e em Vila
Franca, nos locais do costume.

MAIORES DE 6 ANOS

Este espectáculo não será televisionado

VASCO MORGADO APRESENTA
DOIS ESPECTACULOS SÓ PARA RIR!



AVE-
NIDA
(ADULTOS)
6.º

SEMANA
Às 21.45 h.
uma comédia
de MARC
CAMOLETTI

Caiu do céu uma noiva

COM
HUMBERTO MADEIRA
BERIA LORAN e
RIBEIRINHO
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

NOS DOIS
TEATROS



MONU-
MENTAL
(12 anos)
12.º

SEMANA
Às 21.45 h.
uma comédia
de ALFONSO
PASO

Vamos contar mentiras

COM
RAUL SOLNADO
FLORBELA QUEIROZ
ARMANDO CORTEZ

BALCÃO PARA O POVO
2\$50 e 5\$00

COLISEU

Emp. Ricardo Covões Herds.
SÓ HOJE, ÀS 21.30
(Maiores de 12 anos)

Os grandes filmes
CANÇÕES UNIDAS
e
A NOIVA

AMANHÃ
ESTREIA DO FILME
BATALHÃO SUICIDA



YOLA



AO AR LIVRE



JOÃO M.
TUÊLA

Amanhã ESTREIA

BIKINI

GERAL A 7.50 — POLTRONAS DESDE 15.00
AS MARCAÇÕES SÓ SERÃO RESPEITADAS ATÉ ÀS 21 HORAS DE HOJE

2

SESSÕES
às 21,45
e 23,15
HORAS



IRENE CRUZ



NICHOLSON



HENRIQUETA MAYA

MAIORES
17 ANOS

QUEM DE QUALQUER PARTE DO PAÍS CHEGA
À CAPITAL NÃO SE DISPENSA DE VISITAR

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
OS ECOS DA SUA BELEZA, DAS SUAS ATRACÇÕES E DO
BEM-ESTAR QUE ALI SE DESFRUTA, CONSTITUEM A SUA
MELHOR PROPAGANDA, FEITA PELOS MILHARES DE VI-
SITANTES QUE AFLUEM TODAS AS NOITES
AO MARAVILHOSO RECINTO

O PARQUE DE ENTRECAMPOS

ABERTURA ÀS 19 HORAS



TRANSPORTES FÁCEIS, DIRECTOS E ASSEGURADOS

RESPONSABILIDADE OU IRRESPONSABILIDADE

TRIBUNA
LIVRE

Certos economistas afirmam que a sociedade de hoje transforma o operário numa «coisa» — numa palavra, teria degradado o operário. Será de facto assim?

Não há dúvida que o progresso da técnica não ajudou o operário a adquirir uma nova filosofia da vida. Ninguém contestará que a fábrica não elevou o operário. Mas será sómente em regime capitalista?

Tão-pouco há dúvida de que o operário hoje em dia deseja passar ao «estado de homem». As horas de trabalho na fábrica são encurtadas cada vez mais, permitindo-lhe assim perfazer a sua cultura. Mas se o operário quer sair da sua casca, acontece ao burguês um fenómeno bem diferente: o burguês «coisificou-se» porque já «não é» — não é porque «possui».

O operário de hoje tende a seguir

Entrou em vigor a título provisório o acordo internacional do café

NOVA YORK, 2 — O acordo internacional do café, aprovado em 28 de Setembro do ano passado, pela O. N. U., entrou provisoriamente em vigor, ontem, depois de ratificado pelo Governo sueco. O texto previa, com efeito, que o acordo entraria provisoriamente em vigor quando 10 países importadores e pelo menos 20 países exportadores tivessem ratificado a convenção ou manifestado a intenção de fazê-lo.

O acordo, que abrange um período de cinco anos, entrará plenamente em vigor quando o número requerido de países importadores e exportadores (10 e 20) tiverem, efectivamente, depositado os seus instrumentos de ratificação.

Nos termos da convenção, o secretário-geral da O. N. U. deve, a partir de agora, convocar a primeira sessão do conselho internacional do café. Esta iniciará-se, em Londres, no próximo dia 29. — (F. P.).

EXERCÍCIOS NAVAIS LUSO-ESPAÑHÓIS

MÁLAGA (Espanha), 2 — Encontra-se no porto de Málaga uma formação naval luso-espanhola, que vai realizar os exercícios denominados «Iberex 63».

Os barcos de guerra chegados são: os draga-minas portugueses «Angra do Heroísmo» e «Ponta Delgada», um lança-minas português e sete draga-minas espanhóis. Os exercícios começam amanhã. — (A. N. I.).

HOMENAGEM ao escritor Jean d'Esme na Casa do Algarve

A Casa do Algarve promove amanhã, às 21 e 30, um serão de homenagem ao escritor Jean d'Esme, pela publicação do livro «Les Chercheurs de Mondes» — «L'Épopée maritime de Henrille-Navigateur», com que se associou às comemorações henriquinas, em 1960, e à memória de D. Mécia Mouzinho de Albuquerque, tradutora do referido livro.

Usarão da palavra os srs. major Mateus Moreno e dr. Alberto Iria, respectivamente, presidentes da direcção e da comissão cultural da colectividade, e serão entregues diplomas de gratidão e louvor ao homenageado e à representante da tradutora, sr. D. Fernanda Mouzinho de Albuquerque.

Após a leitura de passagens da tradução do referido livro será executado ao piano um trecho musical da autoria do sr. Arnaldo Martins de Brito sobre versos de Jean d'Esme.

Ministro das Corporações

No regresso da sua viagem à Suíça, chega amanhã, às 18 e 30, de avião, a Lisboa, vindo de Roma, o sr. ministro das Corporações,

aquele que se dá, não aquele que possui. Numa palavra: aquele que é, aquele que sabe distribuir um pouco de calor humano.

Vivemos em plena anarquia de valores, porque o nosso meio está «quebrado». Se conseguimos consolidar as nossas bases políticas, não conseguimos fazê-lo para as económicas. A pobreza do nosso solo não nos transformou em povo de pesquisadores, ao contrário de outros mais adiantados, mas vivendo em climas mais hostis. Vivemos em economia «anormal», porque os nove milhões de habitantes que povoam este País vivem em economia marginal. A nossa posição é frágil e vivemos em estado de tensão constante.

A nossa civilização sofre de ausência desta refracção do espiritual sobre o temporal que já foi o princípio da nossa existência. Basta, para nos convencer, verificarmos quanto às nossas universidades falta de harmonia. Fabricamos técnicos, os quais, cada um na sua célula autónoma e fechada, sómente se preocupam em atingir um grau de eficiência necessário, sem se preocuparem com o factor «calor humano».

E se o século XX forjou na Europa ocidental uma nova raça de grandes homens, já estes não são nem santos, nem heróis, nem pensadores, nem artistas, como antigamente, mas, bem como nos países comunistas, esta nova raça chama-se os industriais.

A vinda do «homo faber», do «homo industrialis», precipitou injustamente na sombra os antigos guias da Humanidade. O sonho do moço de hoje não será ser um grande industrial? Mas estes industriais que despontam — serão eles os nossos guias? Creio que não.

A meu ver, não se trata sómente de produzir. A estes industriais — aqui como lá fora — falta a direcção do espírito. Sem a esperança, o trabalho transforma-se em actividade morta, e o homem transforma-se numa coisa. Dizíamos, ao princípio: O homem «coisificou-se». As «élites» do nosso País, co-

mo em toda a parte, preferiram o ter ao ser. A criação transformou-se em produção e apagou-se a marca do homem. Apagando-se a marca do homem, perderam as nossas «élites» qualquer autoridade humana. Há quem chame aquilo progresso? Duvido.

Assim, já não segue o homem da rua as «élites», porque não deseja — e muito bem — imitá-las. «Elites» estas que já não acreditam na «graça» mas sim acreditam muito mais na vontade e na contabilidade.

Não creio que os marxistas possam servir de modelo e dar-nos a chave do problema. Não devemos dizer, como eles: O espírito da Humanidade provém da Humanidade. Mas temos que nos preocupar com o Homem e com... Deus — se não queremos precipitar a nossa ruína.

Teremos, pois, de pôr um pouco de ordem nesses valores. Se as nossas universidades querem formar homens e não sómente técnicos, teremos que situar um diálogo com as disciplinas do Espírito, da Teologia e da Filosofia. Que me seja permitido dizer que a Igreja tem aqui a sua parte de responsabilidade. Deu importância a mais ao vertical, às relações pessoais com Deus; mas ignorou completamente as relações com o horizontal, isto é, com o Homem.

Mas é a ela que em parte incumbe criar estes homens novos, estes verdadeiros responsáveis, guardas e guias dos nossos irmãos. Ora, uma sociedade marxista, por essência e por sistema, não pode fazê-lo. Eis também o drama íntimo de todos os intelectuais além «cortina de ferro». Não sabem onde se «agarrar».

Quanto a nós pensamos que a sociedade de amanhã sómente poderá chamar-se assim se ela quiser reger, pondo acima de tudo o culto da Força Superior que nos rodeia. Meu pobre pai costumava dizer talvez de uma maneira mais simples: «Não há só o papel e o lápis — há Outra Coisa!...».

CONDE DE STUCKY DE QUAY

MONUMENTOS DE LISBOA JOÃO DE DEUS

No Jardim Guerra Junqueiro, na Estrela, existe uma exedra à memória de João de Deus. Trata-se de um monumento, inaugurado em 1942, que tem ligado os nomes de dois grandes artistas: o do arquitecto Raul Lino e o do escultor Leopoldo de Almeida, autor do magnífico baixo-relevo em bronze com a efígie do poeta.

Nascido em São Bartolomeu de Messines, em 8 de Março de 1830, depois de ter aprendido as primeiras letras e latim na sua terra natal, foi para o Seminário de Coimbra, em 1849, de onde passou à Universidade, formando-se em Direito dez anos depois — o tempo da duração da guerra de Troia, como ele dizia. Daí até 11 de Janeiro de 1896, — o derradeiro dia da sua existência — a vida do poeta-educador da «Cartilha Maternal», revela, a par das dificuldades económicas, a riqueza do talento e da bondade que plenamente justificam a admiração de todos.

João de Deus — como disse o dr. Joaquim Manso, saudoso fundador do «Diário de Lisboa» — não fazia literatura; a sua obra é um acto de amor e uma prece espontânea da sua obra religiosa. A sua vida não é um produto trabalhosamente fabricado, mas um cântico que se modela com todo o fulgor, nos seus lábios.

A popularidade não veio para ele, com as tubas da fama; como os jardins, na Primavera, floriu e o perfume das rosas e dos lírios atraiu os namorados e os sonhadores, os inocentes e os humildes.

Foi essa atracção que deu o cunho nacional à grande manifestação que a mocidade lhe fez em 8 de Março de 1895, à qual se associou o próprio rei D. Carlos, que foi a «casa de

João de Deus levar-lhe uma condecoração.

É dessa altura esta espiritual carta que lhe foi enviada por Ramalho Ortigão:

Meu querido amigo
Interrompo um artigo que estou escrevendo para a «Gazeta de Notícias» com o título «João de Deus», para assinar, em nome do Chagas, doente, o ofício da Academia que V. encontrará junto a este bilhete. O dia de hoje pertence a uma risonha homenagem da mocidade, na qual o meu bigode russo parecerá uma mancha de bolor.

Por isso de escondidas, furtivamente rapidamente, atrás da porta, que eu o aperto ao meu coração, num estreito abraço, cheio de alegria, de ternura e da saudade.

Velho dedicado, admirador e amigo, a) Ramalho Ortigão.

Já em Julho de 1888 o Parlamento aprovava a proposta do deputado açoriano Augusto Ribeiro, criando o lugar de comissário-geral do método de leitura — «Cartilha Maternal», o que deu origem à seguinte carta que, de Vila do Conde, lhe mandou Antero em 15 do mesmo mês:

Meu João
Não fizeram mais do que pagar uma dívida, que eu, que os conheço, receio que ficasse sempre em aberto. Felizmente, enganei-me desta vez. Não sei quem foram os que propuseram a lei; se os conhecesse quereria dar-lhes os parabéns, coisa que um deputado raras vezes merece. Desde Janeiro que aqui estou sem desenterrar, com tédio e desgosto por tudo quanto se passa nesta pobre terra. Mas a notícia que hoje me trouxe o jornal, foi um raio de sol, que me entrou em casa.

Do teu do C.
a) Antero de Quental

PREVÊ-SE NOS ESTADOS UNIDOS A CRIAÇÃO DE «BANCOS DE DENTES»

CHICAGO, 2. — A criação de «Bancos de Dentes», em que ficariam armazenados dentes sãos para transplantação, é prevista pelo dentista dr. Miklos Cxerepfalvi, refugiado húngaro, em artigo publicado pelo «Journal of the American Dental Association», acerca dos êxitos clínicos obtidos em 48 de 50 transplantações dentárias efectuadas.

Cxerepfalvi conta que conseguiu realizar, com êxito, 86 transplantações daquele tipo, antes de deixar a Hungria, em 1957, para se instalar nos Estados Unidos.

Para que a operação resulte, o dente deve encontrar-se num estado de desenvolvimento tal que a estrutura da raiz só esteja formada em parte, achar-se impecavelmente sã, permitir a implantação nos alvéolos de forma a estar em firme contacto com o maxilar e estar livre de coágulos de sangue. Entre a extracção e a transplantação, deve ser conservado a temperatura de dois graus centígrados, numa solução salina equilibrada. Cxerepfalvi acrescenta que depois da transplantação, o doente deve ter o cuidado de evitar fazer qualquer esforço com o novo dente, durante três semanas. — (A. N. I.).

A INFLUÊNCIA DOS PORTUGUESES NO PASSADO DA ETIÓPIA POSTA EM EVIDÊNCIA NUM ARTIGO PUBLICADO EM ADDIS-ABEBA

ADDIS-ABEBA, 2 — «Se os portugueses não tivessem chegado à Etiópia, o país seria hoje, provavelmente, parte do mundo muçulmano» — escreve Yacob Wolde-Mariam, em artigo acerca da influência portuguesa no reino etíope.

E explica: «As relações entre Portugal e a Etiópia datam de há mais de 450 anos. Quando os turcos ameaçavam devastar o antigo reino cristão, a imperatriz Helena escreveu, em 1509, uma carta na qual propunha uma aliança entre Portugal e a Etiópia. Abria com as seguintes palavras a sua missiva ao rei D. Manuel, de Portugal: «Nosso muito estimado rei cristão, nosso caríssimo e amado irmão».

«A primeira missão portuguesa à Etiópia, chefiada pelo padre

Francisco Alvares, chegou aqui em 1520. O imperador Lebna Dengel, o Prestes João, como lhe chamavam os portugueses, formulou novo apelo para a aliança entre os dois países. Em 1527, Amede Gran, armado pelos turcos, apossou-se de Harar, comandou ataques contra os cristãos nos planaltos, deitou fogo às igrejas e chacinou os fiéis. Durante os dezasseis anos que se seguiram, o reino cobriu-se de sangue, sob o punho de Mohamed, o «canhoto».

O articulista observa que a intervenção dos portugueses, nessa ocasião, salvou a Etiópia. «Cristóvão da Gama, irmão de Vasco da Gama, veio em socorro dos perseguidos cristãos etíopes, com tropas e armas, em 1541. Ferido em combate, foi capturado e executado pelo próprio Gran em pessoa» — continua o narrador. «O que ficara das forças portuguesas, sob o comando de um imperador etíope, derrotou as tropas de Gran, e o temido Mohamed foi morto no campo de batalha, em 1543. Os muçulmanos foram assim, expulsos e a Etiópia voltou a ser um reino cristão».

Yacob Wolde-Mariam recorda que os portugueses foram os primeiros europeus a levar ao conhecimento da Europa a existência da Etiópia e a difundir a lenda do Prestes João. E prossegue: «Portugal, porém, só estaria disposto a aceitar novo apelo para uma aliança luso-etíope, que levasse as armas e as artes da Europa a fortalecer a monarquia etíope contra os inimigos internos e externos, em 1603, sob a condição de reconhecerem os etíopes o Papa como representante supremo de Deus na Terra».

O conflito entre católicos e copas mergulhou a Etiópia numa interminável guerra civil religiosa, e um imperador, cujo pai havia abdicado por motivos religiosos, expulsou os portugueses em 1632. Os castelos de Gondar, que actualmente se encontram em ruínas, foram construídos pelos portugueses no século XVII e erguem-se como lembrança viva da influência dos portugueses no passado da Etiópia. — (A. N. I.).

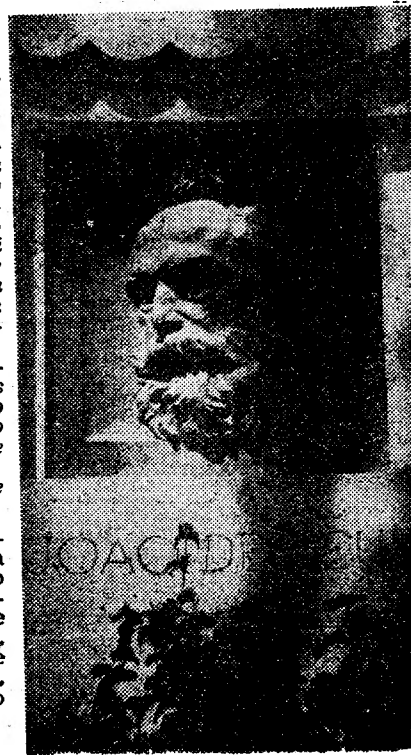
NOVOS DIRECTORES de duas Faculdades e da Escola de Farmácia

da Universidade de Coimbra

O titular da pasta da Educação assinou três portarias, a publicar em breve no «Diário do Governo», que nomeam os srs. profs. Alvaro Julio da Costa Pimpão, João Manuel Cotelto Neiva e José Ramos Bandeira para os cargos de directores, respectivamente, das Faculdades de Letras e de Ciências e da Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra.

O sr. dr. Cotelto Neiva sucede ao sr. prof. Andrade Gouveia, novo reitor daquela Universidade, e os srs. drs. Costa Pimpão e Ramos Bandeira aos srs. profs. Providência e Costa e Barros e Cunha, atingidos pelo limite de idade.

A posse dos novos directores será conferida, dentro de dias, pelo sr. prof. Andrade Gouveia, em cerimónia a efectuar na Sala de Actos da Universidade de Coimbra.



Mas... no próprio ano de 1895 — o ano do Festival de João de Deus — meses antes da sua morte, era retirado das escolas oficiais de Lisboa e do Porto, o seu método de leitura!

Não vale a pena comentar. Recordemos o que sobre o Poeta escreveu o visconde de Villamora, nos «Grandes de Portugal»: «Milionário de rimas e graça. Pobre a abarrotar de joias que ninguém quis».

«Os restos da sua simpleza jazem nos Jerónimos a rir, na decomposição demorada, o desprezo pelas homenagens, pelos homens...».

Linha de CASCAIS

Recebida com alegria a notícia de que o concelho de Cascais fora elevado a comarca

Grande regozijo popular sublinhou a notícia, ontem emanada do Ministério da Justiça, segundo a qual o concelho de Cascais fora elevado a comarca.

A nova, tornada publica em sessão extraordinária da Câmara Municipal, foi afixada nos estabelecimentos comerciais e nos pontos mais frequentados pelo público.

As bandas musicais do concelho (agora comarca de 2.ª classe) participaram na alegria geral.

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — As 21: «As pupilas do sr. reitor» (12 anos). **CASCAIS** — *S. José* — As 21 e 30: «Se te mexes mato-te» (17 anos). **OEIRAS** — *Oeiras Cine* — As 21: «Férias em Ischia» e «Maciste contra o Vampiro» (17 anos). **PAREDE** — *Royal-Cine* — As 21: «Congo» e «Quem era aquela garota» (17 anos). **ESTORIL** — *Casino* — As 17 e 21 e 30: «Raízes do crime» (17 anos). — *Cine-Explanada* — As 21 e 30: «Millonário sem vintém» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Branco* — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (Tel. 212081). **CAXIAS** — *Nova* — Rua Bernar dim Ribeiro, 1-A (Tel. 242339). **PAÇO DE ARCOS** — *Godinho da Silva* — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039). **OEIRAS** — *Central* — Rua João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058). **PAREDE** — *Aisir* — Bairro das Caixas de Previdência, lote A. **ESTORIL** — *Marques dos Santos* — Rua Ferreira, J.A., 15. (Mon te Estoril) (Tel. 260116). **CASCAIS** — *Marginal* — Avenida Marginal (Tel. 280078).

REORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS

de contribuições e impostos

O «Diário do Governo» publicou hoje, pelo Ministério das Finanças, um extenso decreto que aprova a nova organização da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos.

No preâmbulo do decreto lê-se o seguinte:

«A reorganização dos serviços das contribuições e impostos vai, pois, fazer-se fundamentalmente, dentro dos quadros tradicionais, através da criação, neles, de novos meios ou do reforço de meios já existentes, para que possam ser material e eficientemente desempenhadas todas as funções, e para que os funcionários possam acompanhar constantemente, na sua preparação, as exigências técnicas do próprio serviço ou o progresso, no campo teórico e prático, da ciência fiscal.

Enquanto não for regulamentada a Organização da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, observar-se-ão, com as adaptações julgadas necessárias, as disposições legais em vigor que não a contrariem, devendo ser resolvidas por despacho do ministro das Finanças as dúvidas que se suscitarem na sua aplicação.»

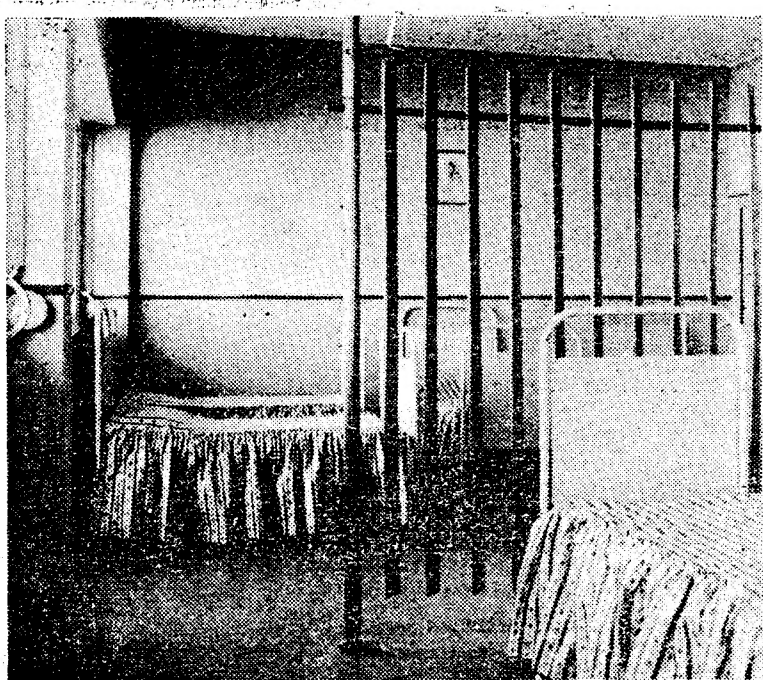
36.º ANIVERSÁRIO

da Associação de Beneficência «Louis Braille»

Como vem sendo já tradição, na Associação de Beneficência «Louis Braille» comemora-se, hoje, o 36.º aniversário da fundação desta prestimosa instituição, por meio de um sarau artístico e recreativo. A ele assistem directores, professores e individualidades ligadas à associação.

A festa inicia-se às 21 e 30, com algumas palavras pelo sr. dr. Carmo e Costa, presidente da direcção, seguindo-se uma palestra pelo sr. Vítor de Moura e Sá, lida pela sr.ª D. Leovina Marques.

Haverá um recital musical, de piano e violino e, ainda, a representação da peça em um acto «Incidente sem consequências», de Maria Luzia de Sousa. Serão, também, recitados alguns sonetos.



São assim acolhedores e familiares os dormitórios do internato infantil «Casa de Campo de Ourique», esta manhã inaugurado pelo provedor da Misericórdia

A Misericórdia de Lisboa começou hoje a comemorar o seu 465.º aniversário

Com especial solenidade vão celebrar-se este ano os 465 anos de existência da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a primeira de todas as instituições que, tanto em Portugal como no Brasil, tem sido pedra fundamental nas estruturas das actividades assistenciais e de saúde e escopo de profunda recuperação social.

A Misericórdia de Lisboa foi fundada em 1498 pela rainha D. Leonor, é dotada de autonomia administrativa e financeira e assegura e coordena na área de Lisboa assistência à família e à infância, a protecção materno-infantil e a assistência farmacêutica. Possui ainda serviços de medicina curativa e um vasto programa de reabilitação de diminuídos físicos.

A obra assistencial da primeira Misericórdia do País desenvolveu-se extraordinariamente nestes últimos anos, em superfície e em profundidade, actualizando métodos e concepções e coordenando as suas realizações com as directrizes superiores da Administração Pública, nos capítulos que lhe respeitam.

Desde fins de 1957 é provedor da Misericórdia o dr. José Guilherme de Mello e Castro, antigo membro do Governo onde, de 1954 a 1957, ocupou a pasta do então Subsecretariado de Estado da Assistência Social.

O programa das comemorações do 465.º aniversário da Misericórdia teve início hoje com a inauguração do internato infantil «Casa de Campo de Ourique» situado num imóvel de rendimento da instituição da Rua Tomás da Anunciação. Trata-se duma nova modalidade de internato, em moldes de moderna concepção de unidade tipo familiar e em regime aberto, para crianças de idade variável entre os 2 e 7 anos de ambos os sexos e meninas até aos 11. Estas crianças frequentarão a «cheche do Jardim da Estrela, o semi-internato de St.ª Isabel e a escola primária, consoante as idades, ou ainda o Jardim Escola João de Deus. A direcção do estabelecimento compete a uma educadora-chefe, dona de casa. As instalações estão aptas a receber cerca de três dezenas de crianças e com uma discreta simplicidade e bom gosto, denotam uma actualizada concepção funcional e equipamento cuidadosamente escolhido.

O provedor da Misericórdia, acompanhado pelo adjunto dr. Charters de Oliveira, chefes de serviços e numerosas entidades, chegou ali às 10 e 30 e visitou demoradamente todas as instalações manifestando vivo agrado por tudo o que via. A dr.ª Adelina Cercas Colaco, chefe dos serviços de assistência à infância explicou o funcionamento do novo internato infantil.

Seguidamente, o dr. Mello e Castro deslocou-se à Calçada da Ajuda para proceder à inauguração do novo Dispensário, no prédio do n.º 225, onde foi recebido pela enfermeira-superintendente que acompanhou os visitantes, descrevendo o estabelecimento, que tem como principais finalidades: prestar assistência materno-infantil no próprio dispensário e pela visitação domiciliária; concessão de produtos dietéticos e medicamentosos; assistência

clínica a adultos e protecção assistencial às 50 crianças do Jardim Infantil da Ajuda.

O referido Dispensário abrange uma vasta área compreendida pelas freguesias de Ajuda, Belém e S. Francisco Xavier, com uma população da ordem de 70 000 almas e faz parte do centro social e parquial da Freguesia de N.ª S.ª da Ajuda.

Por ultimo, todos os presentes se dirigiram para a Misericórdia a fim de se proceder à inauguração do centro mecanográfico dos serviços de contabilidade. O respectivo chefe dos serviços descreveu pormenorizadamente o moderno e eficiente equipamento, elucidando com demonstrações a capacidade de memorização e contabilização dos diversos elementos.

O dr. Paulo Daniel forneceu à Imprensa alguns elementos de informação, sabendo-se quanto complexa e profunda deve ser a tarefa contabilística da Santa Casa que engloba não só a gestão de inúmeros estabelecimentos, e investimentos patrimoniais, como concessão de milhares de subsídios, rendas de casa, exploração da Lotaria Nacional e do Totobola, vencimentos do pessoal, etc.

«No campo administrativo — elucidou-nos o dr. Paulo Daniel — a facilidade de obter rapidamente dados estatísticos, informações analíticas e verificações sistematizadas, é imperativo essencial de dinâmica e de progresso».

A mecanização dos serviços de contabilidade da Misericórdia tornou-se ferramenta imprescindível no surto de gestão administrativa. O volume das operações não teria cabal solução e sequência sem a implantação do moderno equipamento que consta fundamentalmente de três perfuradoras alfanuméricas e duas verificadoras, apoiadas em unidades de tabulação, separação e reprodução. O esquema envolve, ainda, a acção de uma máquina intercaladora e de outra interpretadora. Os dados contabilísticos são todos memorizados em sistema de cartões perfurados.

Pelas 17 e 30, começam na igreja de S. Roque, as cerimónias religiosas que culminarão o primeiro dia das comemorações do 465.º aniversário da Misericórdia.

No dia 6, as comemorações têm a presença do Chefe do Estado e de membros do Governo. Serão inaugurados, no bairro da Curraleira, uma creche e um jardim de infância. O Presidente da República será saudado por cerca de oito mil crianças, no estádio da F. N. A. T.

Estiveram presentes na Casa de Campo de Ourique e no Dispensário Materno-Infantil da Ajuda, entre outras pessoas, as sr.ªs D. Maria de Figueiredo, esposa do presidente da Assembleia Nacional; dr.ª Ana Arnaud, que representavam o Movimento Nacional Feminino; dr.ª Celeste Miranda, representando a Cruz Vermelha Portuguesa e dr.ª Maria Luísa Vanzeler, directora do Instituto Maternal. O sr. eng.º Ribeiro Ferreira, presidente da Junta Distrital, também compareceu, bem como vários médicos e pessoal superior da Misericórdia.

A actividade policial para descobrir quem seguia no automóvel roubado que originou o desastre de ontem

Não obstante as diligências efectuadas pela 1.ª Brigada da 1.ª Secção da P. J. para identificar o autor do furto do veículo DD 27-87 que, na manhã de ontem, colidiu violentamente no cruzamento da Avenida 5 de Outubro com a Avenida Miguel Bombarda com o veículo conduzido pelo dr. Rui Vasco de Oliveira Santos, que faleceu pouco depois, não foi ainda possível chegar a resultados concretos.

A violência do embate e os vestígios de sangue encontrados no veículo furtado, convenceram todavia de que o respectivo condutor ou qual-

quer acompanhante tenha ficado ferido. As primeiras diligências junto de hospitais, casas de saúde e postos clínicos não conduziram até agora a qualquer resultado positivo.

A 1.ª Secção da P. J. solicita, conseqüentemente, a todos os estabelecimentos de assistência médica com os quais ainda não tenha entrado em contacto, que lhe comuniquem qualquer serviço de assistência clínica prestado a partir das 6 horas de ontem e que, pela aparência da pessoa ou razão dos ferimentos, tenha suscitado ou venha a suscitar qualquer dúvida ou suspeita.

Admitindo ainda que o ferido ou feridos tenham podido afastar-se do local, tomando seguidamente um táxi, a P. J. espera da parte do motorista que tenha recebido qualquer cliente suspeito na área ou proximidades do local do acidente, a sua rápida comparência na 1.ª Secção.

Qualquer outra pessoa que tenha assistido ao acidente ou que sobre ele possa dar quaisquer esclarecimentos, deverá igualmente comparecer com a possível brevidade na 1.ª Secção (1.ª Brigada).

VENDEDORES DE LEITE autuados por venderem o produto adulterado

Devido a várias reclamações contra a má qualidade do leite, a Fiscalização exerceu apertada vigilância sobre a venda ambulante, de que resultou o processamento de vendedores na capital, na Amadora, em Sesimbra e em Almada, num total de sete indivíduos que vendiam leite falsificado com forte adição de água, um outro que vendia leite engarrafado com violação de cápsulas, e ainda outro por transportar, simultaneamente, bilhas com leite e uma com água.

Nas freguesias de Portuzelo, Talhares e Areosa, no concelho de Viana do Castelo; em Torres do Mondego (Coimbra) e em Caminha, foram autuados cinco vendedores ambulantes, por terem vendido leite falsificado, também por adição de água, e em Valença, uma vendedeira que fornecia leite sem as características legais.

58 padarias autuadas

Aos Serviços de Fiscalização da I. G. A. têm sido dirigidas várias queixas acerca do mau fabrico do pão, que se apresenta, por vezes, deficientemente manipulado. Análises oficiais realizadas em massas panares suspeitas, revelaram a falsificação com resíduos de farinhas de arroz e de milho. A venda de pão tem, também, suscitado reclamações quanto à falta de peso legal e ao preço cobrado além da tabela.

As brigadas activaram a fiscalização desta indústria, tanto em Lisboa como na Província, e levantaram 58 processos contra diversas firmas, por falsificação de massas panares, existência de farinha imprópria, especulação na venda, falta de peso, além da tolerância legal, falta de higiene, por não pesarem o pão no acto da venda e por falta de balanças e pesos.

VIDA RELIGIOSA

Faleceu a superiora geral das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

Em Nova York, faleceu, com 52 anos de idade, a Madre Maria Rita Romley, 7.ª superiora geral das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Doutorada em Filosofia, era figura de relevo no meio educacional dos Estados Unidos. Nos escasos três anos em que esteve à frente do seu Instituto, deu provas de insigne virtude e de excepcionais qualidades de governo. Espírito aberto ao progresso e aos problemas da sua época, sempre atenta às novas directivas pedagógicas da Igreja — que já aplicara com êxito durante o seu reitorado no «Marymount College», de Nova York — deu notável impulso no seu Instituto. As circulares regularmente enviadas às irmãs, são verdadeiros tratados sobre a vida religiosa, dentro das mais actualizadas e seguras correntes espirituais. A sua morte representa uma grande perda para o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Capela de Nossa Senhora da Glória

A mesa administrativa da Irmandade de Nossa Senhora da Glória, de acordo com o respectivo pároco, resolveu promover, na sua capela, ao Cardal da Graça, as seguintes cerimónias: dia 13, recepção do Sagrado Lausperene, às 17 e 30, com missa solene, em honra e louvor de Jesus Sacramento, seguida de procissão eucarística, ladainha e exposição do Santíssimo Sacramento; e no dia 14, às 11, missa, acompanhada a órgão e canticos, com pregação ao Evangelho e comunhão de fiéis; e, às 18 e 30, missa cantada, sermão, «Te Deum», procissão e bênção do Santíssimo.

O funeral do dr. Oliveira Santos

Ficou hoje sepultado no cemitério do Alto de S. João, o corpo do dr. Rui Vasco de Oliveira Santos, vítima do acidente de viação que se deu ontem de madrugada em Lisboa.

No préstito, que saiu às 11 horas da igreja da Pena, incorporaram-se muitas pessoas da família e da amizade do extinto, entre as quais alguns artistas de teatro que manifestaram o seu pesar ao actor Raul de Carvalho, sogro do dr. Oliveira Santos.

O dr. João Havelange encontra-se em Lisboa

Em gozo de breve período de férias, no qual aproveitará para tratar de assuntos relacionados com os II Jogos Luso-Brasileiros, encontra-se, em Lisboa, o sr. dr. João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos.

O ilustre dirigente declarou que o certame em que os atletas portugueses vão intervir está a despertar grande interesse no Brasil.

A Casa Pia de Lisboa festeja 183 anos de existência

O 183.º aniversário da Casa Pia de Lisboa é comemorado amanhã, com as seguintes cerimónias: às 9 festival, para alunos e suas famílias, no recinto da Secção de Pina Manique, com a presença do ministro da Saúde e Assistência; às 11, desfile dos alunos de todas as Secções, com bandas e fanfarras, da qual Secção para o Mosteiro do Jerónimos; às 11 e 30, missa solene, com a assistência daquele membro do Governo; às 16, deposição de um ramo de flores no túmulo de D. Maria I, na Basílica da Estrela; e às 17, deposição de um ramo de flores na estátua daquela Rainha, em frente do Palácio Nacional de Queluz.

Os directores-gerais da Aviação Civil no Ribatejo

Os directores-gerais da Aviação Civil da Europa, que ontem principiaram em Lisboa uma reunião respeitante a problemas de tráfego aéreo, deslocaram-se, esta manhã, em passeio turístico, ao Ribatejo.

O único acto oficial foi uma visita, às oficinas de material aeronáutico de Alverca — e o restante tempo livre foi gasto na apreciação da região ribatejana e de aspectos folclóricos.

Amanhã, no Estoril Palácio Hotel, efectua-se a segunda sessão de trabalhos desta 12.ª Reunião dos Directores-Gerais da Aviação Civil da Europa, que pela primeira vez se verifica no nosso País.

UM OCTOGENÁRIO afogado num poço

SARDOAL, 2 — O sr. Manuel Maria («Carrasco»), de 80 anos, casado com a sr.ª Maria da Conceição, residentes nesta vila, caiu a poço de uma horta que trazia a renda, e morreu afogado.

As autoridades verificaram não ter havido crime.

LET'S LEARN ENGLISH

Vocabulário principal da lição n.º 7 (parte 3) que a Radiotelevisão Portuguesa transmite amanhã, dia 3, pelas 20 horas.

Inglês	Português
I'm not	—eu não sou (estou)
you're not (you—tu não és (estás))	—tás
he's not (he isn't)—ele não é (está)	—ele não é (está)
she's not (she isn't)—ela não é (está)	—ela não é (está)
it's not (it isn't)	—não
we're not (we aren't)—nós não somos (estamos)	—(estamos)
you're not (you—vós não sois (estais))	—(estais)
they're not (they—eles (elas) não são (estão))	—são (estão)

N. B. — Reparem que não existe a segunda forma da contração na primeira pessoa singular.

She's not a secre.—Ela não é secre-tary

She isn't a secre.—Ela não é secre-tary

There's not a book.—Não há um li-on the desk na secretária

There isn't a book.—Não há um li-on the desk na secretária

It's seven thirty.—São sete e trinta-five

minutes to eight.—São vinte e cinco

It's twenty-five.—São vinte e cinco

It's seven forty.—São sete e quarenta

It's twenty minu.—São vinte para tes to eight as oito

It's seven forty.—São sete e quarenta e cinco

It's a quarter to.—É um quarto para as oito

It's seven fifty.—São sete e cinquenta

It's ten minutes.—São dez para as to eight oito

It's seven fifty.—São sete e cinquenta e cinco

It's five minutes.—São cinco para to eight as oito

get up.—Levanta-te

I'm getting up.—Estou a levantar-me

I'm eating break.—Estou a comer o pequeno almoço

Eat your break.—Como o teu pequeno almoço

LET'S LEARN ENGLISH

Volume I e II à venda em todas as livrarias

Preço de cada volume: 47550

LIVRARIA BERTRAND

O prof. Moses Amzalak vai ser homenageado pela Universidade Técnica

A Universidade Técnica presta homenagem, na próxima sexta-feira, às 16 horas, ao seu último reitor, sr. prof. Moses Amzalak, que recentemente atingiu o limite de idade.

Será descerrado um retrato da-quele catedrático, cerimónia a que presidirá o actual reitor, prof. Leite Pinto, assistindo os directores de todos os institutos e escolas da Universidade, que assim manifestam ao homenageado o seu reconhecimento pela obra por ele realizada enquanto dirigiu os destinos daquela corporação universitária.

COMANDO NAVAL DE ANGOLA

Um decreto da Presidência do Conselho e dos Ministérios da Marinha e do Ultramar, publicado hoje na folha oficial, define a zona confinante com as instalações do Comando Naval de Angola, na ilha de Luanda, e estabelece a natureza de trabalhos terrestres, voos ou outras actividades proibidas naquela zona.

Brilhantes grandes

BOM EMPREGO DE CAPITAL

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Telef. 324564

Duzentos sargentos dos três ramos das Forças Armadas foram presos na Argentina como conspiradores peronistas

BUENOS AIRES, 2 — Cem sargentos do Exército e outros cem da Marinha e da Aeronáutica foram presos, juntamente com um capitão de uma companhia de transmissões — soube-se em Buenos Aires.

Esses militares pertenceriam a um grupo dirigido pelo general Iniguez, «leader» peronista, contra quem foi passado um mandado de captura. — (F. P.).

ATMOSFERA DE INCERTEZA

BUENOS AIRES, 2 — Os 69 partidos políticos que responderam à convocatória para as eleições gerais

Nova edição de um livro notável de Orlando Ribeiro



Prof. Orlando Ribeiro

Na obra já vasta de investigação e divulgação das ciências geográficas que o prof. Orlando Ribeiro, nosso colaborador relevante, tem vindo a construir com larga projecção nacional e internacional, o livro «Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico» ocupa um lugar de especial interesse. A sua primeira edição veio a publico em 1945; e, como o próprio autor assinala no

prefácio da nova edição que foi agora apresentada pela Livraria Sá da Costa Editora, mais do que qualquer outro «serviu o propósito de difundir algumas ideias de geógrafo entre um publico menos habituado a tê-las em conta». Para essa projecção mais vasta contribuíram a universalidade dos temas versados e a elegância e sugestiva justeza do estilo, próprio de um cientista que é, ao mesmo tempo, um brilhante escritor.

Por isso se esgotou em breve prazo a primeira edição, tornando difícil o acesso a estas páginas que iluminam de claras perspectivas as realidades geográficas, humanas e históricas da terra portuguesa. Decorridos quase vinte anos, a nova edição revista e actualizada tem o mérito de uma quase renovação perante o publico da limpa e reflexiva mensagem científica e intelectual da obra. Durante esse tempo, diz o prof. Orlando Ribeiro, «se alarguei às ilhas atlânticas e a zona tropical o âmbito das minhas curiosidades e pesquisas, não afastei de mim as preocupações mediterrâneas e continuei aprofundando o conhecimento da pequena casa lusitana». Assim o reflectem as páginas renovadas de «Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico», mantendo embora a sua estrutura e forma iniciais. Segundo o autor, «é certo que nos últimos vinte anos as técnicas mecânicas penetraram largamente nas cidades e nos campos; mas elas não mudaram a pobreza fundamental do País, o seu baixo nível de vida e de educação, a estrutura tradicional da sua sociedade e a organização antiquada da sua economia. Parece até que, em confronto com as formas da vida moderna, aultam as nossas deficiências e mais se acrescenta a distancia que nos separa das nações prósperas e progressivas».

Sobre o vasto alicerce científico da obra, são estas realidades primordiais da vida portuguesa as que mais aultam no objectivo e clarificante estudo do prof. Orlando Ribeiro. Com ele poderão fundamentar os leitores advertidos não só a visão exacta da terra e da grei como a concepção que cada um quiser construir para as soluções que lhes são necessárias. O livro é profundamente inspirador e a sua leitura, além de estimulante da reflexão, é um prazer literário muito raro em criações desta índole. Alguns mapas de actualizada informação ilustram a obra na presente edição, de elegante e moderno gosto gráfico.

do dia 7, só manifestaram acordo entre si num ponto: nessas eleições joga-se o futuro político do país — escreve Bernardo Rabonovitz, da U. P. I., na crónica que hoje foi distribuída aos jornais.

Concorda-se ainda, geralmente, que o fundo da crise Argentina é uma economia segura pelos alfinetes de um «deficit» que vai aumentando aceleradamente. A consequência directa desse «deficit» é a falta de cerca de um milhão de habitações e a praga de um milhão de desempregados ou de semicupados.

Nestas circunstancias, as inclinações políticas da população voltam-se para o peronismo.

INQUIETAÇÃO NO EXÉRCITO

Vários factos demonstraram, durante a tarde de ontem, evidente inquietação nas fileiras militares:

Quando se disputava a ultima corrida no hipódromo de Palermo, situada junto dos quartéis da 1.ª Divisão Blindada, foi transmitida pelos amplificadores de som a ordem de retirada imediata de todos os automóveis particulares estacionados nas proximidades. Elementos da Polícia fizeram cumprir a ordem.

Na cidade de La Plata, jogava-se um desafio oficial de futebol em que intervinha o Boca Juniores. Os amplificadores de som transmitiram, a certa altura, a ordem de se retirarem e de se apresentarem nas suas unidades todos os militares presentes. Durante a noite, a cidade foi patrulhada.

Na cidade de Bahia Blanca, as patrulhas e guardas foram reforçadas, especialmente junto das emissoras e das redacções dos jornais.

Mais tarde, soube-se que as autoridades militares tinham tido informações de que «um grupo nacionalista» tencionava levar a efeito um «golpe de Estado».

Um comunicado publicado, á noite, esclarecia que «na previsão dessa tentativa, tinham sido dadas ordens para que se pusessem em execução todas as precauções de segurança».

Essas informações foram, mais tarde, desmentidas, mas mantem-se uma atmosfera de incerteza e de insegurança, praticamente, em todo o país. — (A. N. I.).

PARTIU PARA BONN

o dr. Hans Vacano

Partiu, ao princípio da tarde, para Bonn, o dr. Hans Karl Vacano que, durante quatro anos, desempenhou o cargo de 1.º secretário da Embaixada da Alemanha Federal em Lisboa e o de adido de Imprensa. Regressa ao seu país, a fim de desempenhar outra função diplomática, a de consul em Goteborg, na Suécia.

Tendo conquistado muitas amizades em Portugal, de que é grande amigo, teve uma despedida muito afectuosa, no aeroporto, onde estiveram a apresentar-lhe cumprimentos diversas individualidades, funcionários da Embaixada alemã e amigos.

Morto em combate

na província de Angola

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreu em combate, na província de Angola, o 2.º sargento António Teixeira Bernardo.

A prataria portuguesa no reinado de D. Afonso V

Da prataria portuguesa executada naquele reinado destaca-se uma cruz gótica com a marca do barco e os «Corvos de Lisboa».

Esta maravilhosa peça encontra-se exposta ao público na Ourivesaria Santa Filomena (em frente ao portão principal do Jardim Zoológico).



O Chefe do Estado, sua esposa e o presidente da Companhia, o industrial sr. Francisco Alves Quintas

Na inauguração das instalações da organização Quintas & Quintas o Chefe do Estado observou a amplitude da obra social ali projectada

Incorporado no programa oficial das Festas do Mar, que anteontem se realizaram na Póvoa do Varzim, que se revestiram do maior luzimento e de alto significado, como propaganda turística de uma das

mais características zonas de Portugal, o Chefe do Estado, acompanhado de sua esposa, dos componentes da sua Casa Militar, dos ministros do Interior e da Marinha, visitou as modelares instalações da Companhia Industrial de Cordoarias Têxteis e Metálicas Quintas & Quintas, a mais importante organização nacional para o fabrico de cordoarias têxteis de todas as modalidades, incluindo sintéticos, de cabos metálicos para todos os fins industriais, de condutores de alumínio-aço nus para baixa e alta tensão. Acompanharam ainda o sr. Presidente da Republica os srs. almirante Henrique Tenreiro e sua esposa, delegado do Governo junto dos organismos corporativos da pesca, presidente da Junta Central das Casas dos Pescadores e grande impulsor de tão brilhantes festividades, comodoro Henrique Jorge, presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, dos dirigentes de todos os organismos corporativos da pesca, e de muitas distintas personalidades dos meios económicos, sociais e financeiros do País, dentre os quais convirá especialmente destacar os srs. eng. Ferreira Dias, antigo ministro da Economia; eng. Mário Borges, presidente da Associação Industrial Portuguesa; comodoro Duarte Silva, adjunto do delegado do Governo junto dos organismos corporativos da pesca; eng. Duarte do Amaral, administrador da Sacor; eng. Mamede Fialho; Artur Cupertino de Miranda, presidente do conselho de administração do Banco Português do Atlântico; dr. Eduardo Furtado, administrador do Banco Pinto & Sotto Mayor; eng. Ferreira de Oliveira; eng. Alberto Leão; dr. Elísio de Pimenta; presidente da Associação Comercial do Porto; presidentes das Camaras Municipais da Póvoa de Varzim, Esposende e Matosinhos; comandante da 1.ª Região Militar; presidente da Comissão Distrital da U. N.; chefe do departamento marítimo do Norte; deputados drs. Alfredo Guimarães de Brito, Olívio da Costa Carvalho; José Alberto de Carvalho e Mário de Carvalho; D. Xavier Sansat, presidente do conselho de administração

ção da Mar, S. A., a maior organização piscatória e conserveira de Vigo; D. Manoel Moíños, D. Manolo Montenegro; D. Miguel Florido D. Luis Castilla Delgado, muitas se-nhoras, etc.

O átrio do importante edificio er-contrava-se lindamente engalanado com os pavilhões nacional, da empresa e da municipalidade. Aguardavam o Chefe do Estado e a sua comitiva, á entrada do edificio, o presidente e vice-presidente da Companhia, respectivamente sr. Francisco Alves Quintas e sr. Maria das Dores Aguiar Quintas o secretário-geral, dr. Manuel d'Aguiar Quintas; todos os restantes directores da Empresa, acompanhados de suas esposas; os consultores jurídico e económico, dr. Pinto Carneiro, deputado á Assembleia Nacional e sr. Eduardo Paiva, ambo em representação da Mesa da Assembleia Geral; bem como todos os técnicos da organização — engenheiros, encarregados de serviços, etc.

Após os cumprimentos do estilo o sr. almirante Américo Thomaz, sua esposa dirigiram-se para o local onde ia ser inaugurada uma linda comemorativa da sua visita àquela valiosa unidade fabril. Alí o sr. Nelson Quintas, director comercial da Companhia, usando a palavra em nome da empresa, proferiu um elucidativo discurso, d que nos permitimos reproduzir o seus tópicos principais.

Palavras do sr. Nelson Quintas

Depois de saudar o Chefe do Estado e sua esposa, o sr. Nelson Quintas disse:

— Quis V. Ex.ª conceder-nos a es-trema honra de aceder ao nosso convite, para, integrado nas maravilhosas festas da nossa terra, no distinguir, procedendo á inauguração das nossas instalações.

E prosseguiu:

— Com a visita de V. Ex.ª, teve a Póvoa o ensejo de prestar o preito de homenagem e gratidão, ao Governo que materializou a sua mais velha aspiração — a construção de um porto de pesca. E temos nós a elevada honra de, como disse, cor V. Ex.ª, procedermos á inauguração oficial das nossas instalações fabris. Não visita V. Ex.ª uma organização nascida por concentração de capitais, mas sim e apenas um

(Continua na 11.ª página)

HOTEL AVENIDA PALACE EXPOSITION DE BRODERIES, ROBES ET CHAPEAUX

le 3, 4 et 5 Juillet de 10 à 13 h. et de 15 à 19 h.

Le mercredi 3 juillet à 16 heures grand défilé de 100 robes aux prix de 350.00 à 3.500.00

L'Entrée est libre et gratuite, n'ayant rien à voir avec l'exposition précédente

O Presidente da República percorreu durante o dia de hoje a região florestal do Gerês

GERÊS, 2 — De Guimarães, onde pernitoi nos Paços dos Duques de Bragança, o sr. Presidente da República, que continua no Norte do País, seguiu esta manhã para Braga em visita ao Perímetro Florestal do Gerês.

Tomando a estrada de Braga a Chaves, no cruzamento da Cerdinha, o Chefe do Estado dirigiu-se às Termas do Gerês, e, passando pela Caniçada, entrou na rede das estradas florestais do perímetro, atingindo a Portela do Homem, já na zona fronteiriça.

O sr. almirante Américo Thomaz, que se fazia acompanhar por sua esposa e filha, por elementos das suas Casas Militar e Civil; pelos srs. ministro do Interior, secretário de Estado da Agricultura, director dos Serviços Florestais e Aquícolas e por outras individualidades, foi recebido em Albergaria pelos srs. engenheiros Hernâni José da Silva e Narciso António Rebelo de Castro e Melo.

O Chefe do Estado almoçou depois no abrigo do parque de campismo. Ao fim da tarde, o sr. Presidente da República regressará a Guimarães onde, no Palácio Ducal, haverá um concerto pela orquestra do Conservatório de Musica do Porto, seguindo-se uma exibição do Grupo de Bailados Verde-Gaio.

O sr. almirante Américo Thomaz assistirá, á noite, a um baile em benefício da Cruz Vermelha Portuguesa, organizado pelo núcleo auxiliar feminino daquela institui-

Um morto e um ferido num desastre de automóvel provocado pelos faróis de um camião

CALDAS DA RAINHA, 2 — Cerca da meia-noite, quando se dirigia do lugar de Figueiros para esta cidade, um automóvel conduzido pelo sr. Mário Roberto Ferreira Abrantes, viuvo, de 46 anos, comerciante, que se fazia acompanhar pelo sr. Alfredo Bento Junior, de 48 anos, regente agrícola, natural de Coruche, entre Carreiros e o cruzamento do Painho, devido a encadeamento provocado pelos faróis de um camião, desistiu-se e embateu numa árvore. Do choque resultou terem ficado ambos bastante feridos.

O camião causador do acidente, apesar do aparatoso choque, não parou, razão pela qual as vítimas ficaram sem socorros até cerca das 2 horas.

Encontrados por outros automobilistas, foram conduzidos ao Monte Rainha D. Leonor onde lhe foram prestados socorros.

O sr. Alfredo Bento Junior, que não resistiu aos graves ferimentos, faleceu esta manhã naquele estabelecimento hospitalar, sendo o estado do outro ferido pouco satisfatório.

A Polícia tenta identificar o camião.

O EMPRÉSTIMO À PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

O «Diário do Governo» publica hoje, pelo Ministério das Finanças, um decreto que esclarece um outro anterior, de 17 de Agosto de 1962, pela letra do qual o Banco Nacional Ultramarino é autorizado a fazer um empréstimo á provincia de Moçambique.

O decreto hoje publicado estabelece que o empréstimo será tomado integralmente pelo Banco Nacional Ultramarino, que por á ordem da provincia o respectivo valor em escudos moçambicanos, a fim de serem aplicados em obras do II Plano de Fomento a realizar na referida provincia.

Nas datas fixadas a provincia de Moçambique entregará ao Tesouro, em escudos moçambicanos, quantias iguais ás despendidas por este para pagamento de juros e amortizações ao Banco Nacional Ultramarino, de acordo com o estabelecido nos mesmos artigos.

Sempre que o julgar conveniente, pode a provincia antecipar as amortizações ao Tesouro.

Neste caso, poderá também o Tesouro, se assim o entender, antecipar as amortizações a que se refere o artigo 6.º.

CENTRAL

ção, e comemorativo do I Centenário da Cruz Vermelha Internacional.



Ministro do Exército

O sr. coronel Joaquim da Luz Cunha, titular da pasta do Exército, ofereceu ontem, na messe do Instituto de Altos Estudos Militares, um jantar íntimo ao deputado brasileiro sr. dr. Levy Neves, que se encontra de visita ao nosso País, e no qual participou também, entre outros convidados, o sr. dr. Negro de Lima.

O sr. ministro do Exército recebeu, esta tarde, o director do Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército e os alunos da classe especial de ginástica daquele estabelecimento de ensino que amanhã seguem para a Bélgica a fim de participar nos grandes festivais da modalidade.

Ministro do Ultramar

O sr. comandante Peixoto Correia, ministro do Ultramar, recebeu esta tarde, no seu gabinete, a deputação dos bombeiros voluntários ultramarinos, que se deslocaram á Metrópole para assistir ás cerimónias da inauguração da ponte da Arrábida.

O sr. ministro do Ultramar recebeu, também, o sr. eng.º Carlos Alves, presidente da Associação Industrial Portuguesa, com o qual prosseguiu a apreciação de vários assuntos, iniciada ontem.

Ministro da Educação

O sr. prof. Galvão Teles, ministro da Educação, recebeu hoje os srs. prof. Edgar Cardoso autor do projecto da ponte da Arrábida; dr. João Havelange, presidente da Confederação Brasileira dos Desportos; e dr. Rebelo de Sousa, com quem tratou de assuntos relacionados com a nossa participação nos Jogos Desportivos Luso-Brasileiros.

Ministro das Corporações

Num avião procedente de Roma, é esperado amanhã em Lisboa, ás 18 e 30, o ministro das Corporações e Previdência Social, sr. prof. Gonçalves de Proença, que, depois de ter acompanhado em Genebra os trabalhos da reunião da Organização Internacional do Trabalho, visitou em Turim o Centro de Formação Profissional Acelerada e assistiu no Vaticano ás cerimónias da coroação do novo Papa.

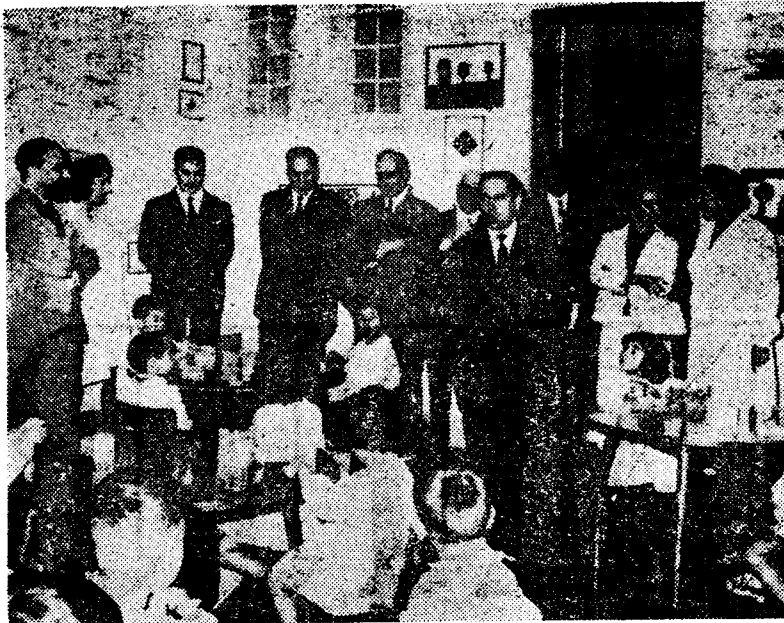
Subsecretário do Fomento Ultramarino

O sr. dr. Mário de Oliveira, subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, trabalhou hoje com os srs. dr. Teixeira Pais e prof. Ario de Azevedo, secretários provinciais de Angola e Moçambique, respectivamente.

A SEMANA 1004 PROLONGA-SE



Têm continuado a despertar o maior interesse as demonstrações da processadora electrónica Univac 1004 efectuadas na sede da Solor — Sociedade Lusitana de Organizações, Lda. As características revolucionárias desta máquina, que veio preencher a lacuna existente entre os equipamentos clássicos de cartões perfurados e os grandes computadores, estão patentes e têm sido objecto de admiração dos inúmeros convidados de organismos públicos e privados que ali se têm deslocado para vê-la. Estas demonstrações, dada a grande afluência de convidados, prolongar-se-ão até quinta-feira



Um aspecto da visita á «Voz do Operário»

O Rotary Clube de Lisboa dedicou a sua actividade de hoje à Sociedade «A Voz do Operário»

Numerosos sócios do Rotary Clube de Lisboa, acompanhados por algumas senhoras das suas famílias, visitaram, hoje de manhã as vastas e modernas instalações da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», que percorreram demoradamente, acompanhados pela comissão administrativa, a que preside o sr. José Apolinário Ramos.

Na reunião semanal, efectuada no Hotel Tivoli, logo em seguida á saudação á bandeira nacional e por ser esta a primeira reunião do novo ano rotário, procedeu-se á transmissão de poderes para a direcção recentemente eleita, da presidência do eng.º Sérgio Medeiros, que recebeu o emblema presidencial do seu antecessor, sr. Wenceslau Sarmiento, cerimónia que foi afectuosamente recebida por uma salva de palmas. Assumiu as funções de secretário o dr. Carlos Estorninho.

Seguidamente, o dr. José Maria Cardoso, novo director do protocolo, procedeu á apresentação dos convidados e dos rotários visitantes, tanto nacionais como estrangeiros, após o que o dr. Carlos Estorninho tratou do expediente, chamando a atenção para o facto de, no próximo domingo, se efectuar uma reunião especial no Rotary Clube de Aveiro, para a cerimónia de posse do novo governador do distrito rotário português, dr. Fernando de Oliveira, que sucederá ao dr. Mário Gomes.

O sr. Wenceslau Sarmiento, de acordo com uma resolução oportunamente tomada pela direcção cessante, ao anunciar que o Rotary Clube de Lisboa decidiu subsidiar um curso de educação de adultos da Sociedade «A Voz do Operário», procedeu á entrega, ao respectivo

presidente, sr. José Apolinário Ramos, de um cheque referente ao ordenado do professor, durante um ano. A assistência acolheu esta notícia e o acto da entrega com uma significativa salva de palmas.

A palestra regulamentar esteve a cargo do sr. José Apolinário Ramos, que, apresentado em termos justamente elogiosos pelo rotário eng.º José Bacellar Bebiano, se propôs a historiar as origens, explicar o funcionamento e pôr em relevo a acção educativa e social de «A Voz do Operário».

Depois de aludir ao panorama social que levou, em 1852, á constituição do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, historiou os antecedentes que conduziram á fundação do jornal «A Voz do Operário», em 11 de Outubro de 1879, e, depois de relatar o que foram os primeiros quatro anos de vida do semanário, acérrimo defensor dos direitos da classe operária, recordou as palavras que, no artigo de apresentação, foram escritas por Custódio Braz Pacheco, primeiro redactor-principal do jornal e depois principal dos fundadores da benemérita Sociedade: «publicar-se um jornal semanal intitulado «A Voz do Operário», cuja missão é pugnar denodadamente pelos interesses materiais e morais da classe que representa; concorrer quanto possível para a educação profissional e moral da classe operária e instrução do povo».

Historiou a seguir os primórdios da Sociedade, fundada em 13 de Fevereiro de 1883, para garantir a continuidade da publicação do jornal e dar mais efectivo cumprimento ao que Custódio Braz Pacheco vaticinara nas palavras escritas no primeiro artigo de fundo, nas columnas do semanário «A Voz do Operário», dando a seguir desenvolvimento notícia das principais realizações levadas a cabo, de 1883 até á actualidade, especialmente no campo cultural.

Recordou nomes de diversas individualidades que deram o brilho da sua colaboração ao jornal e outros que, fazendo conferências, deram também valioso concurso á obra de divulgação cultural empreendida pela «Voz do Operário».

Elucidu que, de 1953 a 1962 — dez anos — a Sociedade gastou com os seus serviços de instrução cerca de 14 550 contos, esclarecendo que o orçamento de 1963 prevê uma despesa de 3 536 217\$30, dos quais 1 682 585 escudos consignados aos serviços de instrução.

Ao findar, o sr. José Apolinário Ramos, que foi sempre atentamente escutado, recebeu uma prolongada e quente manifestação de simpatia, tendo-lhe o eng.º Sérgio Medeiros apresentado, com os seus cumprimentos e agradecimentos pessoais, os do Clube de Lisboa, não só pela oportunidade e pelo êxito da palestra, como pela acção que «A Voz do Operário» vem desempenhando em prol do aproveitamento e da valorização cultural das classes trabalhadoras.

Clube de Lisboa-Norte

Durante a reunião de amanhã, ás 20 e 30, do Rotary Clube de Lisboa-Norte, no Hotel Flórida, na Rua Duque de Palmela, proceder-se-á á transmissão de poderes á nova direcção.

O caso dos estudantes do Liceu de Lamego

Ainda a propósito da engenhosa cábula posta em prática pelos três irmãos de Lamego, procurou-nos o sr. José Costa, irmão do individuo que, segundo notícias procedentes dos correspondentes dos jornais diários, denunciou o estratagemas ao reitor do liceu daquela cidade, para nos esclarecer sobre o que afirma ser a verdade dos factos.

Segundo o sr. José Costa, seu irmão limitou-se a acompanhar ao liceu determinada individualidade, que se mostrava bastante confusa com o que se estava a passar: todos os aparelhos de telefonia transmitiam as instruções fornecidas ao irmão que prestava provas de Matemática, sobrepondo-se as mesmas ao noticiário da Emissora Nacional. Essa pessoa, então — e sempre acompanhada pelo sr. Costa, que consigo levava um pequeno «transistor» — teria posto o reitor ante a questão de fraude que se estava a praticar.

Disse-nos ainda o sr. José Costa que, por motivos vários, entendeu o reitor do liceu não revelar ao correspondente dos jornais o nome da tal individualidade — e, por fim, mostrou-nos uma centena de postais, recebidos de todo o País, em que pessoas de todas as categorias sociais verberam o procedimento de quem denunciou os rapazes.

Os dois irmãos que puseram em prática o engenhoso estratagemas a fim de auxiliar o irmão que estava a fazer a prova escrita do exame de Matemática do 2.º ciclo, Tiago Frederico e Fernando Frederico, encontraram-se em Lisboa e estiveram ontem no Ministério da Educação Nacional a fim de esclarecerem a sua situação e apelar para a clemência do ministro no sentido de poderem repetir em Outubro as provas de exame que lhes foram anuladas por virtude da fraude em que participaram.

ERRATA — No comentário que ontem fizemos á carta de um «professor pai», onde devia ler-se «segundo os progressos da radiofonia», saiu por lapso «segundo os progressos da electrónica».

NOVA PEÇA de Aurora Constança («Era assim o principezinho») na festa anual do colégio «O Cortiço»



Aurora Constança

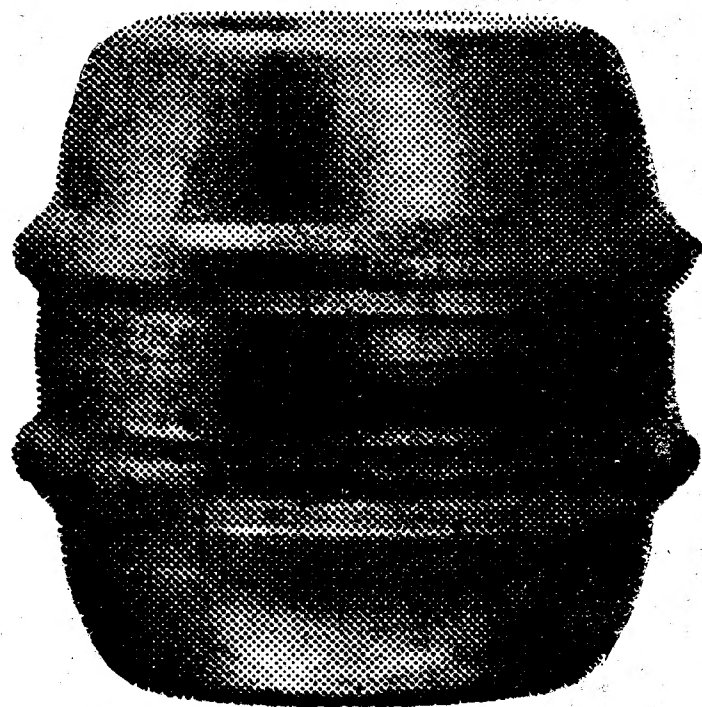
Está marcada para domingo, ás 18 horas, no elegante Cinema Tivoli, a récita anual do colégio «O Cortiço», da Avenida Guerra Junqueiro, 10, 1.º, esquerdo, que confirmará a graça, o bom gosto e a alegria das anteriores. A representação mimica de bailado quanto aos intérpretes constará da peça fantasia «Era assim o Principezinho», da autoria, como as de todos os anos, da notável directora daquele instituto, a escritora Aurora Constança, duas vezes Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho (Literatura Infantil) do Secretariado Nacional da Informação. A encenação dos bailados pertence á professora Isabel de Afonseca e os figurinos são devidos ao apreciado desenhador Fernando Bento. Enquanto os pequeninos estudantes executam os bailados, será a voz de Aurora Constança que narrará a história encantadora, que narra, infantil, poética e cheia de delicadeza.

As festas de «O Cortiço», em cuja sede se podem adquirir os bilhetes, reúnem sempre um numeroso público de pequeninos estudantes e de suas famílias.

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade
GRANDE JURIJESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O que é uma

IMPERIAL ?



**é um copo de cerveja
de barril, viva
deliciosa e fresca
é uma pausa salutar
no seu dia
de trabalho
é o complemento ideal
da sua refeição**

SOC. CENTRAL DE CERVEJAS

**Um exemplo
do que pode
toda uma vida
de trabalho ao
serviço dos seus
e da sua terra**

(Continuação da página central)

empresa, cartel de uma família, fundada, criada e que continua a ser impulsionada na sua gestão administrativa e técnica, por meu pai, Francisco Alves Quintas. Iniciou-a como o mais modesto operário e á custa de canseiras, sacrifícios, dedicação ao trabalho, amor á família; materializou-a. A obra, pois, que V. Ex. vai visitar, a obra que vai inaugurar, é, como a definiu o sr. eng. Magalhães Ramalho, quando ocupava o alto cargo de subsecretário de Estado da Indústria: «Um exemplo bem expressivo do que pode toda uma vida de trabalho, ao serviço dos seus e da sua terra».

Depois de ter enaltecido a obra sob todos os títulos patriótica realizada pelo actual Chefe do Estado quando sobraçou a pasta da Marinha, e de pôr em evidência todo o seu esforço para a renovação da frota nacional, concluiu, dizendo:

— Neste momento, pois, é-nos grato afirmar a nossa muita gratidão, o nosso eterno penhor a V. Ex. ao chefe maravilhoso do ressurgimento nacional — Salazar — e ao Governo, posto que é a vós, que se deve tudo quanto nos foi possível realizar a bem do País, da economia local e das nossas gentes. Mercê do nosso labor levamos o nome de Portugal ás cinco partes do Mundo, e sentimos-nos orgulhosos por contribuir, apesar de modestamente, para fazermos do nosso querido Portugal — um Portugal maior. A distinção da visita que V. Ex. nos concede, é mais um lenitivo, mais um incitamento, para prosseguirmos, na continuação do muito que ainda desejamos fazer, a par do que já feito nos parece muito pouco ou quase nada. Para perpetuar a vossa visita, rogamos a fineza de descerrar esta placa, modesta homenagem desta Companhia a V. Ex., senhor almirante Américo Thomaz, supremo magistrado da Nação.

Descerramento da lápida

Seguidamente, o sr. almirante Américo Thomaz procedeu, entre calorosas ovações de todos os presentes e dos numerosos operários da fábrica que ali se encontravam, que o aplaudiam atribuindo-lhe entre outras excelsas virtudes, a de ser um grande presidente marítimo, e a Póvoa de Varzim não pode esquecer que é em toda a sua estrutura económica uma grande e laboriosa terra de pescadores, ao descerramento de uma placa de bronze, comemorativa da sua visita, colocada no átrio do edifício, e que contém os seguintes dizeres:

«A SUA EXCELENCIA O SEDEUS RODRIGUES TOMAS SUPREMO MAGISTRADO DA NAÇÃO NOBRE PALADINO DA GRANDEZA PATRIA EGREGIO E DEVOTADO AMIGO DOS HOMENS DO MAR, PREITO DE HOMENAGEM DA COMPANHIA INDUSTRIAL DE CORDOARIAS TÊXTEIS E METÁLICAS QUINTAS & QUINTAS, NO DIA DA SUA VISITA E INAUGURAÇÃO OFICIAL DAS INSTALAÇÕES FABRIS, P. DE VARZIM, 30-6-63».

Num ambiente de muito respeito, procedeu depois á benção do edifício o sr. bispo auxiliar de Braga.

Visita às instalações

Após estas cerimónias, o sr. almirante Américo Thomaz deu início á visita das grandiosas instalações da empresa, onde se demorou cerca de hora e meia, tendo o Chefe do Estado bem como os ministros do Interior e da Marinha, procurado muitas vezes inquirir sobre o funcionamento das várias secções, onde se encontra maquinaria ultramoderna, designadamente uma máquina de cablear cabos de aço, que é, no seu género, a segunda instalada na Europa. Entre os departamentos visitados, o sr. almirante Américo Thomaz esteve no local onde se fabricam os famosos «baler twine» e «binder twine», que tanto contribuem para o fomento da exportação portuguesa. Mereceu-lhe particular atenção o fabrico de cabos, fios, etc., de «nylon», de que a organização Quintas & Quintas

As novas instalações fabris da Companhia Industrial de Cordoarias Têxteis e Metálicas Quintas & Quintas visitadas pelo Chefe do Estado na Póvoa de Varzim

foi a introdutora no nosso País, que hoje têm valiosa aceitação.

Fabrico de polietileno, mono e multifilamentos

O Chefe do Estado deteve-se ainda, com grande interesse, a observar os primeiros passos que esta importante empresa está dando, sem ousada precipitação, para produzir monofilamentos, modalidade técnica que começa a substituir com plena aceitação nos sectores da navegação e da pesca, as tradicionais cordoarias de sisal, manila, etc., e até as de «nylon» que mais ou menos há dois anos foram apresentadas nos mercados nacionais, sob os melhores auspícios.

O sr. almirante Américo Thomaz não deixou de verificar entusiasmado a maqueta das novas instalações destes fabricos, que vão ser construídas nas proximidades das actuais, e onde, ao contrário do que se tem até agora verificado neste sector da produção, se vai edificar, com todos os requisitos técnicos aconselháveis, uma fábrica-modelo, destinada a esta modalidade, que não pode deixar de ser considerada desde já, como a mais valiosa das que hoje existem no País.

Obra social da empresa

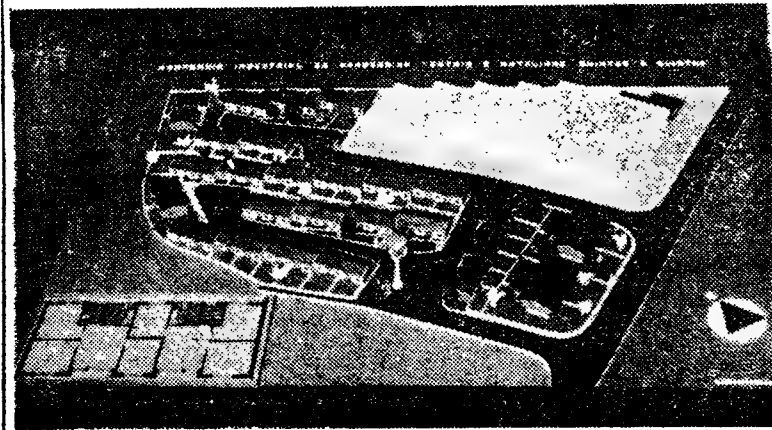
Mereceu especial carinho e atenção, a obra social da empresa, em curso cujo esboço se acha na mesma maqueta, onde se inclui a nova secção de monofilamentos.

É a primeira empresa portuguesa de cordoarias que se abalança á construção de um bairro social.

O Porto de Honra

Terminada a visita, o sr. almirante Américo Thomaz deslocou-se a um outro salão da empresa onde foi servido um Porto de Honra, e a que assistiram todos os numerosos convidados.

Ao sr. almirante Américo Thomaz foi oferecida uma artística lembrança, como recordação da sua visita áquela Companhia; a sua esposa, fez-se entrega de várias camisolinas poveiras, a recordar uma indústria regional que já hoje está tomando extraordinário vulto.



A maqueta do bairro social da Companhia e das novas instalações de monofilamentos e polietileno

O PORTO PELO TELEFONE

Criança colhida por um automóvel

PORTO, 2 — Com graves ferimentos, recolheu ao Hospital de Santo António, o menor de 6 anos Cláudio César de Jesus Martins Viana, morador na Rua dos Pescadores, 371, em Valbom (Gondomar), que foi ali colhido por um automóvel conduzido pelo sr. José Fernando Coelho de Sousa, residente na Av. Marechal Carmona 2507.

Espectáculos de amanhã

COLISEU — As 21 e 30: «Ele não era vegetariano» e «Heróis esquecidos» (17 anos).
RIVOLI — As 21 e 45: A peça «Os

Naquela cerimónia, em nome da empresa, falou o sr. dr. Pinto Carneiro, presidente da Mesa da Assembleia Geral, que proferiu entusiástico discurso de exaltação patriótica, dizendo quanto a Companhia Quintas & Quintas tem como lema, exclusivamente, «servir a Nação e valorizar o sector em que trabalha, no sentido do maior desenvolvimento dos mercados nacionais e, ainda, contribuir na medida do seu possível, para o aumento da exportação portuguesa».

Algumas palavras do sr. Almirante Américo Thomaz

O Chefe do Estado, num brilhante improviso, disse quanto o tinha sensibilizado aquela visita, e afirmou que levava dali a convicção plena de que se estava na presença duma unidade industrial de grande porte, onde tudo se conjuga para bem servir os legítimos interesses nacionais, na base estrutural duma família honrada e cristã que subordina toda a sua acção ao desejo de bem e melhor fazer.

Foram recebidos numerosos telegramas e cartões de muitas individualidades que não puderam estar presentes áquela acto, sendo de salientar, por certo, o do sr. prof. eng. Carvalho Fernandes, antigo secretário de Estado da Indústria, a quem o País deve assinalados serviços, pela notabilíssima presença que conseguiu afirmar com os seus excepcionais dotes de competência e talento, durante o curto espaço de tempo em que ocupou tão destacadas funções publicas.

Também os srs. eng. Ferreira do Amaral, director-geral dos Serviços Industriais, e dr. Antão Santos da Cunha, presidente do Conselho de Administração da A. G. P. L., justificaram a sua não comparência áquelas cerimónias.

Telegrama ao sr. Presidente do Conselho

A Administração da Companhia fez depois expedir ao sr. prof. dr. Oliveira Salazar ilustre Presiden-

te do Conselho, o seguinte telegrama:

«Coração cheio de alegria pela honra da visita que Sua Excelência o Senhor Presidente da Republica ontem efectuou, acompanhado dos ilustres ministros do Interior, Marinha e almirante Henrique Tenreiro, e outras altas individualidades, procedendo á inauguração das nossas instalações fabris, não queremos deixar de saudar Vossa Excelência, autor do ressurgimento nacional e de prestarmos os nossos agradecimentos e homenagem sincera. Esta visita do venerando Chefe do Estado será para nós um lenitivo pelo já feito e um incitamento para prosseguirmos com o mesmo entusiasmo na continuação de novos investimentos e obras sociais, para bem da economia de Portugal que Vossa Excelência tão entranha-



A placa comemorativa da visita do Chefe do Estado

damente ama, 1 de Julho de 1963. A direcção de Quintas & Quintas».

Oferta para a fragata D. Fernando

O presidente do Conselho de Gerência, sr. Francisco Alves Quintas, antes da retirada do sr. almirante Américo Thomaz, fez-lhe entrega do donativo de 10 000 escudos para a patriótica obra de reconstrução da Fragata D. Fernando.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Valentim de Aguiar Barbosa

Com 77 anos faleceu ontem o sr. Valentim de Aguiar Barbosa, natural de Cedofeita (Porto), industrial, irmão do sr. eng. Eduardo Mendes Barbosa, casado com a sr. D. Simone Broglia Mendes Barbosa, e da sr. D. Elsa Mendes Barbosa dos Santos Martins, casada com o sr. António dos Santos Martins, comerciante, tio da sr. D. Maria José Broglia Mendes Barbosa Meneses de Siqueira, casada com o sr. capitão João Bildestein Meneses de Siqueira, ausente em Africa, D. Maria Manuela Mendes Nazaré Costa, casada com o sr. Pedro António Nazaré Costa, comerciante, e D. Maria Helena Broglia Mendes Barbosa e do sr. Manuel Félix Mendes Barbosa, estudantes.

O falecido era pessoa muito considerada pelas suas qualidades de carácter e de bondade. O funeral saiu hoje, ás 12 horas, da igreja de S. Nicolau, para o cemitério de Agramonte, no Porto.

António de Sousa

Com 86 anos, faleceu hoje o sr. António de Sousa, natural de Mangualde e reformado do Colégio Militar.

O extinto, que residia na Póvoa de Santa Iria, era avô do sr. Humberto Chaves, funcionário do nosso jornal, a quem apresentamos as nossas condolências.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 18 horas, da residência para o cemitério local.

Virgílio Augusto Lameiras da Costa

Faleceu hoje, no Hospital de Santa Maria, o sr. Virgílio Augusto Lameiras da Costa, de 37 anos, natural de Lisboa, empregado comercial.

O extinto era casado com a sr. D. Maria Luisa Rodrigues da Costa e pai dos meninos Virgílio Alberto da Costa e Luís Filipe da Costa.

O corpo foi trasladado para a igreja da Boa Hora, de onde o funeral saí amanhã, ás 15 horas, para o cemitério do Alto de S. João.

Inácio Ferreira

WISEU, 2. — Faleceu o sr. Inácio Ferreira, de 68 anos, industrial de barbearia, casado com a sr. D. Conceição Tavares Ferreira e cunhado do sr. Francisco Tavares, comerciante.

No seu tempo, Inácio Ferreira foi atleta e futebolista de muita popularidade. Era muito estimado pelas suas qualidades de carácter.

SUFRÁGIOS

D. Manuel II

A exemplo dos anos anteriores, o

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

Telefones 73 41 67 (P. P. C. A. 4 linhas) 4 31 80 — 66 27 72 — 28 00 22

CONSTRUÇÃO

de uma nova estrada

Na Junta Autónoma de Estradas foram esta tarde abertas duas propostas para adjudicação da empreitada de construção da estrada nacional da Ribeira de Isna ao Fundão, Castelo Branco, cuja base de licitação é de 4 114 330\$00.

Tribunal de Vagos

VAGOS, 2 — A passagem do primeiro aniversário da restauração do tribunal desta comarca foi comemorada com uma sessão e com um almoço de confraternização, em que se reuniram os magistrados, advogados, funcionários judiciais e a Camara Municipal. Usaram a palavra o juiz, dr. Ataíde das Neves; o presidente da Camara, dr. Albino de Oliveira Pinto, e drs. Frederico de Moura, Flávio Sardo e Manuel das Neves.

NOVO «RECORD»

estabelecido por um avião da TAP

Um «Caravelle» da TAP, pilotado pelo comandante Horta e com a lotação quase esgotada, estabeleceu a ligação entre Madrid e Frankfurt em uma hora e quarenta cinco minutos, ou seja menos trinta minutos do que o tempo normal.

ESPAÑA S. A. Companhia Nacional de Seguros

Resumo do Balanço Geral da Companhia em 31 de Dezembro de 1962

ACTIVO		PASSIVO	
CAIXA	1.416.206,88	CAPITAL	5.000.000,00
BANCOS	54.004.069,28	RESERVAS PATRIMONIAIS	10.279.301,82
VALORES MOBILIARIOS	277.594.541,32	RESERVAS TÉCNICAS LEGAIS	476.773.868,35
IMÓVEIS	112.191.183,01	PROVISÕES	17.775.215,05
EMPRÉSTIMOS HIPOTECARIOS	10.700.000,00	RESSEGUROS CEDIDOS:	
EMPRÉSTIMOS SOBRE APÓLICES	45.790.518,11	Depósitos dos Resseguradores	41.476.522,27
USUFRUTOS E NUAS PROPRIEDADES	186.433,—	Saldo credores dos Resseguradores	43.760.788,77
DELEGAÇÕES E AGÊNCIAS	3.526.360,42	DELEGAÇÕES E AGÊNCIAS	2.320.387,88
PRÉMIOS EM COBRANÇA	10.671.840,08	CREDORES DIVERSOS	10.127.138,81
RESSEGUROS ACEITES:		GANHOS E PERDAS	1.332.262,78
Depósitos em poder dos Ressegurados ...	3.557.042,68	CREDORES POR VALORES NOMINAIS EM DEPÓSITO ...	145.000,—
Saldo devedores dos Ressegurados	393.711,66		
RESSEGUROS CEDIDOS:			
Reservas a cargo dos Resseguradores:			
Matemáticas	39.930.791,68		
Riscos em curso	1.545.730,59		
Sinistros por liquidar	1.051.208,87		
Saldo devedores dos Resseguradores ...	1.355.533,91		
DEVEDORES DIVERSOS	1.151.379,05		
RENDAS E JUROS VENCIDOS PENDENTES DE COBRANÇA	2.295.751,40		
FIANÇAS	6.561,52		
MOBILIARIO E INSTALAÇÃO	100,—		
VALORES NOMINAIS EM DEPÓSITO	145.000,—		
PESETAS	567.513.963,46	PESETAS	567.513.963,46

FAÇA O SEU SEGURO DE VIDA NA

ESPAÑA S. A.

(a apólice perfeita)

O AMPARO DA FAMÍLIA
A PROTECÇÃO NA VELHICE E NA INVALIDEZ

Peça prospectos elucidativos aos escritórios da Companhia ou ao Agente mais próximo da sua localidade

Agência Geral em Portugal

RUA GARRETT, 17-1.º — LISBOA

TELEFS. 325053 E 367147

Delegação no Porto

AV. DOS ALIADOS, 162-1.º — TELEF. 25303

F E R I D O

pela explosão de um tiro
de pedreira

Deu entrada no Hospital de S. José, Joaquim Correia Bamba, 36 anos, jornalista, morador no Zambujal, Sesimbra, que ali foi atingido pela explosão de um tiro de pedreira quando o preparava. Sofreu diversos ferimentos pelo corpo.



Virgílio Augusto
Lameiras da Costa

FALECEU

Maria Luisa Rodrigues da Costa e seus filhos Virgílio Alberto da Costa e Luís Filipe da Costa e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, filho, irmão, cunhado, tio e parente, cujo funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, da Igreja da Boa Hora, para o cemitério do Alto de S. João

AGÊNCIA GUSTAVO BAPTISTA
Telf. 638065

A SUPRESSÃO DAS PASSAGENS DE NÍVEL

A folha oficial publica um decreto segundo o qual a função do Fundo Especial de Transportes Terrestres é a de subsidiar a construção e grande reparação das vias de acesso às estações de caminho de ferro, até 10 km das mesmas, e a construção de passagens superiores e inferiores para supressão de passagens de nível, bem como de outras obras reputadas de interesse publico e destinadas a facilitar a transposição das vias férreas em nível diferente destas.

Reuniões científicas Serviço Meteorológico Nacional

Na sede do Serviço Meteorológico Nacional, na rua Saraiva de Carvalho, 2— onde o meteorologista dr. A. Saraiva Duarte falou sobre «Utilização dos sistemas de coordenadas verticais em meteorologia» — efectuou-se, no próximo dia 8, às 17 horas, a 286.ª reunião científica do pessoal técnico, durante a qual o meteorologista dr. R. Antero de Carvalho abordará o tema «As transformações da energia no sistema oceano-atmosfera».

SOFAMAR

SOCIEDADE DE FAINAS DE MAR E RIO

LARGO DO CORPO SANTO, 21

AOS SEUS ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS ESTA EMPRESA TEM A SATISFAÇÃO DE COMUNICAR QUE, NÃO OBSTANTE A COMPANHIA DE SEGUROS BONANÇA ATÉ HOJE NÃO TER LIQUIDADO A INDEMNIZAÇÃO DEVIDA PELA PERDA DO BARCO «JOÃO DIOGO», OCORRIDA NO PRINCÍPIO DE JANEIRO ÚLTIMO JÁ ADQUIRIU BARCOS PARA TRANSPORTE DE IGUAL TONELAGEM, ESTANDO, ASSIM, HABILITADA A PROSEGUIR NA SUA EXPLORAÇÃO E A REALIZAR OS SERVIÇOS QUE LHE FOREM CONFIADOS.

António Francisco de Oliveira Carrapa

MISSA DO 30.º DIA

Sua família participa que amanhã, dia 3, pelas 9,30 horas, na Igreja de S. Domingos será celebrada missa pelo eterno descanso do seu muito querido finado.

Desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

SANTARÉM

Manuel Mendes Martinho

MISSA DO 7.º DIA

A mulher, filhos, pais, irmãos e mais família, participam que amanhã, dia 3, será rezada missa por alma e eterno descanso do seu muito querido e chorado marido, pai, filho, irmão e parente, na igreja de Santa Maria pelas 12,30 horas.

Antecipadamente agradecem a presença ao piedoso acto e aproveitam também a oportunidade para agradecerem as provas de carinho, amizade e homenagem, prestadas ao nosso ente querido. A todas as pessoas amigas que quiseram ter a caridade de nos manifesta, e que por dificuldade de endereços ou até por desconhecimento, não o possamos fazer pessoalmente, como seria o nosso desejo e obrigação.

Os exames nos liceus (2.^a chamada)

Exames do 1.º Ciclo

Prova escrita de Língua e História Pátria

TEXTO

Tomé e o seu burro

— Sultão! Sai cá para fora, Sultão!

No fundo negro do pequeno cortelho, na moldura rectangular da porta baixa, destacava-se então a cabeça parda de um jumento, orelhas em riste, grandes olhos de uma tristeza perpétua, num movimento moroso de pálpebras pestanudas...

E ali se quedava parado, absorto, muito bem posto nas suas pequeninas pernas delgadas, a olhar o Tomé que o chamava — um grande riso de alegria nas feições amorenadas, contente de ver o seu Sultão.

Mas o pequeno jumento não avançava um passo, divertindo-se em arrelhar o Tomé, fitando-o com um ar estagnado. Altivo na sua nobre linha de quadrupede de boa raça, alguém lhe podia ler no olhar, mole e impassível, o frio, gelado desprezo a que parecia votar o dono...

Mas era aquilo mesmo que o bom do lavrador achava graça! E punha-se então a falar muito sério entre resignado e cortês, para o pequeno e desdenhoso jumento — o pão e o queijo esquecidos numa das mãos, na outra a navalha de meia-lua:

— Então, Sultão! Não vens?

— Não! — parecia responder-lhe o animal. E, abstracto, continuava a envolvê-lo no seu olhar profundo. A quebrar a harmonia desta imobilidade de estátua, apenas, de quando em quando, uma pequena patada na soleira: zap!

— Zangado, Sultão?! — perguntava o lavrador. — De mal comigo?

E prestes voltava a cara para a outra banda, para se rir à vontade...

— não fosse vê-lo o demónio do Sultão... Metia entre dentes um pedaço de queijo, logo uma códeia de pão, e fazendo umas grandes rugas na testa, de quem começa a zangar-se, voltava então muito sério:

— Ficas aí, Sultão? Já não és meu amigo?

O jerico abatia um pouco as orelhas, inclinava o pescoço, parece que fazendo-se humilde...

1) Não acha estranho que Tomé falasse assim para o seu burro? Justifique.

2) A que é que o lavrador achava graça?

3) O animal não respondia, como é natural: quais são as palavras do texto que o mostram?

4) Indique uma frase do lavrador em que este mostre o seu muito amor ao jumento.

5) Abatendo as orelhas e inclinando o pescoço, que atitude parecia tomar o jumento?

II

6) Escreva o pensamento contrário de «Sai cá para fora, Sultão!» (linha 1). Não se sirva da negativa não.

7) Como compreende que o autor fale em «moldura rectangular» (linha 2), para designar a porta do cortelho?

8) Indique as palavras sinónimas de *burro*, que conhece.

9) Diga duas expressões sinónimas de «de quando em quando» (linha 22).

III

10) Escreva no plural a frase «Já te não quero, vai-te!».

11) Diga o superlativo absoluto simples de *frio* (linha 13) e *humilde* (linha 33).

12) Preste atenção á frase «O jerico abatia um pouco as orelhas» (linha 32): escreva-a de novo, pondo como sujeito as orelhas e sem alterar o sentido.

13) Diga a função sintáctica de: para se rir (linha 26); de pão (linha 28); humilde (linha 33).

14) Classifique as proposições do terceiro parágrafo do texto (linhas 6 a 9).

IV

Vai fazer uma redacção sobre «A História de um Animal».

Se quiser, pode falar de algum animal que tenha em casa, dizer-nos se e porque gosta dele e falar até de algumas habilidades e graças que ele costume fazer.

Prova escrita de Francês

Texte

«Le goûter de Fanchon»

a) «Fanchon est allée voir sa grand-mère, et celle-ci l'a envoyée jouer et goûter dans son clos.

Il y a dans le clos de la mère-grand, de l'herbe, des fleurs et des oiseaux. Fanchon ne croit pas qu'il y ait au Monde un plus joli clos.

Déjà elle a tiré un couteau de sa

pochette pour couper son pain, à la mode du village. Elle a d'abord croqué la pomme; ensuite elle a commencé de mordre au pain.

b) Alors un petit oiseau est venu voltiger près d'elle. Puis il en est venu un second et un troisième. Et dix, et vingt, et trente sont venus autour de Fanchon. Il y en avait des gris, il y en avait des rouges, il y en avait des jaunes et des verts et des bleus. Et tous étaient jolis, et ils chantaient tous.

c) Fanchon ne savait point d'abord ce qu'ils lui voulaient. Mais elle s'aperçut bientôt qu'ils voulaient du pain, et que c'étaient de petits mendiants. C'étaient en effet des mendiants, mais c'étaient aussi des chanteurs. Fanchon avait trop bon cœur pour refuser du pain à qui le payait par des chansons.»

Traduisez les alinéas a) e b) du texte.

II

Écrivez des phrases répondant à chacune de ces questions, mais employez, autant que possible, des propositions complètes:

1 — Croyez-vous que le clos de la grand-mère était agréable? Pourquoi?

2 — Pourquoi les petits oiseaux se réunirent-ils autour de Fanchon?

3 — Et comment payaient-ils Fanchon du pain qu'elle leur donnait?

III

a) Para aquela boa menina, o quintalinho da avó era o mais bonito do Mundo. Nesse quintal, de que falamos, havia muitos passaros de que a Chiquinha gostava muito.

b) Mas, se ela não fosse tão bondosa, não teria dado tanto pão a todos aqueles passarinhos que esvoaçavam junto dela. Ela atirava-lhes migalhas que não caíam no chão, porque os passarinhos as agarravam no ar...

IV

1 — «Il en est venu un second» — escreva, de nouveau, cette phrase en remplaçant le mot *en* par le nom dont il tient la place.

2 — Mettez à la forme passive l'expression «Elle a d'abord croqué la pomme».

3 — Dans l'expression «Fanchon est allée voir sa grand-mère», remplacez *Fanchon* par les petits garçons, et faites l'accord.

4 — Complétez la phrase suivante, au moyen de pronoms relatifs: «Fanchon aimait beaucoup les oiseaux... venaient près d'elle, et leur donnait tout le pain... elle avait».

Exame do 2.º Ciclo

Prova escrita de Português

TEXTO

DIABO

Todas cousas com razão

Tem sação.

Senhora, eu vos direi

Meu parecer.

Há hi tempo de folgar,

E idade de crescer;

E outra idade

De mandar e triumphar,

E apanhar

E acquirir prosperidade

A que puder.

Ainda é cedo pera a morte;

Tempo há de arrepender,

E ir ao céu.

Ponde-vos a for da corte,

Desta sorte

Viva vosso parecer,

Que tal nasceu.

O ouro pera que é

E as pedras preciosas

E brocados?

E as sedas pera que?

Tende por fé,

Que p'ra as almas mais ditosas

Foram dados.

Vedes aqui hum colar

D'ouro mui bem esmaltado,

E dez anéis.

Agora estais vós p'ra casar

E namorar:

Neste espelho vos vereis,

E sabereis

Que não vos hei-de enganar.

E poreis estes pendentes,

Em cada orelha seu:

Isso si,

Que as pessoas diligentes

São prudentes.

Agora vos digo eu

Que vou contente daqui.

ALMA

Ó como estou preciosa,

Tam dina pera servir,

E sancta pera adorar!

Do «Auto da Alma»

1 — A quem é dirigida a primeira fala? Com que fim?

2 — Parece-lhe que a linguagem usada é própria para atingir os fins? Justifique.

3 — Dentro da obra a que o texto pertence, quem será o verdadeiro opositor da primeira personagem que aqui fala? Porquê?

4 — A linguagem deste opositor é semelhante ou tem carácter diferente? Explique e justifique convenientemente.

5 — Em seu entender, que simboliza a Alma?

II

6 — Explique o sentido

a) dos dois primeiros versos «Todas cousas com razão/Tem sação»;

b) da expressão «ponde-vos a for da corte» (verso 15).

7 — Qual o verdadeiro sentido dos dois últimos versos?

8 — Qual o sentido profundo da palavra *agora* no verso 39? Explique a sua evolução fonética.

9 — A palavra *si* do texto (verso 36) deu o português moderno *sim*. Como explica o aparecimento desta última forma?

III

10 — Classifique morfologicamente: *tem* (2.º verso); *mais ditosas* (verso 24); *hei-de enganar* (verso 33).

11 — Preste atenção aos versos: «Agora vos digo eu / Que vou contente daqui» (versos 39/40).

a) Classifique as proposições nelas existentes.

b) Analise sintacticamente a segunda.

c) Substitua nesses versos o adverbio *agora* por *ontem* e *amanhã*: faça as necessárias transformações e explique a razão de cada uma das novas construções.

IV

Ao contrário do que diz o Diabo nos versos 19 a 25, parece que a felicidade não está na riqueza e nos bens materiais.

Faça uma redacção, de forma quanto possível literária, subordinada ao tema: «A FELICIDADE ESTÁ EM MIM».

Pode contar qualquer caso da sua experiência pessoal ou que tenha lido, em que mostre bem que a felicidade, às vezes reside em pouco e depende de nós.

Prova escrita de Ciências

Naturais

Zoologia

I

1 — Cite os caracteres a que se recorre para dividir em ordens a classe dos Répteis e a dos Peixes.

2 — Explique, sucintamente, a razão da baixa temperatura dos répteis.

3 — Que origem têm e que formas podem apresentar as escamas dos peixes?

4 — A que tipo, sub-tipo, classe e ordem, pertence o crocodilo? Quais os caracteres gerais da ordem?

II

Considere a *lombriça* e a *minhoc*.

1 — A que tipos pertencem? Indique os caracteres gerais de um destes tipos.

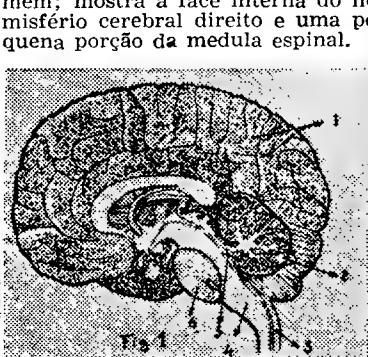
2 — Que evolução sofre a *lombriça* desde o ovo até ao estado adulto?

3 — Mencione alguns animais com caracteres análogos aos da *lombriça*. Que perturbações provocam eles no organismo humano?

4 — Que função desempenha o clitelo da minhoca?

III

A fig. n.º 1 representa um corte vertical e médio do encéfalo do homem; mostra a face interna do hemisfério cerebral direito e uma pequena porção da medula espinal.



1 — Faça a legenda da figura no papel da prova.

2 — Por que não se comprimem de encontro à caixa craniana as células nervosas do cérebro, aquando da afluência de muito sangue a este mesmo órgão?

3 — Quais são as funções do cerebelo?

O dr. Renato Figueiredo

campeão de Xadrez de Coimbra

COIMBRA, 1.º — Terminou o torneio de 1.ª categoria do Grupo de Xadrez de Coimbra, no qual participaram seis concorrentes, com a seguinte classificação: 1.º, dr. Renato Figueiredo: 3 pontos; 2.º, Fernando Gomes, 2,5; 3.º, Mário Freitas: 2; 4.º, dr. Eugénio Monteiro: 1,5; e 5.º, Alípio Barra: 1. Desistiu, após ter efectuado os dois primeiros jogos, o dr. Francisco Batoréu, ainda um dos melhores jogadores desta cidade.

Botânica

A fig. n.º 2 representa o lírio roxo que é uma planta vivaz de folhas sésseis, ensiformes, com flores de perianto petaloide e frutos sincárpicos.



1 — Faça a legenda da figura no papel da prova.

2 — Que são *folhas sésseis*? E *folhas ensiformes*?

3 — Que é um *perianto petaloide*? É um fruto *sincárpico*?

II

O *polipódio* e a *espirogira* são duas plantas da flora portuguesa.

1 — Quantas são, e como se chamam, as partes em que se divide o corpo do polipódio?

2 — Como é constituída e se reproduz a espirogira?

3 — Quais os grupos taxonómicos a que pertencem, respectivamente, estas duas plantas? Cite os caracteres gerais de um destes grupos.

III

Os tecidos vegetais dividem-se em *meristemas* e *tecidos definitivos*.

1 — Que é um tecido?

2 — Quais as características dos meristemas? Em que órgãos das plantas podem localizar-se?

3 — Como se distingue um *colênquima* dum *esclerenquima*?

4 — Que função desempenha o *tecido suberoso*? As células que o constituem são vivas ou mortas?

Mineralogia e Geologia

A fig. n.º 3 representa a mesma forma cristalina; proporcionada em B e distorcida em A e C.

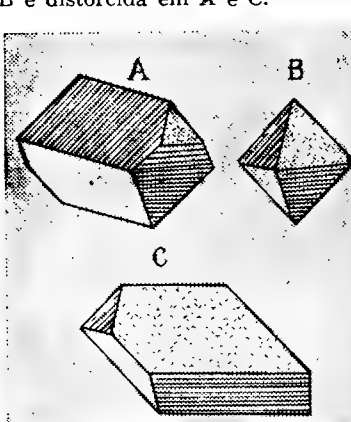


Fig. 3

1 — Que são *formas distorcidas*?

2 — Quais são as causas da distorção dos cristais?

3 — Como se encontram distribuídas as partículas elementares da matéria nos minerais de textura cristalina?

II

Os *podins*, as *brechas*, os *arenitos*, as *argilas*, etc., são rochas sedimentares.

1 — Os componentes destas rochas são de origem secundária. Porquê?

2 — A que chama *meteorização* das rochas? Que aspecto apresentam as rochas meteorizadas?

3 — Que são *margas*? Que sabe acerca da utilidade das margas?

Exame do 3.º Ciclo

Prova escrita de Filosofia

Responda a quatro — e só a quatro — questões. É obrigatória a resposta á 2.ª questão

1.ª Questão

a) Apresente uma classificação das tendências; caracterize e exemplifique cada um dos grupos de tendências que considerou.

b) Mostre a influência dos factores psicológicos na génese e no desenvolvimento das paixões.

2.ª Questão

a) Que entende por *compreensão* e *extensão* de uma ideia?

b) Em que consiste a *definição essencial*? Exemplifique.

c) Em que extensão se tomam os termos duma proposição definidora? Porquê?

d) Dê um exemplo de conceitos indefiníveis e diga por que considero, no caso que escolheu, impossível a definição.

e) Em que consiste a *divisão dicotómica*?

3.ª Questão

a) Exponha o papel que a *observação* e a *hipótese* desempenham no método experimental. Por que se torna valiosa e fecunda a sua aliança?

b) O filósofo inglês Stuart Mill apresentou uma série de métodos para verificação das hipóteses e descoberta das leis: Exponha um deles á sua escolha.

4.ª Questão

a) Exponha as linhas gerais das correntes empiristas e racionalistas sobre o problema da origem do conhecimento.

b) Exponha uma doutrina que lhe pareça ocupar, de algum modo, uma posição intermédia, relativamente a essas duas atitudes opostas.

5.ª Questão

a) Caracterize a consciência moral; refira-se ao carácter obrigatório universal e absoluto da lei moral.

b) Exponha uma prova da existência de Deus baseada nos caracteres da lei moral

Prova escrita de Organização

Política e Administrativa da Nação

Responda a 4 — e só a 4 — das questões seguintes.

1.ª Questão

a) Dê a noção de Estado; indique e caracterize os seus elementos.

b) Estabeleça a distinção entre estado unitário e estado federal. Indique a forma do Estado Português.

2.ª Questão

O artigo 4.º da Constituição Política de 1933 estabelece que «A Nação Portuguesa constitui um Estado independente, cuja soberania só reconhece como limites, na ordem interna, a moral e o direito; e, na internacional, os que derivem das convenções ou tratados livremente celebrados ou do direito consuetudário livremente aceito...».

a) Indique e caracterize os atributos da soberania.

b) Mostre que os limites consignados no artigo transcrito não destroem a soberania do Estado Português.

3.ª Questão

a) Indique as atribuições da Câmara Corporativa e descreva sucintamente o seu modo de funcionamento.

b) Por que se considera que a actual Constituição Política estabelece um *corporativismo subordinado*?

4.ª Questão

a) Mencione os principais documentos pontifícios que contêm os princípios do *catolicismo social*. A que papas se deve a sua publicação?

b) Indique alguns dos problemas encarados na encíclica «Mater et Magistra» e as soluções por ela apresentadas.

5.ª Questão

a) Como se dividem para efeitos de administração local as províncias ultramarinas portuguesas?

b) Refira-se aos órgãos centrais da administração ultramarina.

EM TRÊS LINHAS

Está aberto concurso para a admissão de faroleiros supranumerários dos quadros dos arquipélagos da Madeira e dos Açores.

///

O dr. João da Costa Freitas, inspector superior de Administração Ultramarina, foi mandado reingressar no quadro da Inspeção Superior de Administração Ultramarina.

///

O almirante Nuno de Brion foi agraciado pelo Governo argentino com a grã-cruz do Mérito Naval.

Assembleias gerais

No Montepio Geral

Na sede do Montepio Geral prossegue hoje, ás 21 horas, a reunião extraordinária da assembleia geral para discussão e votação do projecto da reforma dos estatutos do Montepio e da Caixa Económica de Lisboa, elaborado pela comissão eleita na assembleia de 9 de Agosto de 1962.

OS EXAMES DO ENSINO TÉCNICO

1.ª CHAMADAS

Cursos de formação comercial

Secções preparatórias para os institutos comerciais

Inglês

I

TEXT

Once a poor countryman, a woodcutter, whose name was Tom Brown, met with a sailor called Jim Boyd, in the same train, and they started talking about the sea. At a certain moment, the woodcutter asked the sailor where his father had died: and Jim informed him that every man in his family had died at sea.

Tom Brown said that he had never seen the sea in his life, but he was sure that it was a fearful place; and he asked Jim if he was not afraid of going to sea. The sailor replied that he was not at all afraid: the Sea was so great and so beautiful!

The woodcutter answered that he could not agree with him: the sea was only a bad killer of many good people. Then the sailor asked where Tom's father had died; and the woodcutter replied that all the dead persons in his family had died in their beds.

The sailor laughed and asked the other man whether he was not afraid of going to bed...

A) Answers...

1) Whose father died at sea?
2) What did the woodcutter think of the sea?
3) Why did the two men disagree?

B) ...And questions

Change to question form, beginning each question with the words in parentheses:

1) Tom was a countryman. (What kind of person)
2) They were talking about the sea. (Why)
3) Their talk took place in England. (Where)

C)

Re-write the two men's talk, turning it into a little play.

Tom — Where

Jim —

D) Differences...

1) Sailors are not country people, of course. A sailor is one who ...; a countryman is one who...
2) The woodcutter was short and fat. He rarely laughed at anything. He was too much afraid of death... He wasn't a brave man, indeed...

The sailor was not like the woodcutter. On the contrary!
Give a description of the sailor as you see him!

E)

A trip into the Land of Language...
a) Read everything carefully, and fill in the blanks with the appropriate words, only one word for each blank:

1) Tom was not clever. He was not wise, either. You may not say he was clever and wise. You ought to say that he wasn't... clever... wise.

2) If Tom had never seen the sea, he could not say that he knew it; he had to say that he... it.

3) Jim's mother died 10 years... when she was only 40 years... Jim loved... mother, and he... loved by... They were very good people; everybody liked...

b) Make each pair of sentences into a single one, by using the relatives *who*, *whom*, *whose*, or *which*:

1) The sailor was clever; his name was Jim.

2) I liked the story; it is very amusing

3) We don't know the writer; he wrote the story.

4) I don't dislike the man; Jim laughed at him.

5) Where is the sailor? His boat is so lovely.

II

(Só para os alunos do Curso

Geral de Comércio)

CLARK & CO, London booksellers, hand an order to M. S. RODAS (927, Rua do Monte — OPORTO) for 50 copies of the book «PORTUGAL AND THE SEA» by J. D. SYMINGTON, which was published at Oporto in 1960 and is sold at 6/ — each copy. They remit him a cheque in payment of the whole amount (How many pounds?...). They insist on urgency and ask for receipt.

Write CLARK & CO's letter. Date it from yesterday.

II

(Só para os alunos da Secção Preparatória para os Institutos Comerciais)

A) Decide...

1) Mary Brown and Jane Boyd where the mothers of the two men. Whose mother was Jane? How can you know?

2) Jim's mother died ten years ago. Now she is living in America... Is this possible, or impossible? Why?

3) «Come and look at the Sea! You'll agree that it is great and beautiful!» said Tom, the woodcutter. Is this probable? Why, or why not?

B) ...And describe!

Write a few lines about the Sea! (about 40 words)

Matemática

I

a) Dada a expressão

$$\frac{a^2 - x^2}{a} : \frac{2x - 2a}{5a}$$

efectue as operações e simplifique o resultado.

b) Calcule o valor de x , dado pela seguinte expressão:

$$x = \frac{-k + \sqrt{k^2 - a}}{a}$$

em que $k = -2a$ e $c = -5a$

II

Resolva as equações seguintes:

$$a) \frac{x+5}{4} - \frac{x-3}{6} = \frac{x}{3}$$

$$b) S = 3R^2 - 8\left(\frac{R}{3}\right)^2$$

(em ordem a R)

III

Uma empresa encomendou a uma oficina um certo número de peças iguais, ao preço de 30\$00 cada. Porém, na altura da entrega, a empresa rejeitou 8 % delas, por serem defeituosas, pelo que pagou apenas 2 070\$00.

a) Represente por x o número de peças encomendadas e complete em função de x o quadro que segue, preenchendo as casas vagas.

	Encomendadas	Rejeitadas	Acceptes
Número de peças			
Custo das peças			

b) Calcule o número de peças encomendadas.

IV

A área S de um círculo de raio R é calculada, como é sabido, pela fórmula $S = \pi R^2$, que representa certa proporcionalidade directa.

a) Entre que grandezas? Justifique a resposta.

b) Calcule o valor que deve tomar S , quando for

$$R = \sqrt{10}$$

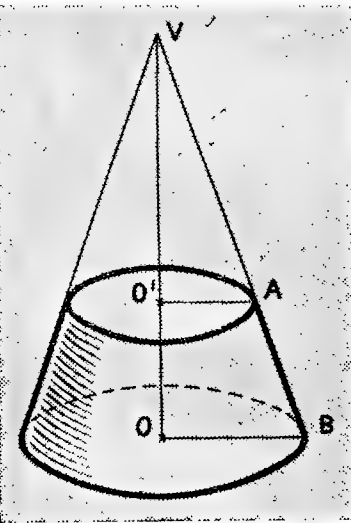
c) Determine a razão entre as áreas S e S' de dois círculos cujos raios medem, respectivamente, R e $3R$.

V

A figura junta representa um tronco de cone de revolução, em que o raio da base maior mede 15 cm; o raio da base menor mede 10 cm; a altura do tronco mede 12 cm.

a) Calcule a medida da geratriz do tronco.

b) Calcule a medida $\overline{VO}$ do cone maior.



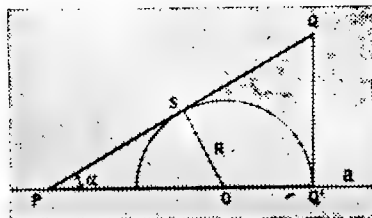
c) Calcule o volume do tronco de cone.

(Caso não se recorde da fórmula que permite calcular o volume do tronco, suponha $\overline{VO} = 24$ cm e recorra à diferença dos volumes dos dois cones figurados).

VI

Na figura ao abaixo, $\overline{PQ'} = 3R$ é a projecção ortogonal do segmento

$\overline{PQ}$, sobre a recta, a . O segmento $\overline{PQ}$ é tangente à semi-circunferência de centro em O e raio R .



a) Calcule a medida do ângulo α

b) Calcule em função de R a medida do segmento $\overline{QQ'}$.

VOLKSWAGEN STATION 1500



EM EXPOSIÇÃO
nos dias 2-3 e 4

Até às 0 horas na

Auto Monumental do Areeiro, Lda.

Av. Padre Manuel da Nobrega, 10-B

Telefs.: 727654 e 727765

Ensino liceal

(3 de Julho — Quarta-feira)

1.º ciclo — 2.ª chamada

Matemática — 9 horas

(90 minutos)

Composição Decorativa — 11 horas

(120 minutos)

2.º ciclo — 2.ª chamada

Francês — 9 horas

(90 minutos)

Matemática — 11 horas

(120 minutos)

3.º ciclo — 2.ª chamada

Latim e Geografia — 9 horas

(90 minutos cada)

Matemática — 11 horas

(120 minutos)

Ensino técnico

Cursos industriais—1.ª chamada

Elementos de Física e Química—9 h.

(90 minutos)

Cursos de formação comercial

1.ª chamada

Ciências Físico-Naturais — 10 horas

(90 minutos)

CLASSIFICAÇÕES

das provas escritas na Escola
Técnica Pedro de Santarém

Na Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém serão amanhã afixadas, às 17 horas, as pautas com as classificações das provas escritas, 1.ª chamada, do exame do ciclo preparatório.

No sábado, às 9 horas, no mesmo estabelecimento de ensino, começará as provas orais que se prolongarão até ao dia 11, com trabalhos todas as manhãs.

Escola primária feminina n.º 144

Está patente ao publico, na Escola Primária Feminina n.º 144, da Rua Actor Vale, uma interessante exposição de trabalhos escolares, que foi inaugurada pelo sr. director escolar de Lisboa. O curioso certamente, que é documentário bem elucidativo do aproveitamento dos alunos que recebem ali o ensino, pode ser visitado em qualquer dia, até 13 do corrente mês.

Pelo que nos foi dado ver estão de parabéns a directora, professora D. Celeste Ferreira Sá Vieira, bem como todas as suas colaboradoras que, em todas as classes, alcançaram o melhor aproveitamento das numerosas crianças.

HOMENAGEM

A UMA PROFESSORA

que completou 70 anos

Na mesma escola primária da Rua Actor Vale, foi prestada singela homenagem a uma exemplar professora que atingiu o limite de idade. Todos os professores e professoras, acompanhados dos seus alunos, se associaram á homenagem de que foi alvo a sr.ª professora D. Felismina Brocas.

Saudada por colegas e por uma aluna, a estimada professora recebeu, no final, muitos ramos de flores e lembranças.

DOIS MENORES

atropelados

pelo mesmo automóvel

Foram hoje atropelados pelo mesmo automóvel, Jorge Manuel Faria da Costa, de 13 anos, empregado no comércio, morador em Feijó, Cova da Piedade, e Maria Paulina Dias Gomes, de 19 anos, empregada no comércio, residente no Pátio de D. Fradique, 24.

Conduzidos ao Hospital de S. José, o primeiro ficou internado, e a segunda, depois de tratada, seguiu para casa.

Passageiro clandestino

Foi entregue á P. I. D. E. o sr. António Rebelo, de 34 anos, casado, da Murtosa, que, em Leixões, se introduziu clandestinamente, com o intuito de emigrar para os Estados Unidos no navio «Capo Noli».

Descoberto a meio da viagem, veio recambiado no mesmo navio para Lisboa.

Boletim do dia

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 2 de Julho de 1963 transcrevia, do «Diário Liberal», um artigo de Hercúlio Nunes, intitulado «Em defesa da burguesia», afirmando:

«Glorificar o heroísmo de Afonso Henriques e dos seus homens de armas, admirar o génio guerreiro e o animo patriótico de Nuno Álvares e de quantos pelejaram no campo de Aljubarrota, exaltar o sonho do Infante e dos que foram, por seu impulso, hastear a bandeira de Portugal até os confins do Mundo, são atitudes e sentimentos que não me inibem de compreender e perfiar as mais avançadas correntes da opinião democrática. O que eu não quero, o que não queremos nós, republicanos democratas, é que a crise do capitalismo seja a crise da Democracia».

RADIO

EMISSORA — Programa A — 451 m 655 kc/s — As 17: Melodias; 17 e 15: Orquestras ligeiras; 17 e 30: Canções hispano-americanas; 17 e 45: O pianista Henri Spgers e orquestra; 18: Noticiário; 18 e 10: Música de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Opetra; 18 e 20: Conto radiofónico, adaptado pelo dr. Paulo Pombo; 19 e 50: Canções de Paris; 20: A orquestra de Emil Stern; 20 e 15: Jornal sonoro; 20 e 35: O povo canta e dança; 21: Noticiário — Comentário — Crónica de Angola; 21 e 40: Variedades: «Nova Onda»; 22 e 25: Programa pelo Coro Etnográfico da Covilhã; 22 e 45: 2.ª emissão de jornal sonoro; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: Música de dança; 23 e 45: Noticiário; 0 horas: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s — As 18: Canções de Schubert, pelo soprano Elisabeth Schwarzkopf, acompanhado ao piano por Edwin Fischer; 18 e 17: 12.ª programa da série dedicada a obras de Brahms: «Trio, op. 40, em mi bemol maior» (Brahms); piano, Mieczyslaw Horszowski; violino, Alexandre Schneider; trompa, Mason Jones; 18 e 50: Noticiário regional; 19: A ópera do século XX: epílogo de «3 séculos de ópera»; 20: Noticiário; 20 e 15: Música de tecla: «Em plena Natureza» (Bela Bartók); piano, Andor Foldes; 20 e 30: Concerto do Quinteto de Instrumentistas de Sopro da Emissora Nacional; 21: Canções do ciclo: «Amores do Poeta, op. 48» (Schumann), pelo tenor Walter Ludwig, acompanhado ao piano por Michael Raucheisen; 21 e 15: Música sinfónica: Concerto em ré maior, op. 35» (Tchaikovsky); violino, Kogan, e Orquestra da Sociedade de Concertos do Conservatório de Paris, dirigida por André Vandernoot; 21 e 50: Música contemporânea; 23: O programa internacional «A Voz do Ocidente»; 1 hora: Encerramento.

Modulação de frequência — As 23: Música portuguesa; 23 e 45: Noticiário; 0 horas: Encerramento.

RADIO CLUBE — As 17 e 15: Artista; 17 e 30: Banda de som; 17 e 45: Noticiário 17 e 50: Orquestra; 18: Solistas; 18 e 30: Momento brasileiro; 19: Canções de todo o Mundo; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Conjuntos; 20 e 45: Carta de Berlim; 21: Noticiário; 21 e 15: Motivos portugueses; 21 e 30: Exitos da Broadway; 21 e 45: Orquestras; 22: Cinco dias no Atlântico; 22 e 15: Curso de língua inglesa; 22 e 30: Variedades; 23: Concerto; 23 e 45: Noticiário; 0 e 45: Noticiário 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3 horas: Fecho.

Emissor de Miramar — As 17 e 30: Solos ligeiros; 17 e 45: Noticiário; 18: Ritos de baile; 19 e 15: Orquestras; 19 e 45: Solistas; 20: Noticiário; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 20 e 40: Do Minho ao Algarve; 21: Noticiário; 21 e 15: Programa só-rádio; 21 e 30: Intermédio musical; 21 e 45: Selecções; 22 e 15: Canções eternas; 22 e 30: Variedades; 23 e 15: Ritos de baile; 23 e 45: Noticiário; 0 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Deixai vir a mim as crianças; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: O seu programa; 20: Agenda musical; 20 e 30: Noticiário e boletim do Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21: Ritos de Portugal; 21 e 15: O assunto é você; 21 e 30: Programa «Na Escola de Jesus»; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 2 horas: Fecho.

Estação do Porto — As 18 e 15: Saudação da tarde; 18 e 30: Transmissão do terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Deixai vir a mim as crianças; 19 e 25: Boletim religioso e de filmes; 19 e 30: O seu programa; 20 e 15: Oiga, enquanto janta; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 45: Boletim de filmes; 20 e 55: Meditando; 21: Melodias; 21 e 15: Mosaico; 21 e 30: Programa «Na Escola de Jesus»; 22: Calendário; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 2 horas: Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 17 às 19 e 30: Voz de Lisboa; das 19 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal; das 22 a 1: Voz de Lisboa; da 1 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

para o seu transistor
DIALUX
a pilha de confiança

TELEVISÃO

HOJE — As 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal — Edição da tarde; 19 e 45: «Terça-Feira à Tarde», programa juvenil para as raparigas. Cenários de Hernani Lopes. Realização de Vítor Manuel; 20 e 5: Transmissão dos estudos do Porto; canções por Roland Arday; 20 e 25: «Onde a Ciência Começa», programa do sr. dr. Ramiro da Fonseca; 20 e 45: «TV-Motora», programa de automobilismo, motociclismo, motonáutica e aviação. Realização de Helder Mendes; 21 e 20: Telejornal — Edição da noite; 21 e 55: Boletim meteorológico; 22 e 5:

«7.ª Arte», apresentação de Fernando Garcia; 23 e 45: Telejornal — Últimas notícias, e reportagem da Volta à França em bicicleta; 0 horas: Fecho.

Amanhã — As 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal; 19 e 45: «Os 10 Terríveis», folhetim juvenil; 19 e 50: Programa da Junta da Acção Social; 20 e 10: Vamos jogar no Totobola; 20 e 20: «Let's Learn English» (aprenda inglês pela Televisão); 20 e 45: Presença do Ultramar — canções por Carlos do Nascimento «Rei da Rádio de Angola», acompanhamento pelo Conjunto Jorge Machado; 21 e 20: Telejornal; 21 e 50: Boletim meteorológico; 22: Transmissão directa do Museu de Arte Antiga de um concerto pelo Grupo Vocal Feminino «Harmonia», dirigido por Friedrich Wilhelm Verner, com a colaboração da pianista Helena de Matos Silva — execução de «Nocturnos», de Mozart; 22 e 20: Ribalta — Noite de Teatro: «A Farsa de Inês Pereira», de Gil Vicente — interpretada por Fernanda Alves, Hortense Luz, Maria Albergaria, António Manuel Couto Viana, Eduardo Silveira, Luís Horta, Mário Pereira, Juan Soutullo, Hermínia Tojal, Vítor de Sousa e Nicolau Bryner; 23 e 25: Transmissão dos estudos do Porto: Canções por Gabry Verlor; 23 e 45: «Os 183 anos da Casa Pia de Lisboa»; 0 e 10: Telejornal — últimas notícias e reportagem da «Volta à França em Bicicleta»; 0 e 25: Fecho.

MILAIR
A VIDA NOS SEUS CABELOS
BREVEMENTE EM PORTUGAL

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATRO

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Vamos contar mentiras».

CINEMAS

TIVOLI — «O máscara de ferro».
ODEON — «Tu e eu somos 3».
POLITEAMA — «Cantinflas deputado».
MONUMENTAL — «As aventuras de D. Juan».
EDEN — «A mão maldita».
COLISEU — «As canções unidas».
CHIADO TERRASSE — «Coragem é a senha».
JARDIM CINEMA — «O fugitivo de Zahrain».
PROMOTORA — «O pecado de amar».
IDEAL — «A mina».
ARCO IRIS — «Intriga em Copenhague».
CINE MOSCAVIDE — «Um trono para Cristina».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

AVENIDA — A's 21 e 45: «Calu do céu uma noiva».

CINEMAS

S. LUIZ — «Coração que bate».
IMPÉRIO — «Os prazeres da cidade».
CONDES — «Ratoeira humana».
S. JORGE — «A posse do amor».
AVIS — «O não invisível do dr. Mabuse».
ALVALADE — «Coração que bate».
ROMA — «Via Mala».

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	640\$50	640\$00	641\$00
Cons. 3 % T. 10 ...	678\$00	677\$00	678\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	788\$00	787\$00	788\$00
Centenár. 4% 1940 s. j.	1.830\$00	1.830\$00	1.835\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.014\$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.014\$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.014\$00	—
Externo 1.ª série	—	1.200\$00	—
Ext. 1.ª série car.	—	1.200\$00	1.220\$00
Externo 2.ª série	—	1.170\$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.170\$00	—
Externo 3.ª série	—	1.330\$00	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.330\$00	—
Caut. 3.ª série s/j.	—	222\$00	—
Obrigações			
Águas Lisboa 5 %	—	495\$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	101\$00	—
As Elect. 3 3/4 %	950\$00	—	955\$00
Gás Elect. 4 %	965\$00	960\$00	970\$00
Gás Elect. 4 1/2 %	1.000\$00	998\$00	1.000\$00
As Elect. 5 %	—	1.015\$00	1.020\$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	99\$50	—
U. E. P. 5 % 1951	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. E. do Douro	—	990\$00	—
H. E. S. Est. 5 %	—	—	—
P. 4 1/2 %	1.000\$00	998\$00	1.000\$00
Metropolitano	995\$00	993\$00	995\$00

Acções Bancos	Efec.	Compra	Venda
Alentejo	—	1.000\$00	1.700\$00
Angola	—	—	—
Espírito Santo	—	1.820\$00	—
Lisboa & Açores	1.650\$00	1.600\$00	1.700\$00
Portugal	—	1.080\$00	1.090\$00
Ultramarino	—	46\$50	—
Agricultura	—	—	—
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	295\$00	295\$00	300\$00
Sagres	—	—	—
Pagus	—	—	—
Soberana	—	1.300\$00	1.700\$00

C. Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Ag. Casseque	485\$00	480\$00	500\$00
Ag. das Neves	—	—	—
Agric. Colonial	—	90\$00	—
Açúcar de Angola	580\$00	570\$00	590\$00
Boror	—	—	—
Abanda	—	—	20\$00
Adá	—	860\$00	910\$00
Colonial do Buzi	63\$00	62\$00	64\$00
Ilha do Príncipe	—	260\$00	—
Incomat	—	800\$00	—
Mozambique	—	31\$00	33\$00
Zambézia	—	40\$00	43\$00
Diamantes	420\$00	420\$00	421\$00
Lobito	—	290\$00	300\$00

C. Diversas	Efec.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	690\$00	710\$00
Cimentos Leiria	—	—	600\$00
Crédito Predial	—	—	—
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	625\$00	622\$00	628\$00
Nacional Navegação	—	635\$00	700\$00
Colonial Navegação	—	400\$00	430\$00
Port de Celulose	—	3.300\$00	—
Portuguesa de Pesca	—	870\$00	—
Port. de Tabacos	—	230\$00	235\$00
Tabacos de Portugal	—	450\$00	480\$00
Águas Electricidade e Gás			
Águas Lisboa 1934	—	340\$00	350\$00
Águas Lisboa 1936	—	320\$00	340\$00
Elect. das Beiras	—	—	—
Gás e Electricidade	302\$00	301\$50	302\$50
H. Alto Alentejo	149\$00	148\$50	149\$50
H. E. (Avado)	1.065\$00	1.065\$00	1.070\$00
H. E. Zêzere	1.220\$00	1.215\$00	1.225\$00
Nac. de Electricidade	—	1.190\$00	1.200\$00
União Eléctrica Port.	145\$00	144\$50	145\$00
H. E. do Douro	1.015\$00	1.015\$00	1.020\$00
H. E. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—

BANCO BORGES & IRMÃO

PAÍSES	COMPRA	VENDA
Notas:		
África do Sul	38\$75	39\$50
Alemanha	7\$10	7\$30
América:		
Dólares de 1 a 2	28\$30	28\$60
Dólares de 5 a 1000	28\$50	28\$80
Argentina	\$18	\$22
Austria	\$10	\$15
Bélgica	\$56	\$58
Brasil	\$03.5	\$04.3
Canadá	26\$30	26\$80
Dinamarca	4\$05	4\$25
Espanha	\$47.5	\$48.5
Congo	\$07	\$11
França (N Franco)	\$572	\$592
Holanda	7\$85	8\$10
Inglaterra	79\$50	81\$00
Itália	\$04.55	\$04.7
Marrocos	\$505	\$535
Noruega	\$390	\$410
Suécia	\$540	\$570
Suécia	6\$58	6\$73
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	2\$15\$00	2\$20\$00
Portugal — Barra	—	—
Portugal — Barra fino	32\$50	33\$00

J. BURNAY, L. DA Tel. 31273
RUA DO OURO, 12 Notas estrangeiras
Papéis de crédito

LIS — «Jessica».
ROYAL — «A revolta do monstro».
OLIMPIA — «O homem que não falará».
RESTELO — «Parque das ilusões».
ESPL. PORTUGALIA — «Demónios voadores».

MARES

PREIA-MAR
Dia 2 — As 0 e 45 (3,62 m);
13 e 14 (3,32 m).
Dia 3 — As 1 e 38 (3,33 m);
14 horas (3,45 m).
Dia 4 — As 2 e 28 (3,42 m);
14 e 49 (3,59 m).

BAIXA-MAR
Dia 2 — As 6 e 39 (1,54 m);
19 horas (1,59 m).
Dia 3 — As 7 e 19 (1,43 m);
18 e 41 (1,45 m).
Dia 4 — As 8 e 01 (1,31 m);
19 e 30 (1,30 m).

FARMACIAS

TURNO D
Ver pelos barros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Mendes Gomes (alc. da Ajuda, 222 (638256) * Tapada, Lda., Calc. da Tapada, 83/A (634721).
AVENIDA — A's 21 e 45 — «O ml-tagre de Ana Sullivan».
ALCANTARA — Ester Noronha, R. de Alcantara, 5-A (637563).
ALMIRANTE REIS — Lusa, Av. Almirante Reis 199-A (41269) * Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-10 (50593) * Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479).
ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque RSV (843571).
ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) * Nova Iorque, R. António Patrício, lote 347 da Av. dos Estados Unidos da América (760658).
AMOREIRAS — Amoreiras, Pr. das Águas Livres, 8 (681515).
AREIRO — Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235) * Lusitana, Av. de Roma 18-A (725443) * Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).
AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Av. da República, 55-A (772132) * Providência, R. D. Filina de Vilhena, 9-C (770324) * Sá da Bandeira, Rua Marques Sá da Bandeira, 36 (41961) * Oliveira Viegas, Rua Viriato 29-29-A (48966).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).
BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (226575).
BENFICA — Vicente, Est. de Benfica, 466-A (782606) * Alegria, Est. de Benfica, 180-A-B (780511) * Progresso, R. A-da-Maia 64-C (702226).
CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126).
CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim, 125 (323446).
CAMPO DE OURIQUE — Maria Pia, R. D. Maria Pia, 514 (687949) * Lináida R. Ferreira Borges 30 (660955).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (53308).
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca 153 (683438) * Zenel, Rua A. 182 (Bairro da Liberdade) (651840).
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33 (780181).
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo Vila Paulo Jorge, 1.
DE SANTA APOLÓNIA AO BEAIO — Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (382470) * Zema, R. General Justiniano Padrel (a Calçada dos Barbadinhos), 21-A (832580).
ESTEFÂNIA — Fonseca, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808).
ESTRELA E LAPA — Alb, R. de Santana, 4 Lapa, 156 (663562).
GRACA — Almeida Dias, L. da Graca, 38-A-39 (862909) * Higiénica, R. Heliodoro Salgado 20-A (844361).
LUMIAR — Patuleia, R. do Lumiar, 12. (790332) * Douro, Al. Linhas de Torres, 93 (791131).
MADRAGOA — Moderna, R. Garcia de Orta, 24 (663117).
MOURARIA — Ferrão, R. da Mouraria, 12 (860464).
PALHAVA — Canto, Est. das Laranjeiras, 202 (780841).
PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).
PICHELEIRA — Mariuz, Calc. da Picheleira, 40-B-C (720703-723395).
REGO — Berne, Av. de Berne 44-A, (773568).
S. BENTO — Valentim Ld., R. Poço dos Negros 88-90 (661353).
SANTO AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (638132).
SANTA MARIA — Luís de Magalhães, R. de Santa Maria, 15-A-B (46490).
SE — Santa Luzia, R. da Saudade, 2 (869831).

A IMPRENSA BRITÂNICA ACUSA O GOVERNO MACMILLAN DE TOLERAR FALHAS DOS SERVIÇOS DE SEGURANÇA QUE OCASIONARAM O «ESCÂNDALO PHILBY»

LONDRES, 2 — Vários comentadores da imprensa matutina notam que Edward Heath foi levado a fazer a sua declaração, ontem, na Câmara dos Comuns, acerca da fuga para a «cortina de ferro» do jornalista Harold Philby, para se antecipar a imprensa internacional que afirmam estava prestes a revelar os factos. Outros afirmam

que foi a «Central Intelligence Agency», em Washington, que preveniu Londres da defeção de Philby. De qualquer modo, a imprensa inglesa critica, mais uma vez os serviços de segurança do reino.

«Como é que foram conseguidas as declarações de Philby, pergunta o «Times». Cairam do céu ou terá o antigo diplomata sido submetido a interrogatório? Na ausência de respostas satisfatórias a estas perguntas, não podemos deixar de concluir que a vigilância das autoridades falhou. O público há-de querer ser informado mais a fundo para se convencer de que foi dita toda a verdade...».

«Impõe-se um inquérito circunstanciado — escreve o «Guardian». As averiguações poderiam ter sido empreendidas pela comissão permanente da segurança, se esta existisse. Na sua ausência, haverá que descobrir outros meios para demonstrar ao Parlamento que se fizeram averiguações adequadas em Beyruth e noutros sítios».

Tremendo catálogo de falhas. O Governo tolerou por repetidas vezes falhas dos serviços de segurança. A ausência de vigilância foi deveras surpreendente, a despeito dos avisos de deputados na Câmara dos Comuns e da Imprensa».

Para o «Daily Mail» «não restam dúvidas de que os serviços de contra-espionagem cometeram mais uma «gaffe». É lamentável que não tenham sabido desmascarar Philby, comunista e colega de Burgess...».

«O próprio Philby terá sido avisado — pergunta o «Daily Herald». — Haverá um «quarto homem» no Foreign Office, pois era neste Ministério que Philby trabalhava em 1951. Havia bastante confiança nele para ser informado do inquérito às actividades de Burgess e Maclean. Pois dizem-nos hoje que era agente soviético desde 1946, data

em que entrou para o Foreign Office. — (F. P.).

DECLARAÇÃO DE BURGESS

MOSCOVO, 2 — Guy Burgess um dos dois antigos diplomatas britânicos amigos de Harold Philby — declarou não ter conhecimento da presença eventual na «cortina de ferro» daquele jornalista britânico. Comentando o desaparecimento de Philby e as afirmações que o lorde do Selo Privado, Edward Heath, fez ontem nos Comuns, Burgess declarou que nunca houve «terceiro homem», no caso Burgess-Maclean. O antigo membro do Foreign Office que, como Maclean, reside em Moscovo desde 1951, época em que, segundo a nova versão britânica, Philby os teria prevenido de que os serviços de segurança ocidentais «estavam de pé atrás», disse que não faz ideia do local onde Philby possa estar. — (F. P.).

O tempo em Portugal

Temperaturas normais e precipitação moderada nos próximos 30 dias

— prevê-se nos E. U. A.

WASHINGTON, 2. — Os serviços meteorológicos norte-americanos prevêem para Portugal, nos próximos trinta dias, temperaturas normais para esta época do ano e precipitação moderada.

Estas condições deverão verificar-se em quase toda a Europa, com algumas excepções. Assim, as previsões indicam temperaturas acima do normal na Escócia, na península da Escandinávia e na Finlândia, bem como no Leste da Espanha, Sul da França, quase toda a Itália e costa ocidental da Jugoslávia.

Uma zona de temperatura abaixo do normal estende-se pelo Sul da Inglaterra, pelo País de Gales e pela Normandia na França.

A precipitação deverá ser ligeira em quase toda a Europa, com excepção da Irlanda, Inglaterra, Norte da França, Bélgica, Holanda e Oeste da Alemanha, onde se prevê muita chuva. — (A.N.I.).

Kennedy no Vaticano

(Continuação da 1.ª página)

primizado, nomeadamente, pelo camarista-mor Nasalli Rocca, e pelo capelão secreto Diego Venini. O cortejo atravessou todos os salões dos aposentos do Papa até à biblioteca particular.

Primeiro, Paulo VI recebeu só o presidente dos Estados Unidos. Depois, os membros da comitiva foram introduzidos na biblioteca, contendo-se entre eles Jeanne Smith, irmã do presidente norte-americano, o secretário de Estado, Dean Rusk, os adjuntos deste, William Tyler e Robert Manning. Ainda nos aposentos pontifícios, o presidente Kennedy cumprimentou o cardeal secretário de Estado, Amleto Cicognani, que o acompanhou, na retirada.

TROCA DE PRESENTES

Paulo VI ofereceu ao presidente

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● O «caso Profumo»

LONDRES, 2 — Lorde Denning, que está a investigar os aspectos de segurança levantados pelo escândalo Profumo, deve convocar pelo menos, mais 30 testemunhas, segundo foi revelado nesta capital. Lorde Denning ouviu já cerca de 15 testemunhas. — (B.).

● O julgamento de Martelli

LONDRES, 2 — Começa hoje, no tribunal de Old Bailey, em Londres, o julgamento de um cientista nuclear italiano, dr. Giuseppe Martelli, de 39 anos, representante do E. U. R. A. T. O. M. O. na Inglaterra, que o Governo inglês acusa de espionagem a favor da U. S. R. R. — (A. N. I.).

● A luta contra o analfabetismo

GENEBRA, 2 — A U. N. E. S. C. O. tenciona mandar ensinar a ler e a escrever setenta por cento da população analfabeta da África, da Ásia e da América Latina, dentro dos próximos dez anos — declarou o director-geral da U. N. E. S. C. O., ao discursar ontem na sessão de abertura da XXVI Conferência Internacional de Educação. — (A. N. I.).

Os chimpanzés criaram uma criança até aos três anos

DJAKARTA, 2 — Um menino de três anos, que desaparecera da sua aldeia quando tinha apenas algumas semanas de vida, foi criado desde então por macacos, entre os quais viveu até agora, alimentando-se como eles e imitando-lhes os hábitos — revela a agência indonésia Antara.

O rapaz foi visto, pela primeira vez perto de Prepare, no sul das Celebes, por guardas da aldeia, quando era transportado através da selva por um chimpanzé que, ao ver-se perseguido pelos homens, abandonou a criança e se internou na floresta.

As autoridades confiaram a criança aos cuidados de um tio.

A Antara conta que o menino se comporta como os chimpanzés: não gosta de arroz e prefere as frutas e os alimentos crus. O tio deu-lhe o nome de «Rimba», que significa «Selva». — (A. N. I.).

As delegações árabes

pretendem também que Portugal abandone a conferência de instrução pública

GENEBRA, 2. — As delegações árabes decidiram solidarizar-se com as delegações africanas, que anunciaram a sua intenção de boicotar a conferência internacional de instrução pública, se se mantiver a presença de Portugal.

Por outro lado, as 26 delegações africanas reuniram-se ontem à noite, durante uma hora, para preparar a resolução que será apresentada em seu nome, amanhã, à XXVI Conferência Internacional de Instrução Pública. Esse texto pede a retirada da delegação portuguesa, salvo o que os representantes africanos abandonarão a conferência.

A sessão era presidida por Aja Nwachuku, ministro da Educação da Nigéria, que, em plena conferência, ao princípio da tarde, levantou o problema em nome dos africanos. Nwachuku foi apoiado pela delegação do Mali, da Argélia, da Jugoslávia e da União Soviética e encontrou oposição por parte das delegações britânicas, norte-americanas, francesa e espanhola, que deploraram ter-se inserido numa conferência meramente técnica uma tonalidade de discussão política. Por sua vez, o presidente da sessão, o professor turco B. Tuncel, recordou que os convites tinham sido feitos pela U. N. E. S. C. O., mas acrescentou que a conferência, no entanto, era «soberana». — (F. P.).

Um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros esclareceu-nos que a delegação portuguesa à Conferência Internacional de Instrução Pública terá a oportunidade de usar da palavra ainda hoje, pela manhã, a fim de responder às acusações de que o nosso País foi alvo, sem qualquer justificação, não o tendo feito antes por o presidente da Conferência ter suspenso a sessão, em seguimento aos desacatos praticados por algumas delegações africanas.

● Encontro Kennedy-Coulart

ROMA, 2 — O presidente João Goulart do Brasil visitou ontem à noite o presidente Kennedy, na Villa Taverna, residência do embaixador dos Estados Unidos na Itália, com quem conversou durante 35 minutos. — (F. P.).

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco a moderado de noroeste, e o céu estava limpo ou pouco nublado, por influência de uma depressão de origem térmica localizada sobre a Península Ibérica.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS: Porto, 17°; Portalegre, 18°; Penhas Douradas, 14°; Coimbra, 17°; Lisboa, 17°; Faro, 22°; Sagres, 16°; Funchal, 19°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 10 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 18°; na água do mar, 15°5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 16 HORAS: máxima, 23°2; mínima, 14°5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 31°3; mínima, 15°7.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu limpo ou pouco nublado, durante a madrugada, nas regiões de litoral para norte do cabo da Roca; vento fraco a moderado de noroeste, com norteada fresca durante a tarde, na costa da Estremadura. Pequena subida de temperatura.



A Itália confirma que participará na futura força nuclear da N.A.T.O. — deduz-se do comunicado das conversações Kennedy-Segni

ROMA, 2 — No comunicado conjunto publicado depois das conversações entre os presidentes Kennedy e António Segni a Itália manifesta-se disposta a participar nos novos estudos sobre a projectada força nuclear multilateral da N. A. T. O.

O comunicado acrescenta que os governantes italianos estão de acordo com o presidente Kennedy quanto à necessidade de se chegar à unidade europeia dentro do esquema da planeada interdependência entre os Estados Unidos e a Europa.

Os dois presidentes acrescentam que trocaram opiniões proveitosas sobre o ponto em que se encontram as relações entre o Leste e o Ocidente e confirmam a sua firme intenção de continuar a procurar os meios apropriados para aliviar as tensões internacionais.

O comunicado acrescenta que o presidente Kennedy explicou a atitude dos Estados Unidos quanto ao possível desenvolvimento de uma força nuclear multilateral da N. A. T. O.

Declaram os signatários que são partidários da unificação europeia, e o Governo italiano reafirma o empenho numa integração económica e política da Europa. — (R. e F. P.).

KENNEDY AVISTOU-SE COM TOGLIATI E OUTROS CHEFES

ROMA, 2 — O presidente da República italiana, António Segni, ofereceu ontem um jantar de mais de cem talheres, no palácio do Quirinal, em honra do presidente Kennedy.

O presidente do Conselho italiano, Leone, e o secretário de Estado americano, Dean Rusk, participaram no jantar, que foi seguido de

uma recepção nos jardins do palácio.

Kennedy teve oportunidade de se avistar com os chefes dos grandes partidos italianos, nomeadamente, com Togliati, chefe do Partido Comunista; Pietro Nenni, chefe do Partido Socialista, e Malagodi, chefe do Partido Liberal. — (F. P.).

BALANÇO DA VISITA A EUROPA

NAPOLÉS, 2 — A poucas horas do regresso aos Estados Unidos, finda a viagem de dez dias pela Europa, o presidente Kennedy reafirmou solenemente, perante o comando da N. A. T. O. nesta cidade, a determinação do seu país, de defender a liberdade da Europa. O chefe do executivo americano declarou-se convencido do profundo empenho de unidade dos povos europeus, e da existência de eles muito apertados entre os Estados Unidos e a Europa.

Tendo afirmado que «a N. A. T. O. obriga-nos a uma defesa comum e leva-nos a considerar que o ataque a qualquer de nós é ataque a todos e implicaria uma resposta com todas as forças necessárias», Kennedy disse, depois, tornar-se cada vez mais evidente que os aliados europeus dos Estados Unidos estão no caminho de uma «democracia progressiva que comportará a justiça social e reformas económicas realizadas por um processo de livre discussão e de consentimento», e que estão decididos a manter e a coordenar as suas forças militares em cooperação com o seu próprio país. — (F. P.).

REUNIÃO DE MÉDICOS EM LOURENÇO MARQUES

LOURENÇO MARQUES, 2 — Os médicos de Lourenço Marques reunem-se no próximo dia 8, no anfiteatro do Hospital Miguel Bombarda para tratarem de assuntos relacionados com a criação do fundo de assistência médica.

A esta reunião estarão presentes os srs. Davidson e Brian, da União da África do Sul, que se deslocam propositadamente a Lourenço Marques a fim de prestar os necessários esclarecimentos sobre a organização do fundo de assistência médica. — (A. N. I.).

LOTARIAS E TOTOBOLA

CAMPIÃO

SEMPRE PREMIO GRANDES

FÉRIAS À VISTA!

E que férias elas serão para os felizes contemplados com os

2.000 CONTOS DO 1.º PRÉMIO

da

LOTARIA ESPECIAL DAS FÉRIAS GRANDES

que se realiza na próxima 6.ª-feira

Bilhetes a 45\$00; meios bilhetes a 22\$50. A venda na

CASA DA SORTE

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

EU

por António Manuel Serrão Martins

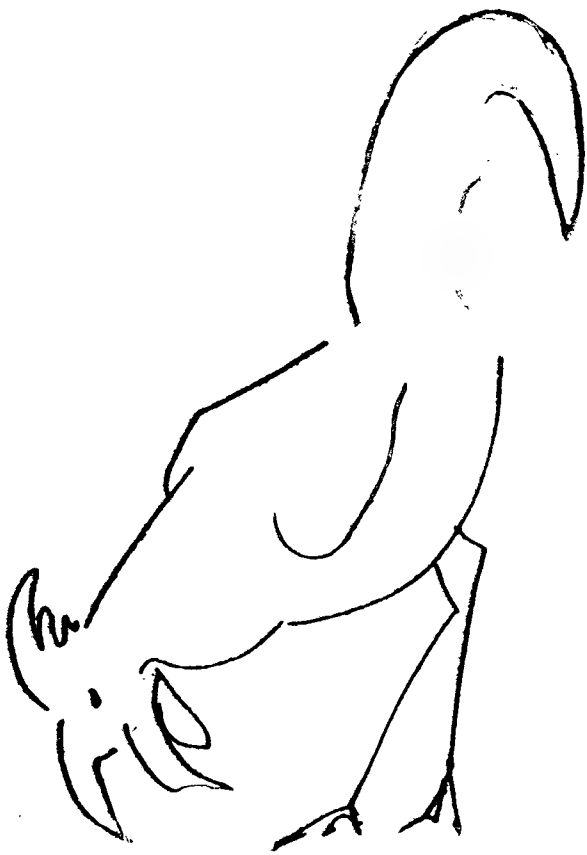
Da minha secretária, avisto-a: Franzina, airosa, mal tocando o golo. Como gosto de vê-la! Saltita alegremente, como uma menina que vai para a escola. Passa. Não me olha, nem me cumprimenta. Para ela, eu não existo. Toda entregue á sua alegria transbordante e contagiosa, não vê, não ouve e não sente. Caminha sempre, cada vez mais pequena. Continuo a olhá-la, e invejo-a; invejo a sua liberdade completa, a sua indiferença natural e o seu todo alegre e comunicativo

Entristeço: Ela, a abelha laboriosa e alegre, que apadrinha o nascer do Sol e testemunha o seu esmorecimento, goza as primícias da Natureza, e eu, superior, segundo se diz, um ser mais perfeito, um homem, um animal racional a uja mão até os elementos obedecem, passo a vida entre quatro paredes pintadas, cercado de outros seres racionais, inteligentes, com quem posso conversar, rir, brincar e discutir, mas agarrado a uma infinidade de preconceitos, possuídos de uma disparidade de sentimentos e ansiando uma diversidade de ideais, que me levam a odiar este mundo civilizado, esta era atômica divinizada em que, paradoxal, mas compreensivelmente, a Futilidade ganha raízes que engrossam e alargam, dia a dia, tentando apagar-me. Fujo, e elas seguem-me. Prendem-me, mas libertam-me e afastam-me. Mas será sempre assim? Não chegará o dia em que, lasso e desesperado, elas me prendam bem, me atem de pés e lentamente, me absorvam, tornando-me uma dessas raízes, que espalham e encerram em si próprias a Futilidade? Não serei, dentro de algum tempo, a Futilidade personificada, o retrato daqueles que aborreço? Assim a minha vida é como a de um ameaçado de morte que, a todo o momento, espera o golpe final. Sabe

que a morte o espreita algures, mas onde? E quando?

E esta incerteza, aflitiva e continuada, atrofia-me, reduz-me a um estado de abatimento e tédio que me priva de pensar e agir como gostaria e, algumas vezes, me lança no âmago de uma multidão de pensamentos inoportunos, muitas vezes, idiotas. A abelha mal se vê, ao longe, no seu voo livre e feliz, e eu?

Eu continuo prisioneiro.



Desenho a tinta da china de Helena

FASES

O vento
ou a crueldade
fazem a harmonia
que pode ser a palavra só
dum qualquer dia

Com o coração bloqueado
o poeta não está ausente
sonha
e estende a mão risonha
para o céu iluminado

3 poemas

ENCONTROS

Antes que os peixes invadam as cidades
e as estátuas nos dêem punhaladas
ainda uma vez quero falar contigo
no heroísmo que não fomos capazes de ressuscitar
e antes que nasça a imóvel consciência do desespero
eu veja derramado o sinal da tua vinda
— o teu regresso entre todos improvável
Se isso acontecer — oh, se isso acontecer...
então que dedos me empurrem
e eu diga adeus ás grutas
e me rodeiem os homens
e haja enfim o doce pânico da vida liberta
Se isso acontecesse... mas não... Tu virás. Tu virás
e iremos todos ver o mar grande como o maior desejo
e limpo como o teu olhar.
Tu viste. Humildemente falei contigo
e a minha voz essa mergulhou na luz do teu silêncio

ARMANDO MORA DE OLIVEIRA

POEMAS

Lentamente cai-me da mão a brandura do gesto
tão violenta... tão antiga a noite
neste meu corpo
e já de perfeita e magoada ternura

ARMANDO MORA DE OLIVEIRA

os gatos

por Jacinto F. de Barros

As pedritas encrustadas na calçada lembravam-me a minha terra, os momentos felizes que lá passei, sentado no pegão da doca onde, todos os dias, encostavam barcos com velas grandes e bonitas. Muitos barcos eram vermelhos mas a maior parte eram brancos da cor das gaivotas.

Agora, passados tantos anos, fui lá de novo tentar descobrir aquele mundo tão meu, de outrora.

Os barcos cinzentos-escuros descansavam encostados uns aos outros, embalados pela suave ondulação da água.

A noite já tinha aparecido, levando as gentes, mulheres e homens barulhentos, para as casas. Só eu tinha lá ficado, inconsciente de tudo o que se fazia na cidade, maravilhado com o marulhar da água no cais já coberto de algas e de lapas. A noite estava morna.

Das vigias abertas do grande barco de passageiros, espalhava-se, muito suave, um tango, quente como aquela noite de Verão.

Continuei a andar, apurando de vez em quando o ouvido para escutar os meus passos ba-

terem no empedrado. Esse barulho, o único na doca, dava-me a sensação de ser meu o silêncio, o fumo da chaminé das traineiras, o embalar das ondas que escorriam até ao cais.

Só eu ali estava, portanto, era o dono de tudo! Mas, quem o poderia contestar? Quem dera que os outros soubessem ser eu o dono da doca nas noites de Verão.

O gato preto veio, de mansinho, sem fazer barulho, porque era meu amigo. Encostou-se ás minhas pernas, alisou o pêlo de encontro a elas. Senti-me bem!...

O bichano pedia-me protecção e eu dei-lha. Andámos juntos mais um bocado. Eu e o gato.

A medida que me aproximava da esquina feita pelos armazéns ia ouvindo, e sempre mais nítido, os acordes de não sei que instrumentos. Parei, deixando aproximar o que, afinal, era um grupo de folgazões alegres, cheios de vinho e música. Era o samba e eles amavam-no. Apeteceu-me dançar mas perdi a coragem, tive vergonha. E depois tive ainda mais vergonha de ter vergonha...

Desencostei-me e aproximei-me deles. O mais baixo viu-me e, sem parar de bailar, aproximou-se de mim, empurrou-me e soltou uma gargalhada. Fiquei encostado outra vez á parede. Senti que já não era dono da doca e que as barcas grandes e escuras já não balouçavam para mim. O tango vindo do paquete havia-se acabado.

O gato, sem se importar mais comigo, encostou-se também de mansinho ás pernas do outro e ronronou meigo.

Voltei-lhe as costas e fugi, corri para o bulício da cidade, andei com os outros, bebi com sofreguidão até me sentir embriagado. Depois fui para a doca cantar e dançar. O gato mau apareceu e então dei-lhe um joventos e de adultos haviam de vir para o ensino, onde não

(Continua na página seguinte)

UM JOVEM AO ACASO

P. — Como se chama?

R. — Luís Leandro Pinto.

P. — Que idade tem?

R. — Dezassete anos.

P. — Estuda?

R. — Não. Trabalho como ajudante de electricista. Eu gosto de estudar, quer dizer, gosto de aprender. E nos anos em que andei na escola, sem ser na escola primária, a gente estuda, estuda, mas não aprende nada.

P. — ?..

R. — É o que lhe digo. Para se fazer um bocadinho daquilo que se gosta, faz-se um montão de coisas de que não gostamos nada nem nos ensinam a gostar, aponte lá isto bem!

Porque quando uma pessoa não gosta de uma coisa, de duas uma: ou o ensinaram a gostar, ou ainda fica a gostar menos do que gostava!

P. — O que é que entende por «ensinar e gostar?».

R. — Fazer-nos criar gosto por aquilo que aprendemos, fazendo-nos ver o que a gente não vê, ou descobrindo qual a razão por que a gente não gosta.

P. — Porque seguiu essa profissão?

R. — Porque gosto dela, porque percebo de electricidade, quase sem ninguém me ter ensinado. Claro que devo muito ao meu mestre e antes que sai-

ba o que ele sabe vai levar muitos anos... Mas, se não se importa, vamos ainda falar um bocadinho a respeito das escolas.

P. — Faz favor.

R. — É o seguinte. Existe lá fora um sistema de estudos, que é o estudo por correspondência. Aqui em Portugal já temos conhecimento disso, pois conheço colegas meus que tiraram cursos de rádio e de televisão por correspondência com casas estrangeiras.

P. — E então?

R. — Então, por que não se há-de implantar esse regime em Portugal? Não há escolas que cheguem, as que existem

estão superlotadas. Por outro lado, as vilas e aldeias, não digo todas, mas na maior parte, não têm cursos além da instrução primária. Quer dizer: as pessoas ficam brutas á força. Criar estes cursos por correspondência era uma maneira de ajudar a resolver o problema do ensino. Se, se fizesse uma boa campanha pela Imprensa, pela Rádio e pela Televisão, estou convencido de que muitos milhares de

P. — O que faz nas horas vagas?

R. — Vou até á sociedade. Jogo um bocado de bilhar, leio os jornais e as revistas, vou

(Continua na ultima página)

A TORRE DE BEJA

por JOÃO DE SOUSA

Erguei os olhos, vêde como e bela a nossa irmã no seu alto corpo de pedra. Foram as mãos dos nossos antepassados que a projectaram no céu. Todos os anos vê os trigos irromperem da terra e a derramarem-se numa galopada de vagas verdes com as algas das papoilas abrindo e fechando as côrolas vermelhas. E quando a brisa passa a mão, são milhões de espigas a balouçarem a cabeça num formidável murmurio.

Depois vem Junho. O Sol toma posse da planície e os olhos das mulheres, na ceifa escondem-se sob os largos chapéus. Só tu, ó torre, persistes de frente descoberta. À noite, ouvies os cantos dos camponeses a furarem o céu de angustia e tumulto e choras com a sorte do teu povo sofrendor e indomável.

Cercam-te as casas com os seus telhados vermelhos ou sustêm os brancos terraços mouriscos; automóveis, camiões e tractores sulcam a planura; o comboio arqueja mesmo aos teus pés; o avião devassa as alturas de que foste senhora. Mas tu pareces adormecida no burel de cinza. Só o vento, o eterno cavaleiro, estremece o teu corpo de rapariga...

*

«Sabeis, Senhor, como inimigos vêm repetidamente assaltar a nossa terra e os nossos bens. As muralhas não são tão fortes que lhes quebrem os dentes. Com o vosso acordo, construiremos um grande castelo e mais alta torre de menagem!».

Quem assim falava era Ibraim, arquitecto mouro, acompanhado dos dirigentes eleitos do concelho de Beja. Nesse tempo, os mouros dominavam todo o Sul da península, campo de batalha de lutas intermináveis e sangrentas entre os senhores com as suas hordas de vassallos-ladrões e os lavradores, mestrais e mercadores que defendiam com as vidas os haveres conquistados.

O príncipe acedeu, com boas palavras, ao pedido do concelho e começaram o trabalhos.

Braços humanos inumeráveis movimentavam-se nas obras. Uns cortavam a pedra, outro acarretavam-na num vai-vém gemente de padiolas e ferros de monte, os terceiros faziam a parede. Mulheres e crianças preparavam a cal e serviam-na aos pedreiros. Bestas de carga ajudavam os homens no transporte da pedra. Por vezes, o canto elevava-se dos homens.

«Laranja da China, do jardim do rei, o casar é doce? Isso é que eu não sei.

Nos conselheiros do príncipe, ao primeiro impulso de incredulidade, sucedia, à medida que as paredes avançavam, a inveja e o rancor. Os «ulemas» (teólogos muçulmanos) espalhavam murmurações entre o povo. Que o arquitecto era um filósofo suspeito de heresia, pois lia Avicena e Averrois e possuía muitos livros que trouxera do seu jornadaear pelo Mundo e das livrarias atrevidas de Sevilha.

O arquitecto encolhia os ombros com desdém, mas não faltou quem lhe dissesse que se acautelasse, pois o ódio dos conselheiros era grande, por despeito e por medo de que arrastasse o povo a derrubar o príncipe e a expulsar os «ulemas».

Passou o tempo, o castelo completou as suas grossas paredes e a torre de menagem foi subindo, subindo como aparição até alcançar o porte que

tem hoje, com os novos pilares a indicarem que prosseguiria a corrida para o céu. O príncipe foi então em pessoa visitar os trabalhos. Houve festa. De longe, vinham os forasteiros admirar a torre famosa. Raparigas e rapazes dançavam no chão do castelo ao som de cantos, cítaras e alaúdes.

«Ó minha cara de neve, com que lavas o teu rosto? Com água da melancia, colhida no mês de Agosto».

No alto da torre, olhando a planície a perder de vista, o Senhor teve palavras de louvor para o arquitecto. Este em resposta, apontou os novos pilares:

— Há-de subir outro tanto a nossa torre de menagem!

Retirou o cortejo senhorial e logo conselheiros e «ulemas» encheram os ouvidos do príncipe:

— Senhor, este homem constitui um grande perigo. Se é capaz de construir tal torre para vós, é capaz de edificar outra tamanha ou maior para os vossos inimigos. O melhor é matá-lo!

Dias depois houve grande rebelião. Quando os moradores iam pegar no trabalho, encon-

traram as portas do castelo cerradas e as ameias cobertas de mercenários senhoriais. Na porta estava afixado um editorial. Que o arquitecto era ateu e inimigo da santa religião. Além disso, estava vendido ao rei de Sevilha, a cujas tropas ficara de entregar a vila. Fulano e fulano haviam assistido às entrevistas secretas no Guadiana. Em face de tais crimes, o réu era condenado à morte.

As caras dos lavradores sombream-se. Houve tumultos, abafados pela tropa. Se alguns tinham posto em dúvida a honra do arquitecto, a maior parte sabia, por experiência, o que valiam editais forjados em segredo.

Entretanto o príncipe, «atendendo aos serviços prestados», dava ao arquitecto a escolha entre duas mortes: queimado vivo ou precipitado do alto da torre. A vítima escolheu a segunda.

Acorreu o povo em magotes a assistir à execução. Os homens e as mulheres pareciam enormes espigas tismadas, espigas maiores do trigo, que se espraíava pelo planície e bordava a cidade. O vento soprava indignado pela injustiça dos homens. Havia lágrimas em olhos rudes. De dentro da tor-

re de menagem, chegavam os gritos rituais e as fanfarras que acompanhavam o condenado à morte.

«Vai ser precipitado da torre de menagem o rebelde Ibraim por infiel à santa religião e traição ao nosso Senhor!».

O silêncio e o terror fechavam os olhos das crianças. Uma rapariguinha chorava:

— Tenho medo!

Nisto o vulto do arquitecto surgiu no cimo das ameias. Relanceou os olhos pelo céu e pela planície rasa, com um fulgor estranho de triunfo. Abriu o albornós e, nas suas mãos, apareceu qualquer coisa como dois grandes guarda-chuvas, que abriu. De um salto, precipitou-se no abismo.

Então perante os olhos do povo boquiaberto, surgiu um grande e exótico pássaro voando. O vento, batendo nos guarda-chuvas e no albornós, arrastava-o para os campos numa descida suave até se afundar totalmente entre as espigas.

Depois o povo acorreu em delírio. O príncipe, temeroso da onda popular e dos terríveis poderes do arquitecto, agasalhou-o com mansas palavras e perdoou-lhe a vida.

(Adaptação de um conto popular do Baixo Alentejo).

JOÃO DE SOUSA

SANTOS FERREIRA

Esgotos e hospitais no Império Romano

Nem sempre primamos pela boa educação e dizemos frequentemente «fecha a cloaca», sem lembrarmos bem que estamos a chamar rabo de peixe ou qualquer coisa pior ao nosso amigo ou parceiro.

Ora «cloacae» eram precisamente os esgotos da velha cidade de Roma. Como uma cidade que se preza, Roma possuía, além das suas «cloacae», um serviço de águas que fornecia à cidade, por 14 aquedutos, cerca de 2250 milhões de litros de água potável. Os números são concludentes e, já não falo das terras de província, milhares e milhares de aldeamentos, mas ainda cidades dos nossos dias ficam cheias de inveja perante esta rede formidável de abastecimento de águas, para não falar dos esgotos.

No campo da assistência médica, as coisas começavam também a organizar-se. Os romanos conheciam já qualquer coisa semelhante ao «partido médicos». Assim um decreto do imperador Antonino legislava que as cidades mais pequenas podiam ter cinco médicos, as maiores dez.

E que a cirurgia saía da casca — as guerras inumeráveis favoreciam o seu progresso — basta lembrar a tão nossa conhecida «cesariana». Com a sua mania das grandezas, enquanto Jesus nascia nas palhas de um presépio, César não fez a coisa por menos e teve de nascer de uma «cesariana»...

Os médicos acompanhavam as legiões. Mas com a pressão dos bárbaros e a intensificação da luta dos escravos, os hospitais tornaram-se mais urgentes e necessários. Não se trata de clínicas nas residências dos médicos. Os romanos instituíram hospitais que só os tempos modernos nos forneceriam exemplares arquitectónicos tão acabados.

O mais célebre hospital romano reconstituído é o de Novésio, no Reno Inferior, próximo de Dusseldorf e fundado por alturas do ano 100.

Entrando pelo vestibulo, depa-ráveis com um salão enorme, provavelmente destinado a refeições. Depois paralelamente ao refeitório e circundando-o pelo sul duas séries de corredores e enfermarias. Na cabeceira, a norte havia duas salas, provavelmente destinadas à administração.

E como um hospital digno desse nome, não faltavam também aqui as «cloacae», os tais esgotos para o lixo e o mau cheiro.

ANTONIO SOARES



OS GATOS

(Continuação da pagina anterior)

chegam de outra maneira. Claro que esses cursos teriam importância oficial, sendo os alunos obrigados a prestar provas, tal qual como os outros. Mas deslocar-se à cidade mais próxima, por exemplo, uma semana ou quinze dias, em cada ano já não seria uma coisa impossível. Depois diz-se que só se pensa em futebol, pois se não fala noutra coisa. Não é que eu não goste de ver, percebe, não quero «armar» mas tudo tem o seu lugar — e o futebol está a tomar o lugar de tudo. Aí é que está o mal, pontapé, bem forte para o atirar à água. Gritei bem alto que aquilo era tudo meu. Vi mais gatos maus, mas afastei-os a todos, e só porque eram maus. Tinham-me tirado o cal, a água, as barcaças, enfim, tudo o que era do meu coração.

Jacinto Fernão de Barros

Desenho de João Filipe Baptista Alves Malheiro



DESPORTOS

A VOLTA À FRANÇA
DO FUTURO

Os corredores portugueses continuam em plano animador

• Mário Silva, atrasado, reserva-se para
os percursos montanhosos
por ROBERT SOULIERES

Especial para o «Diário de Lisboa»

PAU, 2 — Não se notava sombra de preocupação, nas hostes portuguesas, muito embora o homem em quem mais esperanças se concentram, Mário Silva, se tivesse atrasado quase quatro minutos, ficando, na classificação geral, a mais de oito minutos do «guia», que é o russo Puri Melikov.

Na verdade, Mário Silva declara que a única coisa que hoje o impedia de se manter nos primeiros lugares foi certa humidade, que o fez sentir-se menos bem do que ontem. Mas continua confiado na possibilidade de jogar os seus trunfos nas etapas dos Pireneus.

De modo geral, a turma portuguesa considera mais importante do que qualquer outra a etapa de Tarbes a Gagnères-de-Bigorre, onde procurará empregar-se a fundo para a conquista de boas posições.

De todos os portugueses, o que de momento aparece mais forte e com maior facilidade de actuação é o jovem Laurentino Mendes, que está em grande «forma» e ontem percorreu os 202 quilómetros com grande facilidade.

O grande êxito da segunda etapa coube aos russos. Melikov, que já se sabia ser um bom «sprinter», teve uma actuação feliz, com uma embalagem final em que bateu três adversários nos últimos 30 metros. Para mais, Melikov conquistou, com a sua vitória de hoje, o primeiro lugar da classificação geral. E como outro companheiro de equipa, Kubiline, ficou no segundo lugar, coube aos russos a vitória colectiva na tirada, visto que Chunchine foi sexto, à frente do pelotão principal.

Afirmava-se, antes da sua estreia, que os russos eram bons na montanha. De amanhã em diante terão nove dias para provar essas qualidades.

Bom agrupamento

Na etapa de ontem, os portugueses voltaram a correr agrupados, chegando 1 minuto e 47 segundos depois do vencedor (Melikov, em 4 h, 48 m e 3 s) cinco elementos: 30.º, Peixoto Alves, 35.º, Laurentino Mendes, 44.º, Tenazinha, 52.º, Sá, 53.º, Indalécio e 77.º, Augusto Fortes. Alberto Carvalho foi

87.º, a 2 m e 20 s do vencedor, e Mário Silva 102.º, a 5 m e 37 m de Melikov.

Na classificação geral, estão agora no 11.º lugar, com muitos outros ciclistas, os cinco que conseguiram entrar no grupo principal, todos a 2 m e 33 s do «guia» (Melikov, com 7 h, 51 m e 16 s): Peixoto Alves, Laurentino Mendes, Vitor Tenazinha, Mário Sá e Indalécio de Jesus. Alberto Carvalho subiu de 92.º para 84.º, passando o seu atraso de 1 m e 14 s para 8 m e 4 s. Mário Silva desceu de 63.º para 85.º e o atraso aumentou dos 1 m e 14 s para 8 m e 43 s e Augusto Fortes piorou, também, descendo de 87.º para 94.º e agravando o atraso de 5 m e 2 s para 10 m e 9 s.

PROVAS DE TIRO

A prova «Dia Olímpico — 1963», organizada pela Federação Portuguesa de Tiro, disputada à carabina livre, a 50 metros, na posição de deitado, forneceu os seguintes resultados:

Atiradores de 1.ª classe — 1.º, Albino Roque da Silva (S. T. P.), 289 pontos; 2.º, Armando Reis (S. T. P.), 283; 3.º, Amândio Mota Veiga (C. E. — F. N. P. T.), 283; 4.º, António Fial Tavares (P. S. P. L.), 282; 5.º, Abílio Brandão (S. T. P.), 282; 6.º, Joaquim Ramalho Sampaio (S. T. P.), 282; 7.º, José Gomes (S. T. P.), 282; 8.º, Luís Howorth (S. L. B.), 280; 9.º, Armando Nunes Henriques (S. C. P.), 279; 10.º, César Silva Baptista (C. E. — F. N. P. T.), 279.

Atiradores de 2.ª classe — 1.º, Miguel Vilaça (S. T. P.), 286 pontos; 2.º, Pedro Vila Real (G. D. B. P. A.), 284; 3.º, Rafael Mangas de Oliveira (C. E. — F. N. P. T.), 278; 4.º, Silvino Valverde (G. D. B. P. A.), 278; 5.º, Ernesto Pereira Gonçalves (P. S. P. L.), 277; 6.º, Carlos de Andrade (S. L. B.), 275; 7.º, Manuel Garrido (B. P.), 273; 8.º, Filipe Pilar Martins (C. E. — F. N. P. T.), 273; 9.º, Guilherme Dias (S. T. P.), 272; 10.º, Vítor Quaresma de Oliveira (C. E. — F. N. P. T.), 271.

Também organizadas pela F. P. Tiro, disputaram-se as provas, cujos resultados foram os seguintes:

Prova «Carlos Botelho» (Pistola automática a 25 metros) — 1.º, dr. Rogério Tavares (S. T. P.), 289 pontos; 2.º, dr. António da Silva Martins (S. T. P.), 279; 3.º, eng.º José Cayolla (Spt.), 276; 4.º, Joaquim Ramalho Sampaio (S. T. P.), 265; 5.º, António Carvalho de Barros (P. S. P. L.), 258; 6.º, Abílio Brandão (S. T. P.), 245; 7.º, Alberto Marques de Figueiredo (S. T. P.), 209; 8.º, António Duarte Montes (S. T. P.), 161.

Não houve classificação colectiva por não haver o mínimo de três equipas.

Prova «Coronel André Ferreira» (Pistola livre, a 50 metros) — 1.º, António Jorge (P. S. P. L.), 266 pontos; 2.º, José Encarnação Pereira (S. T. P.), 255; 3.º, João Xavier Ferreira Junior (S. T. P.), 253; 4.º, Ernesto Pereira Gonçalves (P. S. P. L.), 248; 5.º, António Carvalho de Barros (P. S. P. L.), 247; 6.º, Domingos Ferreira Grilo (S. T. P.), 245; 7.º, dr. António Gentil Martins (S. T. P.), 241; 8.º, José Maria Pinto Rabaca (S. T. P.), 176; 9.º, António Duarte Montes (S. T. P.), 157.

Não houve classificação colectiva por não haver o mínimo de três equipas.

GINASTAS dos Pupilos do Exército na Bélgica

Seguem amanhã, no «Sud», para a Bélgica, os componentes da classe especial de ginástica, dos Pupilos do Exército, que vão participar, nos próximos dias 6 e 7, nos grandes festivais internacionais de ginástica marcados para a cidade de Tamise (Antuérpia), e, no dia 8, a pedido da Federação Internacional de Educação Física, perante técnicos de vários países.

Ontem, o subsecretário do Exército, sr. major João António Pinheiro, assistiu a um treino dos excelentes ginastas.

O sorteio dos jogos da Taça dos Campeões Europeus efectua-se amanhã em Zurich

Está marcado para amanhã, em Zurich o sorteio dos jogos referentes à primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus, de 1963-64. Estão apurados os seguintes campeonos:

Motor Jena (Alemanha Oriental); Austria (Austria); Standard de Liège (Bélgica); Dukla (Checoslováquia); Esberg (Dinamarca); Glasgow Rangers (Escócia); Real Madrid (Espanha); Mónaco (França); Panathinaikos (Grécia); P. S. V. (Finlândia); Everton (Inglaterra); Internazionale (Itália); Distiller (Irlanda do Norte); Partizan (Jugoslávia); Jeunesse Esch (Luxemburgo); I. F. K. (Noruega); Gornick (Polónia); Dundalk (República da Irlanda); F. C. Zurich (Suíça); Norrköping (Suécia) e Ferencváros (Hungria).

O Benfica será o representante português, esclarecendo-se que o Milan está isento por ser o actual campeão.

Sporting-Benfica (6-0) para o «Distrital» de Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 2 — O Sporting derrotou o Benfica, por 6-0, e o Alto Maé venceu o Atlético, por 2-1, em jogos de atraso

do Campeonato Distrital de Futebol.

A classificação é comandada pelo Ferroviário, com 20 pontos, seguindo-se-lhe o 1.º de Maio, 17; Desportivo, 17; Sporting, 16; Benfica, 13; Indo-Português, 11; Alto Maé, 10 e Atlético, 7.

Por outro lado, disputaram-se dois jogos referentes à 2.ª jornada da 2.ª volta do «Distrital» da II Divisão, tendo-se verificado os seguintes resultados: Mahometano-Maafil, 4-3 e Belenenses-Inhambanense, 3-1.

Riera cessará amanhã as suas funções no Benfica

De acordo com a direcção do Benfica, o treinador Fernando Riera termina amanhã a sua actividade no Benfica, dirigindo o treino habitual.

As equipas dos «encarnados», até à vinda do substituto de Riera, serão orientados por Fernando Calado e Fernando Cabrita. Sai um Fernando, mas ficam dois...

Em Coimbra, a final do «Nacional» de juniores

A F. P. F. marcou para o próximo domingo, às 11 horas, no Estádio Municipal de Coimbra, a final do «Nacional» de juniores, em que serão adversários, o Benfica e o Porto.

Antes, às 9 horas, efectua-se o jogo Académica-Saioanense para o torneio de principiantes.

COSTA PEREIRA vai abandonar o futebol?

LOURENÇO MARQUES, 2 — Anuncia-se, nesta cidade, que o guarda-redes do Benfica e da selecção nacional, Alberto Costa Pereira, está firmemente decidido a abandonar o futebol de competição em 1964, quando espera que o clube «encarnado» lhe faça a festa de homenagem.

O magnífico futebolista moçambicano teria prevenido já os seus familiares da sua «resolução», que, segundo o «Notícias», não foi ainda comunicada à direcção dos Campeões Nacionais. — (L.).

O Ramaldense de novo, campeão nacional de hóquei em campo

Prosseguiu no sábado e terminou ontem, no Porto, o campo de Ramalde, o campeonato nacional de hóquei em campo.

A equipa portuense, derrotando ambos os conjuntos lisboetas, por 1-0, sagrou-se campeã nacional, revalidando, assim, o título conquistado na época transacta.

Os campeões do Norte venceram, mas o hóquei praticado ficou longe daquele que lhe vimos anos atrás. Não restam dúvidas que a simplicidade com que anteriormente esquematizavam os lances desapareceu para dar lugar a avançadas de turbilhão, sem nexo, com todos a procurarem fazer os resultados.

O Futebol Benfica ganhou o «Regional» de Júniors

Terminou também com a realização das partidas Palmense-Belenenses e Benfica-Futebol Benfica, o Campeonato de Lisboa de Júniors de hóquei em campo.

O vencedor do torneio só foi conhecido na derradeira jornada — o Futebol Benfica, vencedor dos «encarnados», por 3-0.

Domingo, em Aveiro grande jornada de propaganda

Efectua-se, em Aveiro, no próximo domingo, com organização da Federação, uma grande jornada de propaganda do hóquei em campo, durante a qual será disputada a final do Campeonato Nacional de Júniors; torneio «Dia Olímpico» e, ainda mais duas taças.

Estas provas movimentarão oito equipas, de Lisboa e do Porto.

Começou a segunda volta do «Regional» de hóquei em patins

Começou, ontem, a segunda volta do campeonato de Lisboa, de hóquei em patins, com os encontros, cujos resultados foram os seguintes:

Algés, 1-Sporting, 7
Paredê, 1-Sintra, 3
C. U. F., 2-Oeiras, 2
Belenenses, 1-F. Benfica, 1
P. Arcos, 1-Benfica, 4
Cascais, 3-C. Ourique, 4

A primeira ilação a tirar destes números é que nenhum dos visi-

tantes perdeu e dos seis, apenas dois, empataram. Todavia, os desfechos das partidas, à excepção do verificado no Restelo, correspondem à generalidade dos vaticínios, sendo, no entanto, de realçar o «nulo» dos oitenses no Barreiro; e a vitória tangencial dos camponienses em Cascais, a denunciar dificuldades, aliás, igualmente previstas.

Temos, pois, que sómente o empate entre os «azuis» e os «encarnados e pretos» está fora da linha dos resultados previstos. Julgava-se o «team» belenense capaz de desfeitar o «lanterna-vermelha». Assim não aconteceu, conseguindo assim o Futebol Benfica retirar-se do campo sem haver averbado um revés.

Os «leões» lograram a margem mais ampla da jornada, a que se seguiu a do Benfica em Paço de Arcos.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Benfica	12	11	1	—	47-16	35
C. A. C. O.	12	8	2	2	58-28	30
Sintra	12	9	—	3	36-18	30
Oeiras	11	7	3	1	30-13	28
Sporting	12	8	—	4	36-20	28
C. U. F.	12	5	2	5	36-40	24
Belenenses	12	3	3	6	29-26	21
Cascais	12	4	1	7	33-42	21
P. Arcos (a)	11	3	1	7	28-45	16
Algés	12	2	—	10	23-54	16
Paredê	10	2	—	8	20-34	14
F. Benfica	10	—	1	9	19-54	11

(a) Teve duas f. e

HOJE, À NOITE

HANDEBOL DE SETE — «Regional» de juniores. No ringue do Restelo, a partir das 21 horas: Almada-Madre de Deus, Sporting-Benfica e C. D. U. L. Belenenses.

HÓQUEI EM PATINS — «Regional» da 2.ª Divisão. Nos ringues dos primeiros, às 22 horas: Vilafrankense-Estremoz, Sporting de Torres-Estremoz, Mundet-Salesiana, Azeitonense-Secil e Física-Algés.

NATAÇÃO — Na piscina do Algés, às 21 e 30, festival do Belenenses.

XADREZ — Campeonatos de Lisboa de 2.ª e 3.ª categorias, às 21 horas, nas salas do Alekhine e do Sporting.

FUTEBOL INSULAR

HORTA, 2 — A equipa do Faial conquistou a taça do Torneio de Encerramento depois de vencer o Atlético e o Sporting, por 4-0 e 1-0, respectivamente.

No Funchal, o Sporting da Madeira derrotou o Sancerzense, por 3-0, no 1.º jogo de passagem à 1.ª Divisão. — (A. N. I. e L.).

O Benfica venceu o Técnico VOLEIBOL e acompanhará o L. Ginásio no Campeonato Nacional da I Divisão

Atingiu um nível muito razoável o encontro Técnico-Benfica, que serviu de desempate para o 2.º lugar do Campeonato de Lisboa, qualificando para o «Nacional».

Os benfiquistas principiaram melhor, muito agarrados ao ponto e venceram bem o primeiro «set». Depois, veio ao de cima uma pecha habitual no «seis», isto é, a demasiada desconstrução. E porque o Técnico é uma equipa que luta sempre foi-lhe possível conquistar os dois «sets» imediatos, muito embora no terceiro um erro do marcador (adiando para mais tarde a resolução do «set» quando o marcador estava em 14-12) tenha obrigado a equipa a um esforço que nos pareceu superior à sua capacidade física actual.

Nos vencedores, que serão, por certo, um dos mais sérios candidatos ao título nacional, distinguiram-se António Augusto, Domingos Fernandes, o fulcro da vitória, e Cunha Martins. No Técnico, Frederico Heitor, Ernesto Esteves e André Mendes, enquanto o fôlego o não trahi, foram os melhores.

Arbitrou ao nível costumado o sr. Reinaldo Rodrigues e os grupos formaram:

BENFICA — Artur Monteiro, António Augusto, Domingos Fernandes, Cunha Martins, Rogério Cansado, Vítor Carvalho, João Nogueira, José Magalhães e Luís Nascimento.

TÉCNICO — André Mendes, Frederico Heitor, João Calisto, Ernesto Esteves, Carlos Poppe, João Raimundo, David Cohen e António Canas.

A selecção nacional e os jogos luso-brasileiros

Na sequência do nosso ligeiro apontamento de domingo em que era referido, ainda que ao de leve, o momentoso problema que aflige

os adeptos da modalidade quanto à participação da nossa selecção nacional nos Jogos Luso-Brasileiros e à participação da nossa selecção nacional dirigentes através de soluções que de certo modo se poderão denominar de ocultas, temos hoje que referir que o «responsável» a que fizemos referência, ao constatar o «jogo de interesses» que tem rodeado o caso, e também ante a recusa formal dos treinadores convidados para preparar a equipa, decidiu abandonar a ideia de vir a ser seleccionador.

Enfim, um caso lamentável e que bem merece ser analisado por quem de direito.

NUNO MOTA

XADREZ

Principiou a disputar-se o Campeonato de Lisboa

Começaram a disputar-se os campeonatos de Lisboa por equipas. Os resultados apurados foram os seguintes:

3.ª categoria: Santos-Sporting 1-3; Benfica-Ateneu, 0-4.

2.ª categoria: Benfica-Alekhine, 3-1; Santos-Ateneu, 1-3.

Todos estes resultados traduzem superioridade dos vencedores.

A secção de xadrez do Ateneu festejou o seu 5.º aniversário

O Ateneu Comercial de Lisboa festejou a passagem do 5.º aniversário da sua secção de xadrez com a organização de um torneio relampago com partidas de cinco minutos. Inscreveram-se 30 xadrezistas, que jogaram a prova pelo processo de eliminação ao terceiro ponto perdido. Chegaram à final dois representantes do G. D. Santos, Dagoberto Cardoso e Alberto Silva, tendo a vitória pertencido ao primeiro.

PEQUENO MAGAZINE - DIBOA
especial * especial * es

MICROFILMES

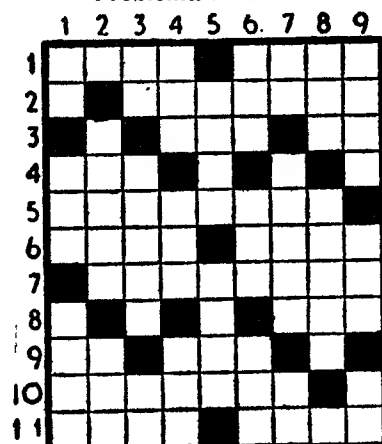
★ Os Arquivos Nacionais Suecos receberam, recentemente, o ultimo dos 54 440 rolos de microfilmes de documentos genealógicos, demográficos e outros, desde o século XVI até 1860. Os filmes foram doados pela Associação Genealógica de Salt-Lake City de Utah, U. S. A., sob o patrocínio da igreja mormon, cujo presidente, sr. Alvin W. Fletcher, ofereceu simbolicamente o presente ao Rei Gustavo Adolfo, numa cerimónia na Biblioteca Bernadotte do Palácio Real de Estocolmo.

UNIVERSIDADES POPULARES

★ Será comemorado este ano nos Países-Baixos, o primeiro meio século da fundação, em Amsterdam, de uma Universidade Popular, instituição que abriu enormes perspectivas no que diz respeito ao ensino superior do sector economicamente mais fraco da população holandesa. Funcionam actualmente no pais 34 instituições do género. Em seus cinquenta anos as universidades populares beneficiaram particularmente as pessoas pertencentes à classe média inferior (comerciantes, empregados de escritórios e operários).

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 3075



HORIZONTAIS: 1—Pronome pessoal (pl.). Em que lugar. 2 — Porcos. 3 — Cólera. Prefixo de negação. 4 — Letra grega. Artigo definido. 5 — Nome dum medicamento. 6 — Quintal. Vila e concelho do distrito de Aveiro. 7 — Aparelho que serve para andar pelo ar. 8 — Senhores. 9 — Prefixo de negação. Quadrupede ruminante. 10 — Remédios. 11 — Ecoar. Creme.

VERTICAIS: 1 — Pronome pessoal. Pronome relativo. Menina em inglês. 2 — Estancia termal portuguesa no centro do Pais. Negativa. 3 — O mais. Cubras de todo. Em a. 4 — Percebo. Mágica. Botequim. 5 — A Pérsia. Perfume. 6 — Base aérea portuguesa. Palavra que quer dizer não em muitas linguas. Unidade monetária do Japão. 7 — Laço. Matérias incandescentes que saem dos vulcões. Apelido. 8 — Oferece. Are. 9 — Estimativa. Rente. Batráquio.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

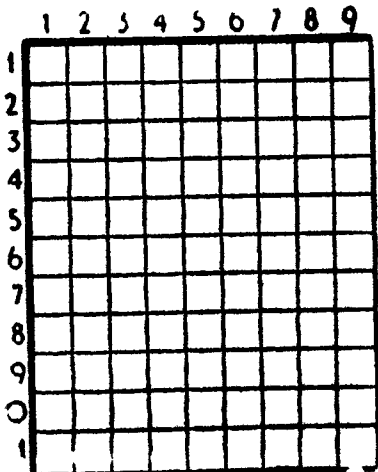
Solução do problema n.º 3074

HORIZONTAIS: 1 — Mar. Gás. 2 — Sarou. 3 — Sr. Paz. UM. 4 — Sola. Oiro. 5 — Elo. Dor. 6 — Encapas. 7 — Aedos. 8 — Rã. Don. Dr. 9 — Crua. Cria. 10 — FILHO. E. 11 — Mias. Eram.

VERTICAIS: 1 — ESSE. Orçam. 2 — Role. Ar. 3 — As. Lona. Ufa. 4 — Rapa. Cedais. 5 — Rã. Lado. 6 — GOZO. Ponche. 7 — Au. Idas. Ror. 8 — Uros. DI. 9 — Amor. Traem.

Proverbio: UM FILHO E ESSE GOZO.

(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 6020



HORIZONTAIS: 1 — Célebre batalha naval, comandada por Nelson. 2 — Lodo. Cidade dos Países Baixos. 3 — Ilha entre o Oceano Pacifico, o mar da China e a Coreia. 4 — Oferecer. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. 5 — Achatasse. 6 — Apelido. Deus dos pastores. 7 — Abreviatura de página. Emprega. 8 — Viração. Rio da Suíça. Pêlo de certos animais. 9 — Ratar. Lavras. 10 — Animal anfíbio, cujo corpo é protegido por uma espécie de concha. 11 — Jarro (planta). Camareiras.

VERTICAIS: 1 — Símbolo químico do tálio. Oferecer. Cidade da Grécia. 2 — Sorteiam por meio de bilhetes numerados. Aproar. 3 — Carinhosa. Epoca. 4 — Tempo do verbo ir. Réptil sauro. 5 — Amachucam. 6 — Pronome pessoal mais pronome pessoal numa só dicção. Averiguar. 7 — Limonadas gasosas. Nome de homem. 8 — Pequeno lémmure nocturno de Madagáscar do tamanho de um gato. Inunda. 9 — Batráquio. Pronome possessivo. Pegas.

Solução do problema n.º 6019

HORIZONTAIS: 1 — Agamemnon. 2 — Ária. Aire. 3 — Ad. Cã. 4 — Aval. Leva. 5 — Lã. Aru. As. 6 — Árias. 7 — Cr. Re. 8 — Re. Val. Rs. 9 — Ceai. Oriá. 10 — Atlântico. 11 — Mais. Amos.

VERTICAIS: 1 — Aa. Ali. Içam. 2 — Grava. Creta. 3 — Aida. Ar. Ali. 4 — Má. Lar. Vias. 5 — Rima. 6 — Má. Lua. Lota. 7 — Nice. Sr. Rim. 8 — Orava. Erico. 9 — Ne. Aso. Sãos.

Em AGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na agência Raul Conde.

POPULAÇÃO

BRASILEIRA

Sessenta por cento da população brasileira é branca, 30 por cento mestiça, 8 por cento negra, 2 por cento indígena. Em cem anos, o Brasil recebeu cinco milhões de imigrantes. Uma proporção anual diversificada resume-se assim: 18 mil portugueses, 7 mil japoneses, 7 mil espanhóis, 5 mil italianos, mil alemães, 8 mil de outras nacionalidades diversas.

Diário da Outra Banda

O último dia dos festejos do Montijo

MONTIJO, 2 — Com uma sessão de fogo preso e do ar, em que serão empregados 500 foguetes de fantasia, 50 balonas coloridas e 1500 foguetes, que começará à meia-noite e meia hora e terminará com «A queima do batel», encerram-se hoje as tradicionais e populares festas de São Pedro, que tiveram o patrocínio da Câmara Municipal e atraíram, como sempre, milhares de forasteiros.

Hoje, às 8 horas, houve, como nos dias anteriores, uma salva de 21 morteiros.

Às 18 horas começa, no Campo Luís de Almeida Fidalgo, um festival de atletismo; e às 21 e 30, haverá concertos, pelas bandas das Sociedades Filarmónicas União Seixalense, do Seixal, e Humanitária, de Palmela, seguindo-se a «Noite luso-espanhola», com a colaboração de artistas portugueses e espanhóis.

Cinemas

ALMADA — Academia — A's 21 e 30: «Aventuras de Karim de Bagdad» (12 anos); «Incrível» — A's 21 e 15: «Cantinfias cicerone» e «Somos todos inquilinos» (12 anos).

BARREIRO — Cine — Esplanada Luso — A's 21 e 30: «Cleópatra, a rainha do Egipto» (17 anos).

COSTA DA CAPARICA — Cine Copacabana — A's 21 e 15: «A montanha» e «A minha gueixa» (12 anos).

COVA A PIEDADE — Clube Recreativo — A's 21 e 15: «Tiara Tahiti» (17 anos); «União Artística» — A's 21 e 15: «Que rico par de meias» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Nunes — Largo Coronel Ramos da Costa 10 (Tel. 234137).

ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).

ALMADA — Castro Rodrigues — Rua Capitão Leitão, 49 (T. 270076).

BARREIRO — Avenida — Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 227207).

COVA A PIEDADE — Império — Rua do Cabo da Boa Esperança (Tel. 274356).

MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025).

MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).

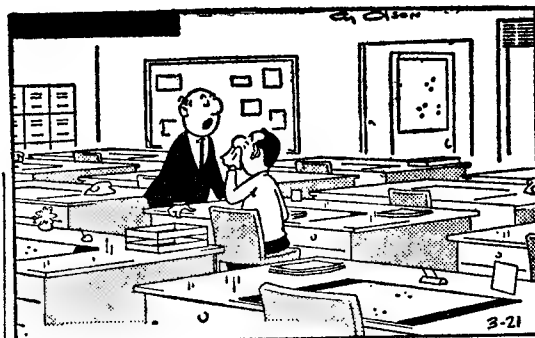
SEIXAL — Soromenho — Rua Av. Portela (Tel. 22709).

SESIMBRA — Lopes — R. Candido dos Reis, 67 (Tel. 229028).

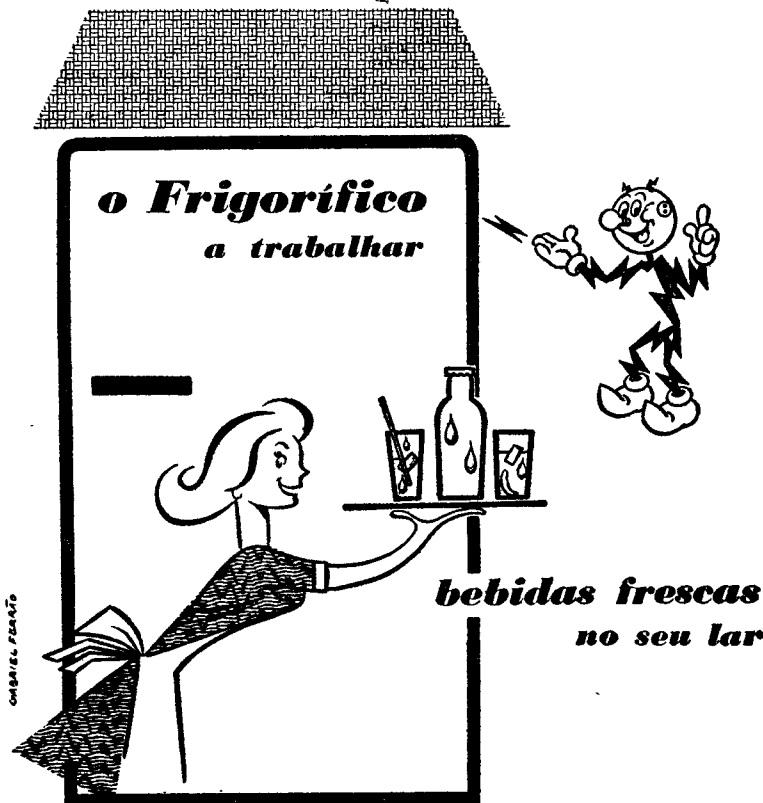
SETÚBAL — Oliveira — Largo da Misericórdia (Tel. 22488).

O BILHAR

O bilhar foi importado do Oriente pelos cruzados, mas também há quem suponha que é uma adaptação francesa de um antigo jogo alemão.



— No entanto, os empregados que o senhor contagiou, não mostram a mesma lealdade de se apresentarem sempre ao serviço...



COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

SALÕES DE VENDA
RUA GARRETT 2—RUA DA BOAVISTA 39

POLICLÍNICA DE CAMPO D'OURIQUE

RUA FRANCISCO METRASS, 24. L.-D.
TELEF. 66 99 64

Doenças das crianças	Dr. A. Ferreira Gomes
Doenças das senhoras — Partos	Dr. Eduardo de Albuquerque
Clinica cirúrgica	Dr. Eduardo Amara
Clinica medica	Dr. E. Oliveira Machado
Doenças dos olhos	Dr. José Coelho Puga
Doenças dos ouvidos, nariz e garganta	Dr. João do Amara
Ortopedia e cirurgia das crianças	Dr. Maria Albertina do Carmo
Doenças reumáticas	Dr. Maria Isare Barata
Raios X	Dr. Coelho opes
Análises clinicas	Dr. Eugénio Lito
Agentes físicos	Dr. F. Formiga Luzes



PARA INFORMAÇÕES E ALOJAMENTO

LASSEN TRANSPORT, LDA.
RUA DA PRATA, 59 — LISBOA — TEL. 321387

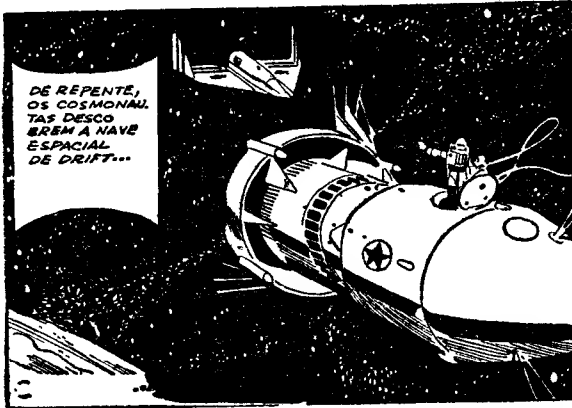
MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica
do dr. I. M. LEVITT

535



MOBIL DE ROUBO: ASSASSÍNIO

por FRANK KANE



FOLHETIM SEMANAL DO
Diário de Lisboa

6

RESUMO DO CAPITULO ANTERIOR—O detective Johnny Liddell é chamado por uma cancionista de um clube nocturno nova-iorquino, de nome Mona Varden. Mona, uma ruiva atraente, diz a Liddell precisar do seu auxílio e entrega-lhe um embrulho, combinando encontrar-se em casa, onde poderão falar mais à vontade. Quando Liddell sai do clube, é abordado por dois homens de aspecto pouco tranquilizador...

CAPITULO II

Johnny Liddell e os seus dois captores dobraram a esquina e encaminharam-se para um automóvel que os aguardava com as luzes apagadas. O homem da automática fez sinal ao companheiro para se sentar ao volante. Ele e Liddell instalaram-se atrás.

—Que é que a ruiva lhe queria, Liddell? — quis saber o homem de nariz de papagaio. Pelo tom da pergunta, era óbvio que pouco se lhe dava que Liddell respondesse ou não.

—Que lhe parece? — perguntou o detective.

O outro ignorou a pergunta.

—Para quem trabalha você? Para a companhia de seguros?

Liddell considerou a pergunta e abanou a cabeça.

—Para ninguém. Ela pôs-me a cabeça a andar à roda com aquela canção e fui procurá-la para ver o que poderia conseguir. — Encolheu os ombros. — Mas pela recepção que tive, já vejo que muitos há como eu a quem se lhe mete a mesma ideia na cabeça.

Reclinou-se e, milímetro a milímetro, conseguiu extrair o embrulho que a rapariga lhe tirara do bolso. Sentia o suor correr-lhe pela testa. Por fim, conseguiu empurrar o embrulho para o fundo do banco.

O homem de nariz de papagaio estendeu a mão e segurou-o pela lapela.

—Que está você a tentar? — O rosto do pistoleiro era uma mancha esbranquiçada no interior

do carro. A boca da automática colou-se contra as costelas de Liddell.

—La puxar de um cigarro.

O nariz de papagaio abanou-o.

—Okay. Mas tire-o com dois dedos. Tente puxar de outra coisa qualquer, e furo-lhe a mão.

Liddell sacou do cigarro e colocou-o nos lábios. Com as costas da mão, limpou o suor do lábio superior. A boca do pistoleiro estava torcida num sorriso maldoso.

—Sempre pensei que vocês, os privados, eram uns tesos. Você parece realmente um «duro» na televisão. — Soltou uma risada. — Mas está banhado em suor. — Enfiou a automática na ilharga do detective e foi recompensado com um gemido. — Na televisão, você já me tinha arrancado o brinquedo das mãos. Mas descanse, não tarda que não lho dê... bala por bala.

Liddell fumou em silêncio, vendo a paisagem a transformar-se de uma zona populosa para os subúrbios menos densos, separados por extensões inabitadas cada vez mais compridas.

De repente, o carro saiu da estrada alcatroada e entrou por um velho atalho de terra batida.

—Qual é o programa? — quis Liddell saber.

O homem de nariz de papagaio soltou uma risada.

—Vamos nadar.

O carro estacou com um estremecimento e o motorista virou-se para trás.

O melhor será descobrir primeiro o que sabe ele, Gancho. O patrão vai querer saber o que tinha a boneca na cachimônia. Se ela quer dar á dica...

—Já sei, já sei — rosnou o Gancho. — Tu, dá atenção ao volante que eu cá me encarrego deste meco. — Tornou a enfiar a pistola entre as costelas de Liddell. — Salta.

—E se eu não saltar?

—Então, será aqui mesmo, e de forma a doer mais. Não julgues que temos medo de estragar a pileca, porque não é nossa.

Liddell acenou a cabeça, abriu a porta e apeou-

8

—se. Quando o bandido se preparou para o seguir, Liddell resolveu dar tudo por tudo. Segurando firmemente a porta, bateu-a violentamente para trás. Seguiu-se um berro de dor quando a porta apanhou em cheio a cabeça do homem.

Largou, então, a correr. A areia parecia colar-se-lhe aos pés, dando a impressão de que os sapatos pesavam pelo menos 50 quilos cada um. Sempre a correr, dirigiu-se para um pequeno grupo de árvores a cerca de trinta metros dali. Do automóvel, soaram várias detonações secas e balas miaram-lhe junto á cabeça, lascando o tronco de uma árvore mesmo a seu lado. Liddell mergulhou e ficou imóvel.

Ouvia distintamente as pragas e os berros enfiados do Gancho. Durante breves segundos, ficou imóvel, mas depois afastou cautelosamente os arbustos. O Gancho e o companheiro aproximavam-se devagar, de pistola em punho. Liddell gatinhou uns metros e colou-se atrás de um tronco.

—É melhor dividirmo-nos. Tu vai por ali, eu por aqui — rosnou o Gancho. — O tipo não tem pistola e nós temos que o catrificar.

—O patrão não ficará nada contente, se o tipo se puser na pira, Gancho — lembrou o companheiro.

—Descansa que não nos foge.

Os ramos estalavam á medida que os dois bandidos avançavam pelo matagal.

Liddell colou-se ainda mais á árvore. Á sua esquerda, avistava o motorista avançando lentamente na sua direcção. Á medida que o outro avançava Liddell ia dando roda ao tronco.

Quando o bandido surgiu a seu lado, Liddell saltou. Ainda tentou estrangular o grito de alarme do bandido, mas faliu o golpe, e o homem largou um berro, enquanto tentava resistir. Liddell segurou-lhe a mão que empunhava a pistola, torceu-lhe o braço atrás das costas, obrigando o bandido a escudá-lo com o seu corpo.

De um arbusto á direita, saltou uma chama. O bandido dominado por Liddell endireitou-se, fez

9

dois estertores e tombou para a frente. Liddell ouviu, então, o quebrar dos ramos que o Gancho ia partindo na sua fuga para o carro.

O detective perdeu uns segundos preciosos, á procura da automática do morto. Quando a encontrou no escuro, já o automóvel se pusera em movimento, arrancando para a estrada.

Por descargo de consciência, ainda disparou na direcção do carro, cujos pneus chiaram ao entrarem na pista asfaltada.

Voltou então para trás, virou o cadáver de costas e acendeu um fósforo. O tiro disparado pelo Gancho atravessara o pescoço do companheiro, abrindo-lhe um orifício um pouco acima do nó da gravata.

Viu as horas e lembrou-se da promessa feita a Mona. Dirigiu-se para a estrada e passou-se hora e meia sem avistar automóvel ou cabina telefónica.

Quando por fim chegou a um «snack-bar», aberto toda a noite, ninguém respondeu do apartamento da ruiva. A telefonista de Marlboro Towers não se lembrava de ter visto miss Varden entrar. Liddell desligou com uma praga, meteu segunda moeda na ranhura e ligou para a Polícia.

Eram quase quatro horas quando Johnny Liddell saiu do elevador no terceiro andar de Marlboro Towers e se dirigiu para o apartamento da ruiva. Deu volta á maçaneta, empurrou a porta e entrou. Um guarda, de pé junto á janela, olhou-o sem sombra de entusiasmo.

—O inspector Herlehy está aí? Sou Johnny Liddell.

O guarda apontou para uma porta fechada.

—Está á sua espera.

O candeieiro da mesa de cabeceira estava aceso, lançando um clarão mortício sobre a cama. Mona Varden jazia sobre o leito. Um braço pendia-lhe quase até ao chão; o outro atravessava-se sobre o rosto como se a vítima tivesse querido ainda evitar o golpe. Tinha a garganta aberta de lado a lado e uma poça de sangue formara-se sobre o tapete ao lado da cama.

10

O inspector fora postar-se do outro lado, mascarando a sua eterna pastilha elástica.

—A sua informação chegou tarde demais, Liddell — disse, fazendo um aceno de cabeça para o leito.

—O assassino não deixou rasto, não?

O inspector encolheu os ombros.

—Os rapazes do laboratório estão ainda a trabalhar. — Puxou de uma nova pastilha, desembulhou-a e meteu-a na boca.

Um representante do médico legista acercou-se da cama, contemplou o cadáver e abanou a cabeça.

—Que pena! E logo uma beleza destas! — Estendeu um recibo ao inspector e esperou que este o rubricasse. — Obrigado, sr. inspector. Agora já podemos levar o corpo.

Herlehy acenou a cabeça. Depois, foi até á janela e olhou para a rua lá em baixo. Liddell deu volta ao leito e esteve a olhar enquanto os dois enfermeiros transferiam o corpo para a maca, cobriam-no depois com o lençol e saíam. Quando a porta se fechou atrás deles, Herlehy virou-se.

—Okay, Liddell. Comece a falar.

—Vamos até á sala.

Liddell, deixando-se cair numa poltrona, rebuscou o bolso á procura dos cigarros.

—De onde conhecia você a ruiva?

—Esta noite, foi a primeira vez que falámos. Ela telefonou-me para o escritório por volta das seis e pediu-me que a procurasse no clube pouco depois da meia-noite.

Herlehy empurrou o chapéu para trás.

—Tudo isso pode ser comprovado.

—Tem a minha secretária a confirmá-lo. — Puxou de uma longa fumaça, tirou o cigarro dos lábios, e com a ponta do dedo, extraiu um fio de tabaco que lhe ficara preso á língua. — Ela queria o meu auxílio, mas não quis falar no clube e pediu-me que viesse cá.

—Isso não faz sentido — rosnou Herlehy. — Porque não o procurou antes de ir para o clube?

11

para que chamasse aquela espelunca só para lhe marcar encontro aqui no apartamento?

—Não sei, Ela... — Calou-se e deu um estalido com os dedos. — Talvez lhe possa responder a isso, quem sabe se não me queria dar o embrulho a guardar. E isso mesmo! O embrulho!

—Um embrulho deste tamanho e desta largura — explicou Liddell descrevendo-o com as mãos. — Mona disse-me que fazia as vezes de uma apólice de vida.

—E onde está esse embrulho?

Liddell esmagou a ponta do cigarro no cinzeiro. — Escondi-o atrás das almofadas do carro em que eles me levavam a passeio...

—Enão, foi-se! Os tipos devem ter o carro escondido nalgum sítio e...

—Não. O carro não era deles. Roubaram-no para me levarem a passeio. O mais certo é que o Gancho o tenha abandonado assim que chegou á cidade.

Herlehy fez sinal ao guarda para se aproximar. — Telefona imediatamente para o Comissariado, quero uma chamada geral a todos os carros de patrulha. — Virou-se para Liddell. — Descreva lá o carro.

Liddell franziu o sobrolho no esforço de concentração.

—Era um automóvel de cor escura... preto ou azul. Pareceu-me um «Lincoln 1935». É muito capaz de apresentar um ou dois orifícios de balas. Esvaziei o carregador da pistola sobre o carro...

—Ohou para o inspector. — Não quer, mandar os seus homens onde eu deixei o outro?

—Mas Herlehy abanou a cabeça.

—Ainda não. Lá chegaremos. Agora, fale-me desse tal Gancho. É capaz de o descrever?

—Julgo conhecê-lo de qualquer parte, mas não sei de onde. Deixei-me umas horas com o arquivo das alcunhas e poderel identificá-lo. Nunca esqueço uma cara, inspector, e o Gancho não me escapará, pode estar certo.

(Continua)

MODAS - CONFECCOES

TUDO PARA VESTUÁRIO

VENDAS A PRAZO
SEM FIADOR
2, Av. P. da Vitória, 2-A

«FERIAS SOLNEVE» O bilhete turístico

que compreende transporte alojamento, refeições e seguro, permite-lhe passar um agradável fim de semana na Covilhã e Serra da Estrela.

Partida de Lisboa ao sábado e regresso da Covilhã ao domingo ou á 2. feira, aos preços de, respectivamente 300\$00 ou 367\$50.

Peça folheto descritivo nas estações do Rossio ou de Santa Apolónia, nos Despachos Centrais da C. P. ou nas Agências de Viagens autorizadas.

FOLHA-DE-FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA, - RUA D. JOÃO V, 7-1,
LISBOA - TELEFS. 68 41 41/2/3

TAMBÉM NO VERÃO HÁ NEVE NA SERRA DA ESTRELA

Visite a Covilhã e a Serra utilizando o bilhete turístico FÉRIAS SOLNEVE. Informe-se e compre o seu bilhete, em Lisboa, nas estações do Rossio e de Santa Apolónia, nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro ou nas Agências de Viagens autorizadas.

(Turismo e Publicidade da C. P.)

Um homem autêntico

Continuação da 1.ª página

Precisamente por isto: João XXIII surgia perante mim como o Pontífice capaz de recrutar a Igreja. Toda a sua humildade e o seu bonacheirão de pastor campestre coexistiam como uma firme vontade de servir. Servir no alto sentido da expressão: o regresso às fontes da simplicidade, a luta sem quartel ao negociadismo, a adesão incondicional à causa do povo sofredor e resignado, o veemente desejo de uma Paz universal, para a qual congregava os prosélitos da sua Igreja e todos os homens de boa vontade, crentes ou agnósticos, católicos ou não.

A ampla tolerância do seu espírito exercia sobre mim uma magnética atracção. Sabia que João XXIII não escolhia os amigos pela feitura das suas crenças. Desde sempre na roda da sua intimidade procurava a autenticidade e, para ele, a autenticidade não era monopólio desta ou daquela confissão religiosa. O homem autêntico era o na medida em que a sinceridade e a honestidade constituíam o bímio de uma vida plenamente vivida.

Com este pressuposto, fatalmente que a cadeira de São Pedro era ocupada por um Pontífice moderno, velho de idade, mas jovem na concepção do universo em que todos coubessem sob o signo da Liberdade e da fraterna convivência.

São desta formação todas as priaturas que, sabendo defender a sua cidadela, a não fecham herméticamente, rodeando-a dos muros tartáricos do ódio, da vindicta ou da segregação.

Era este o caso do Papa João XXIII que eu via á minha frente, alquebrado já pela doença pertinaz e cruel, mas com um desembaraço de gestos e uma firmeza de voz, que não fariam adivinhar a dolorosa agonia que se aproximava cruelmente e que, mais uma vez, pôs á prova o estoicismo da sua condição.

A maioria dos assistentes á recepção não era católica; incretus, como eu, baptistas, anglicanos, luteranos, budistas, muçulmanos. E todos olhando para o Papa popular e democrático, de pé, sem quebra de respeito, porque falta de respeito seria ajoelhar-se quem não sentia fervor para o fazer.

As suas palavras de bondade eram a todos dirigidas como para todos, sem distinção, a sua bênção de paz e compreensão.

Estava á nossa frente, naquela tarde soalheirante do Novembro romano, o artífice excepcional da encíclica «Ad Petri Cathedram», em que propugnava a união e concórdia entre as classes sociais:

«E, além disso, absolutamente necessário restaurar também, entre as várias classes sociais, a mesma concórdia que se deseja entre os povos e as nações»; o padre aldeão que, na outra encíclica «Sacerdoti nostri primordiam», pugnava pelo ideal sacerdotal de S. Francisco de Assis, nestas palavras repassadas de serena emotividade: «Rico para

SOBE O PREÇO
da cortiça em Montargil

MONTARGIL, 2 — Principiou a faina da extracção da cortiça, grande riqueza da região. Os trabalhadores especializados neste serviço ganham 40 escudos diários.

A cortiça é considerada muito boa e já se efectuaram algumas vendas a preço superior ao praticado o ano passado.

dar aos outros, mas sobre para consigo mesmo, viver num total desprendimento dos bens deste mundo, e o seu coração, verdadeiramente livre, abria-se de par em par a todas as misérias materiais e espirituais que lhe viessem ao encontro; o Chefe duma Igreja, que na «Princípio Pastorum» não recuava ante a crítica justa: «Nas novas cristandades não se trata somente de aumentar, mediante as conversações e os baptismos, o grande numero de cidadãos do Reino de Deus, mas torná-los aptos, com adequada educação e formação cristã, a assumir cada um, segundo a própria condição e as próprias possibilidades, a sua responsabilidade na vida e no futuro da Igreja»; mas, acima de todas, a amplidão democrática da «Pacem in terris», onde depunha para a eternidade, entre outras, com estas solenes, graves e profundamente humanas asserções: «O ser humano tem direito á existência, á integridade física, aos recursos correspondentes a um digno padrão de vida: tais são, especialmente, o alimento, o vestuário, a moradia, o repouso, a assistência sanitária, os serviços sociais indispensáveis», «Todo o ser humano tem direito natural ao respeito da sua dignidade e á boa fama; direito á liberdade na pesquisa da verdade», e, igualmente, «direito á informação verdadeira sobre os acontecimentos publicos».

Era esse o Papa que estava á nossa frente!

Como poderia ser ele indiferente a um homem como eu, cuja existência transitória sempre se norteou por iguais normas?

Que mais poderia desejar um homem para quem a Liberdade, o respeito pelos outros, a ansiedade duma vida melhor e a dedicação pelos humildes formam a substância viva da sua consciência?

A Democracia é um sistema de valores eternos que perfilha as suas raízes no Cristianismo dos mártires e resistentes das catacumbas; tudo quanto seja louvar a dignidade do homem e a sua liberdade, lutar contra a miséria, a indigência e o desamparo, causticar erros e crimes contra a condição, unir os seres pensantes á volta da mesa comum da fraternidade — tudo quanto seja isto representa os fundamentos do idealismo que Cristo pregou e que os servidores do povo transformaram no proselitismo dos seus sacrificios e das suas vigílias.

Portando-se como se portou em vida, João XXIII honrou-se a si próprio, prestigiou a sua Igreja, mas, particularmente, lançou as bases de uma reestruturação moral e sociológica, querida e amada por todos os verdadeiros democratas.

A Humanidade empobreceu com a morte de João XXIII. Morreu o Papa da Paz! Que o seu exemplo frutifique, mormente nesta encruzilhada de duvidas e malefícios que ele procurou esclarecer e combater!

Aquela tarde de Novembro romano, em que o vi pela primeira e ultima vez, permanecerá como uma pedra branca nesta minha desoladora e inútil passagem pela terra! Admirá-lo, respeitá-lo e, comovidamente, lamentar a sua morte. É dos grandes deveres que voluntariamente, cumprio, porque é Justiça — aquela flor branca que me pareceu ver lançada aos ventos por entre as riquezas do Vaticano e o apelo de humildade de um dos maiores servidores da Verdade e da Concórdia universal!

VASCO DE MENDONÇA

Dizem os leitores...

Necessidade de se imporem austeridade e ordem nos serviços publicos

Escreve-nos o sr. Armando Eu-sébio a seguinte carta, sobre um problema que ao próprio leitor sugere a necessidade de se imporem «austeridade e ordem nos serviços publicos», a qual endereçamos ás entidades competente:

«O desenvolvimento do transporte automóvel e as necessidades criadas pelo dirigismo económico nas deslocacões dos dirigentes e funcionários, alargou dentro dos serviços do Estado e dos organismos do novo sistema o parque automóvel.

«A aquisição e distribuição das viaturas pelos vários serviços continua inexplicavelmente a não obedecer a regras convenientes. Faz o Estado concursos e, seguidamente, contratos anuais, para aquisição, pelos seus vários serviços, dos fardamentos para o pessoal menor e para máquinas de escrever. Por que razão em aquisições de tanta monta não se procede de igual modo? Por que razão não se determina quais as viaturas, (seu tipo e marca) que podem ser adquiridas para os vários serviços, direcção, pessoal, fiscalizações? As regras devem ser rígidas e não deixar portas abertas a exauros.

«Por outro lado, o que se aguarda para determinar o que se entende por serviço? É serviço da direcção de qualquer organismo ou direcção-geral, a utilização das viaturas automóveis pelos familiares nas suas deslocacões ás compras, aos colégios, aos chá, ás praias e tudo o mais? Que moral têm dirigentes que exorbitam, fazer cumprir aos seus subordinados as boas regras de conduta? A moral é só uma e a falta de acatamento aos seus ditames, se é grave para um subordinado é muito mais para quem tem funções de mando e de responsabilidade.

«Portugal sofre nas suas províncias ultramarinas luta aberta, os nossos soldados combatem na Guiné e em Angola, o País sacrifica-se por esse facto, gastando-se enormes quantias, necessariamente desviadas de fins de fomento e se se malbaratam os dinheiros publicos em utilizações indevidas, haja quem ponha cobro a tal.

«Em 11 de Junho de 1952, foi publicada a lei n.º 2057, que entre muitas coisas determinava o seguinte:

«Base II — os automóveis do Estado ou da Organização Corporativa serão acompanhados de cédula especial, ostentando em letreiros bem visíveis, «Estado» ou «Organização Corporativa» e serão conduzidos por motoristas com carta de condução, envergando farda uniforme, salvo, em todos os casos as excepções recomendadas».

«Base III — os automóveis destinados á execução dos serviços publicos e os da fiscalizaçào serão de modelo utilitário, sempre que este se adapte á natureza do serviço».

«Porque não se obedece ás regras estabelecidas? Se se entende, e bem, publicar lei especial sobre o assunto, o que quer dizer a sua falta de acatamento?

«Se, praticamente, se verificar impossibilidade ao total acatamento

da lei, ao Governo compete modificar o que vier a entender por mais conveniente. O assunto que abordo não é novo, e infelizmente o tempo não lhe tem dado melhoria e sim agravamento, de onde se conclui, logicamente, que só um regulamento com normas rígidas pode pôr ordem na desordem vigente e no aspecto focado. A uma situação á qual Portugal tanto deve, é forçoso que se elimine de vez, o que por todos é considerado desmando».

«A profissão indesejável»

Recebemos do nosso leitor sr. Paulo Renato da Costa Dordonnat a seguinte carta, a propósito do artigo, há pouco publicado no «Diário de Lisboa», sob o título «A profissão indesejável», do nosso ilustre colaborador dr. Fernando Namora, que, além de escritor consagrado, é médico, revestindo-se, por isso, de especial autoridade as considerações e a doutrina expostas no mesmo artigo.

Na sua carta, que a seguir reproduzimos, estabelece aquele nosso leitor um paralelismo entre a situação difícil dos que se entregam á prática da enfermagem (objectivo do artigo de Fernando Namora) e a dos que exercem o magistério primário:

«Tendo lido o artigo de Fernando Namora neste jornal do dia 19, com o título no singular, não quis deixar de fazer um reparo e um acrescento «A profissão indesejável».

«Expõe este ilustre médico e escritor os problemas cruciais da enfermagem, bem dignos de ter em conta, pois é, com efeito, uma profissão espinhosa, que requer os maiores conhecimentos técnicos e, efectivamente, não está recompensada monetariamente.

«Fala o articulista, pela boca de um depoente, equiparando os proventos da enfermeira com os da professora do ensino primário. Estando dentro do assunto, visto ser professor do ensino primário, gostaria de reparar e acrescentar aquilo que Fernando Namora não conhece, e, fazendo justiça, não tem que saber.

«É facto que as professoras do ensino primário têm quatro meses de férias por ano e os domingos livres, mas desconhece o articulista que as mesmas, na maioria, são agregadas e, portanto, não recebem o seu ordenado nessas férias; e, além disso, têm menos trezentos escudos que as efectivas durante o ano lectivo.

«Se há profissões duras, a de professora é uma delas! Teria pensado o articulista no esforço, na perseverança e na indomita coragem que precisa uma destas «missionárias para a educação», colocada numa remota aldeia de Portugal, longe dos seus, em lugares em que a melhor casa é a do tendeiro que, por especial favor, lhe dispensa um quarto em que só cabe a cama, e por vezes, nem janela tem?

«Teria pensado quanto custará romper através da chuva e da neve, a pé, ou de burro, por «caminhos de cabras», pelas serranias do Marão e outras ou ainda, no Alentejo, de aglomerados distantes, sob um sol escaldante, a pé, de bicicleta... sózinha! Se têm filhos, quem trata deles? Neste aspecto, as enfermeiras estão melhor: pelo menos, o seu hospital, o seu centro de acção como enfermeiras é um local com um mínimo populacional, para não dizer civilizado. Se não está numa cidade está, pelo menos, numa vila.

«Na verdade, as «honras» e os «sa-

cerdócios» já não impressionam a juventude do nosso tempo; por essa razão, é, também, grande o problema da falta de professores, principalmente na província e nas zonas rurais, não falando já no professor do ensino primário, que tem o mesmo ordenado, é o chefe da família, e tem de ter um nível de vida, pelo menos equiparado á sua posição social. Não queremos que ele esteja em pé de igualdade com o estudante, o carpinteiro, o canalizador, etc. E não aceitemos, ainda, que o prémio para a carreira que seguiu seja, quando, na idade de prestar o serviço militar, o professor frequentar o curso de sargentos milicianos, findo o qual é promovido... a cabo!

«Não resta, pois, duvida, de que têm de se tomar providências urgentes e sérias, para que num país como o nosso, em que a abnegação, a coragem e a noção do dever a cumprir fazem, desde os tempos do fundador, deixar para trás a casa, a família, para, de animo ardente, enfrentar o desconhecido para engrandecimento da Nação, não abdicarmos da nossa posição no Mundo. Hoje ainda, para que esta terra de heróis possa prosseguir inflexivelmente no seu caminho, necessário se torna que aqueles que ensinam os primeiros passos aos seus filhos estejam convictos da coragem que lhes incutem, assente no apoio que a mesma Nação lhes garante».

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDUSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Camara Municipal de Odemira, em todos os dias uteis das nove ás doze e das catorze ás dezassete horas, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento de um 1.º troço da linha aérea Odemira-Pereiras, a 15 kV, com 23.947 m da subestação de Odemira ao seu apoio n.º 155. Ramal aéreo a 15 kV, com 470 m, do apoio n.º 151 do 1.º troço da linha Odemira-Pereiras ao posto de transformação de Santa Clara-a-Velha. 1.º vão do ramal aéreo para S. Luís e Vila Nova de Mil Fontes, a 15 kV, com 220 m, do apoio n.º 17 do 1.º troço da linha Odemira-Pereiras ao seu apoio n.º 1, no referido concelho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, Secção de Licenças, em 26 de Junho de 1963.

Pelo Engenheiro Chefe da Secção

JOAQUIM GONÇALVES DOS SANTOS

FRIGORÍFICOS

AS MAIS FAMOSAS MARCAS MUNDIAIS

FRIMATIC — GENERAL ELECTRIC — INDESIT — PONTIAC — YUMAN

PRESTAÇÕES MENSAIS DESDE 125\$00 SEM FIADOR SEM ENTRADA INICIAL

NOVO SISTEMA DE VENDAS A PRESTAÇÕES

OFERTA DE UMA PANELA DE PRESSÃO «RÁPIDO» OU UMA BATEDEIRA DE MASSAS

CASA VAPEDRONE

54 — RUA DA VITÓRIA — 56 A IRMÃ MAIS NOVA DA MEIA DE VIDRO

LISBOA

EXITO

teatro * cinema * rádio * televisão
teatro * cinema * rádio * televisão
teatro * cinema * rádio * televisão

«SEARA VERMELHA»

—o novo filme brasileiro extraído do romance de Jorge Amado



Ricardo de Luca, o principal intérprete de «Seara Vermelha»

NA margem direita do Rio São Francisco, no Estado de Pernambuco, situa-se uma localidade chamada Cabrobó, onde foram ultimamente filmadas as cenas mais dramáticas de «Seara Vermelha», película produzida por «Proa Filmes», de São Paulo, a partir do romance de Jorge Amado, dirigida por Alberto d'Aversa.

A revista brasileira «Cinelandia», de Maio passado, publica uma reportagem de Alvim Barbosa sobre as filmagens, de que extraímos as seguintes passagens:

Entrevista com Ricardo de Luca

«Depois de um dia estafante de filmagem, estamos todos sentados na varanda do «Hotel do Povo» apreciando o bellissimo crepusculo em sua miscelanea de cores. O dr. Ricardo José Alves, advogado em São Paulo, que em breve será conhecido apenas como o actor Ricardo de Luca, está sentado ao meu lado.

—Que acha de Cabrobó?

—Parece uma cidadezinha do Oeste americano. Viu «Matar ou Morrer»? Uma rua de casas, duas igrejas, três «bars» e ninguém nas ruas...

«Seara Vermelha» conta no elenco com actores nacionais e até internacionais já bastante conhecidos do publico de cinema, como é o caso de Margarida Cardoso, Sadi Cabral, Jurema Penna, Fregolente, Mauro Mendonça e dos argentinos Elida Gay Palmer e Gilberto Marquez. Mas, o facto mais importante é a oportunidade que o director Alberto d'Aversa deu a uma série de novatos, como Marilda Alves e Maria Adélia, ambas da Baía, e Ivanilde Alves, Ricardo de Luca, Laerte Morrone e as crianças Celeste Arce e Nelson Teixeira e até a este cronista que vos escreve agora.

Quanto farão carreira no cinema? Só o tempo e os nossos produtores poderão responder.

A verdade é que as perspectivas são muito boas porque todos eles têm, «aquela chama interior» que caracteriza um bom actor. Alguns, como é o caso de Ivanilde Alves, Laerte Morrone e eu mesmo, têm experiência de teatro e televisão. Outros são ex-alunos de Escolas de Arte Dramática, como Ricardo de Luca e Maria Adélia.

—Ricardo, que nos diz de sua

primeira experiência cinematográfica?

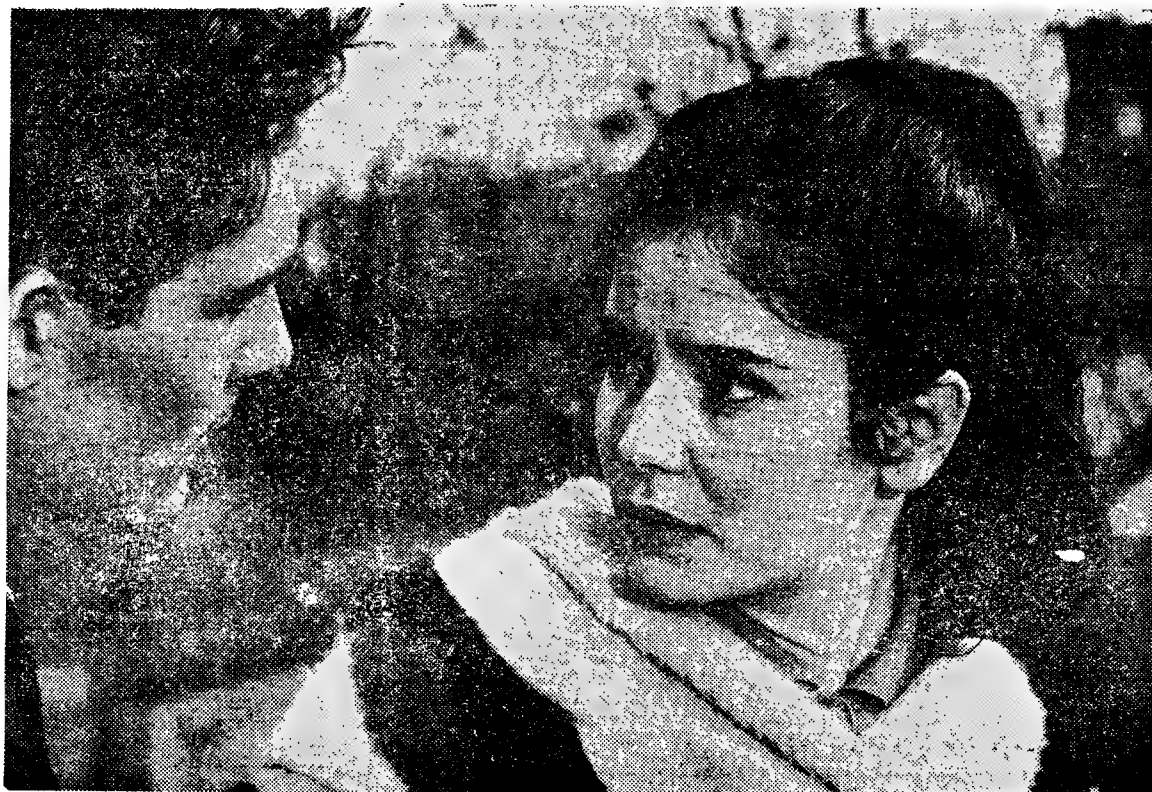
—Muito mais difícil do que esperava. Constatei a diferença to-

(Continua na página central)

«PRÊMIO KALINGA DO CINEMA»

A U. N. E. S. C. O. publicou recentemente o regulamento do «Prémio Kalinga do Cinema», no valor de 2000 libras esterlinas, que um júri internacional vai atribuir em 1964 a realizações notáveis nos sectores da educação, da ciência e da cultura, e resultantes da colaboração entre os povos.

Apenas serão admitidos a concurso filmes acabados de rodar entre 1 de Janeiro de 1963 e 30 de Junho de 1964, e cujo tempo de projecção exceda 25 minutos. Também podem concorrer os que foram originariamente feitos para a televisão. Os filmes de imaginação foram excluídos do certame.



Uma cena do ultimo filme de André Cayatte, «La Vie Conjugale», com Jacques Charrier e Marie José Nat



Uma cena do filme «Les Roquevillards», vendo-se em primeiro plano Charles Vanel e Aimé Clariond

Henry Bordeaux e o Cinema

Artigo inédito de CHARLES FORD

HA' mais de vinte anos que não se extrai da obra de Henry Bordeaux qualquer filme, quanto há quarenta anos o romancista haja sido um dos escritores em que um cinema de feição cristã mais se inspirou. Foi precisamente em 1919, ano da entrada de Henry Bordeaux para a Academia Francesa, que um cineasta pela primeira vez entendeu levar ao «écran» uma das suas obras. Tratava-se de «L'écran brisé» filmado sem génio e sem dimensão por Raoul d'Auchy. Três anos mais tarde, um outro romance do novo académico foi também alvo de uma fraca adaptação cinematográfica: «Le chemin de Roseline». Realizador: Maurice Gleize.

Em 1923, verifica-se o primeiro passo do escritor para uma colaboração frutuosa com o Cinema. Referimo-nos ao romance «La neige sur les pas». Quando o produtor lhe solicitou os direitos de adaptação, Henry Bordeaux exigiu que o filme fosse rodado no Grand Saint-Bernard, local em que se processa a acção do romance. Num artigo publicado em 1924 no «Cinemagazine», o autor de «La neige sur les pas» concede ao papel algumas das impressões dessa aventura:

«Sob um tempo de pureza incomparável, as montanhas muito delineadas no horizonte, uma equipa cinematográfica, dirigida por Henry Etievant, um dos nossos mais conscienciosos cineastas, após ter vencido os flancos do monte Vélan com uma coragem de verdadeiros alpinistas, da-

va entrada no mosteiro do Grand Saint-Bernard. A majestade do lugar e a serenidade dos professos tornaram quase religiosa a realização da obra. Poucos filmes, creio eu, depararam jamais com uma tal colaboração».

A reputação de Henry Bordeaux ultrapassou largamente o quadro nacional. Contudo, os projectos sobre a sua obra no estrangeiro foram escassos. Em 1920,

(Continua na página central)

A história do cinema vista por dois jovens alemães

Ulrich Gregor e Enno Patalas acabam de publicar o primeiro manual alemão sobre a arte cinematográfica. Trata-se de uma obra muito completa que, além do registo de títulos, personalidades e firmas ligadas à sétima arte, contém inúmeros dados bibliográficos e uma lista de oitenta filmes. Nela se faz referência aos primórdios desta arte na Europa, ao aparecimento do filme americano, à importância do cinema escandinavo, ao expressionismo e modernas tendências cinematográficas na Europa. Outros aspectos focados neste manual são: o impressionismo francês; o cinema da revolução soviética; Hollywood dos anos vinte; o filme alemão anterior a Hitler e durante o seu regime; o realismo poético francês dos anos trinta; a ascensão do documentarismo britânico; o filme soviético do realismo socialista; Hollywood na crise eco-

nómica; o aparecimento do neo-realismo italiano no pós guerra; o indeciso desenvolvimento do ci-

(Continua na página central)

FESTIVAIS DE CINEMA

A «Semana Internacional de Filmes de Mannheim» efectua-se, este ano, de 14 a 19 de Outubro e será subordinada, como anteriormente, ao tema: «O Homem nos Tempos Modernos».

O regulamento do festival prevê a admissão de filmes de curta metragem que sejam documentários históricos ou sociais, folclóricos, turísticos e culturais, filmes de desenhos animados ou de fantoches e ainda filmes de acção com menos de 45 minutos de tempo de exibição.

O Grande Prémio de Mannheim, no valor de 10000 marcos (70 contos), está reservado a filmes de acção apresentados por realizadores de documentários.

O primeiro certame internacional de cinema e televisão infantil, patrocinado pela Direcção-Geral de Cinematografia e Teatro, de Espanha, efectua-se em Gijón, de 21 a 25 de Julho. Entre outros, participam neste certame produtores do Canadá, da Espanha, México, Estados Unidos, Itália, Republica Federal da Alemanha, Inglaterra e França. O propósito do Festival é fomentar o cinema especificamente infantil, de forma acessível à mentalidade das crianças.

O IV Festival Internacional de Cinema Industrial efectua-se em Madrid, de 14 a 19 de Outubro. A comissão organizadora disse que o Festival tem como objectivo informar sobre as realizações industriais, os métodos de produção, a investigação científica ao serviço da industria, a posição da industria na sociedade contemporânea e os assuntos relacionados com os problemas sociais. Cada país participante poderá exhibir, no máximo, quinze películas.

A peça «O Monta-Cargas» de Harold Pinter no teatrinho da «Guilherme Cossoul»

SABENDO que o Grupo Dramático da Sociedade Guilherme Cossoul se prepara para reiniciar as suas actividades e tendo em conta a importância e o exemplo da referida Sociedade no que respeita à defesa de uma cultura popular e à difusão do bom teatro, não quisemos deixar de tomar contacto com o actual ambiente de entusiasmo em que decorrem os trabalhos para a apresentação da nova peça: «O Monta-Cargas», de Harold Pinter.

Tem já mais de 78 anos de actividade cultural ao serviço do povo, a Sociedade Guilherme Cossoul. Inicialmente entregou apenas à actividade musical, a pouco e pouco foi-se preocupando por muitos outros problemas de interesse associativo e popular. A primeira tentativa, que aliás não vingou, para a constituição de um grupo dramático data de Novembro de 1892.

A partir de 1945 o grupo dramático, sob o impulso e o entusiasmo do que viria a ser depois actor profissional, Jacinto Ramos, entrou num período decididamente moderno de renovação e defesa do Teatro. Desde Raul Brandão a Luís Francisco Rebelo, desde Gil Vicente a Almeida Garrett, desde Pirandello a Tchekov, sucessivas peças se foram apresentando, num movimento entusiástico, a demonstrar o interesse das camadas populares pelo bom teatro, movimento esse que permitiu se revelassem valores jovens que mais tarde viriam a participar no teatro profissional, quer como actores, quer como encenadores.

Considerando que a cultura popular se deve realizar no sentido da qualidade e não no da facilidade, a comissão de teatro, orientada inteligentemente por Jacinto Ramos, que muito do seu esforço tem dedicado à defesa desinteressada do Teatro, num ambiente em que predomina a venalidade e a ausência de critério, dedica toda a sua atenção ao que de mais importante se vai realizando no domínio do Teatro.

«O Monta-Cargas» comédia em 1 acto, traduzida por Luís de Sittau Monteiro, tem estado a ser ensaiada por Jacinto Ramos e será interpretada por Filipe França e Costa Nery, dois jovens actores que muito prometem. O cenário é da autoria do pintor João Vieira. A estreia será no próximo dia 4 de Julho, pelas 22 horas, realizando-se outros dois espectáculos nos dias 5 e 6.

Conversando com o seu director, sr. José de Oliveira, esclareceu-nos este que muitas dezenas de contos se gastaram já em melhoramentos e que será feito tudo o que for possível para prosseguir tão importante obra. Nesse sentido, referiu-nos que fora apresentado à Fundação Calouste Gulbenkian, que tão benéfica tem sido para a cultura nacional, um pedido de subsídio, capaz de garantir a continuidade do grupo de teatro. Apenas com a ajuda dos seus amigos e sócios, auxílio valioso e desinteressado, a Sociedade atravessa grandes dificuldades financeiras. Por exemplo, para a montagem desta peça, o pai de um dos sócios, numa atitude extremamente simpática, adiantou cerca de 20 contos. Por outro lado, os diferentes arranjos na sala foram executados graciosamente pelo arquitecto Conceição Silva.

E merecedora de todo o apoio, de todo o incentivo, a obra silenciosa e sem ostentação que a Sociedade Guilherme Cossoul, está a realizar a bem do Teatro e da dignificação cultural das camadas populares.

PERSONAGENS: O Encenador (que pode ser o Ribeirinho); o Actor (que pode ser o Paulo Renato); o Escritor (que pode ser o Manuel da Fonseca) e o Jornalista (que é capaz de ser o autor destas linhas).



Esteve entre nós o Deutsches Ballet Theater, fundado em 1956, de que é director, coreógrafo e primeiro bailarino um dos mais prestigiosos bailarinos da Alemanha — Gerd Brühner. O êxito nos principais teatros da Alemanha confirmou as esperanças postas por quantos se uniram nesse ingente labor e culminou na realização de uma grande tournée pela Europa e nos mais célebres Festivais Internacionais da Europa. Sem ser um agrupamento extraordinário, o «Deutsches Ballet Theater» deixou no palco do Império uma nota moderna, onde a juventude afirmou os seus méritos e a sua ansia de superação do academismo.

Quem te viu e quem te vê

● No último número do semanário da Radiotelevisão Portuguesa lê-se o seguinte: «Ao lado destas pequenas contradições (críticas pertinentes e impertinentes), os homens da televisão têm, porém, grandes alegrias: a palavra de agradecimento dos pais a quem a TV salvou a vida de um filho, de um doente que encontrou motivos de esperança ou simples distração num programa de TV, a saudação amigavelmente admiradora de um desconhecido que «já nos viu lá em casa», o conforto espiritual que uma imagem de beleza ou de alegria levou a milhares e milhares de pessoas de todas as condições. Bem pesadas as coisas — o saldo é a nossa favor».

Tomada à letra, esta nota poderia dar a ideia de que a TV está plenamente contente com a sua obra. Ora a verdade é que nem os génios estão satisfeitos com o que fazem. O desejo de perfeição é insaciável.

Indo ao encontro do gosto do grande público (e servindo-se da popularidade do Cinema) a TV continua a dedicar a sua melhor atenção aos assuntos relacionados com a 7.ª arte.

Baptista Rosa, que esteve há pouco em Cannes, já se encontra no Festival de Berlim, a colher elementos para os programas cinematográficos da Televisão Portuguesa.

TELE-VISOR

«O DRAMA DAS GERAÇÕES» — comédia em meio acto de com e várias cenas tristes em



A cena única passa-se num café, numa pastelaria, num botiquim ou mesmo numa cervejaria nocturna, com mariscos de porcelana a 150 escudos o quilo.

O JORNALISTA (para o Escritor) — Não conhece o sr. Encenador, considerado o mestre de teatro das novas gerações?

O ESCRITOR (bebendo água das Pedras) — Conheço perfeitamente, mas nunca falámos. Ultimamente tenho andado afastado...

O ENCENADOR (enterrando mais o chapéu preto) — Eu também.

O ACTOR (mastigando um pastel de feijão) — Isso é que é lamentável. Nós acreditamos em si, precisamos da sua presença. A minha geração teve-o como mestre e não pode dispensar os seus ensinamentos.

O ENCENADOR — Eu não vos abandono. Larguei-vos, na altura própria. Sigo as vossas carreiras com curiosidade.

O ACTOR — Bem sabe que não podíamos avançar sósinhos. O seu abandono obrigou-nos a recuar, a hesitar...

O ENCENADOR — Fiz de vós profissionais de teatro. O caminho que seguides já não é comigo.

O JORNALISTA — Mas o exemplo? E fundamental não dar maus exemplos...

O ACTOR — A responsabilidade de um mestre tem que ser assumida até ao fim.

O ESCRITOR (distraindo) — Então deixou de encenar peças?

O JORNALISTA — Dedicou-se, ultimamente, às comédias comerciais.

O ESCRITOR — Compreendo.

O ACTOR — O que os artistas da minha geração sabem aprenderam-no consigo, sr. Encenador.

O ENCENADOR — Que mais queriam vocês?

O ESCRITOR (em aparte, para o empregado) — Um café.

O ACTOR — Bem sabe que nós e o teatro precisamos de si.

(E aparte: «Há anos que estava à espera deste momento»).

O ENCENADOR — Despertei em vós o amor pelo Teatro. Mas nunca pretendi interferir nos vossos caminhos. O futuro é vosso.

O JORNALISTA — E o exemplo?

O ESCRITOR — Está desiludido?

O ENCENADOR — Eu?

O ESCRITOR — Sim.

O ACTOR — Desiludidos devíamos estar todos. Mas a minha geração não está. Luta pelo futuro.

O JORNALISTA — A conversa é muito interessante, mas tenho de me ir embora. De contrário perco o comboio.

O ESCRITOR — Também não tem automóvel?

Uma gargalhada e uma bafurada de fumo dum charuto abafam as vozes e a luz. O Teatro desaparece e fica só o restaurante ou o café, com meia dúzia de frequentes noctívagos.

O público bate palmas, mas a pedir um prego com batatas ou uma cerveja.

M. de A.

Henry Bordeaux e

(Continuação da 1.ª página)

um enviado especial da grande companhia cinematográfica americana Universal Pictures Corporation, C. de Vidal Hundt, assentou o nome de Henry Bordeaux na lista dos quinze escritores franceses e alemães convidados para argumentistas daquela produtora americana. Nenhuma das suas obras assim escolhidas foi, todavia, adaptada ao Cinema. Muito modestamente, em 1926, Henry Bordeaux acedeu em escrever as legendas para um documentário produzido por uma sociedade de Lausanne, denominado «Une chasse au chamois dans les Alpes Fribois»... Tempo depois, «Les Roquevillards», a sua obra mais célebre, era adaptada ao Cinema por Julien Duvivier, ainda no início da sua carreira de realizador. Essa adaptação já tinha peso e medida. Vinte anos mais tarde, porém, Jean Dréville, utilizando o mesmo romance, realiza um filme que muito suplantava aquela primeira versão.

A obra de Henry Bordeaux tem origem a quatro filmes sonoros. O primeiro nasceu em 1939. Um cineasta pouco conhecido, Charles d'Espinay, deslocou ao Líbano uma equipa de bons actores para interpretação de «Yamilé sons des cédres». Denise Bosc, no papel de Yamilé, teve aí a sua melhor interpretação cinematográfica.

Dois anos mais tarde, uma segunda versão de «La neige sur les pas» foi tentada por André Berthomien, em condições bastante desfavoráveis, em Marselha e no Sul. O realizador achou-se perante uma tarefa difícil, porquanto as personagens principais da obra, Marc e Thérèse Romenay, haviam já envelhecido, encontravam-se já ultrapassadas, e as dificuldades técnicas também não foram diminutas. «La neige sur les pas» saiu, no entanto, uma obra honesta e correcta. O mesmo se poderá dizer de «La Croisade des Chemins», realizado pelo mesmo cineasta um ano mais tarde em idênticas condições materiais.

Até aí, os romances de Henry Bordeaux haviam somente originado obras médias. A mais prestigiosa nasceria somente em 1943, no meio também de mil dificuldades: a versão sonora de «Les Roquevillards». Realizador: Jean

Dréville. Levado a cabo com um gosto muito seguro, e quase todo rodado em Chambéry, o filme reconstitui admiravelmente os costumes provincianos. Com efeito, esta versão de «Les Roquevillards».



Uma inesquecível expressão de Charles d'Espinay

lard», situa-se entre os êxitos de então da história do cinema francês.

Aos 83 anos, escrevendo ao autor do livro «O Cinema ao serviço da Fé», Henry Bordeaux censurava:



Aspecto de um ensaio da peça «O Monta-Cargas», sob a direcção de Jacinto Ramos

DES»
trição
volta

NOTÍCIAS DOS ***
ESTÚDIOS

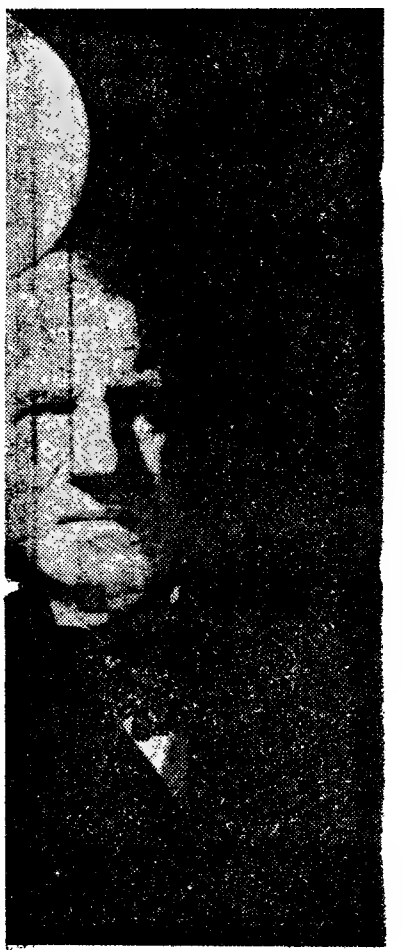
■ O actor dominicano Rafael Campos, que se fez notar no papel de jovem delinquente em «The Blackboard Jungle», foi contratado para interpretar o papel de assassino no drama «Lady in a Cage», cuja protagonista será Olivia de Havilland. O filme será realizado por Walter Grauman, conhecido nome da TV. O argumento pertence ao produtor, Luther Davis. «Lady in a Cage» marca ainda o regresso de Ann Southern aos estúdios.

■ O produtor Alan Pakula e o realizador Robert Mulligan deram início, em Nova York, às filmagens de «Love With the Proper Stranger», que tem como protagonistas Natalie Wood e Steve McQueen.

■ Louis Nye, da TV norte-americana, e a graciosa Jill St. John, farão os papéis de marido e mulher na produção de Jack Rose «Who's Been Sleeping in my Bed?», com Dean Martin, Elizabeth Montgomery e Carol Burnett, que se estreia no cinema. Neste filme Louis Nye será um dirigente da TV e Jill St. John a sua esposa. A realização será entregue a Daniel Mann.

o Cinema

«Lamento que o Centro Católico do Cinema não tenha tentado a adaptação dos meus romances «La Sonate au clair de lune», «La brebis égarée», etc...». Havia, então, dez anos que o Cinema não pen-



Vanel, no filme «Les Roquevillards», Dreville

sava em Henry Bordeaux. Jamais pensaria no escritor, aliás. Henry Bordeaux, o escritor da província, era, na verdade, o homem de uma outra época, de uma outra geração. Mas «Les Roquevillards» não passarão facilmente no tempo.

«SEARA VERMELHA»

(Continuação da 1.ª página)

tal entre teatro e cinema e vi que não era nada daquilo que eu esperava quando vim para cá.

— Como assim?

— Em teatro a gente pode salvar-se sozinho dentro de uma peça, por experiência ou conhecimento. Em cinema, a pessoa totalmente inocente do «métier» precisa do amparo total do director, da camera, da luz...

— Sente esse amparo?

— Sim. Principalmente na direcção de d'Aversa. Independentemente disso, com o passar do tempo, a gente vai-se familiarizando com a marcação, a camera...

— Que lhe parece o seu papel em «Seara Vermelha»?

— A princípio, quando li o «Agostinho», achei o papel extremamente fácil. Isso porque o li com olhos de actor de teatro. Depois tornou-se muito mais difícil do que eu esperava, principalmente quando vi o copião e tive que refazer uma série de conceitos concebidos «a priori».

— Que espécie de conceitos?

— Uma coisa é experiência adquirida em livros, dentro de um gabinete; outra coisa é experiência vivida. Esse tipo de experiência vivida, quase toda, foi adquirida aqui, com o homem da terra, o calor, essa beleza terrível que existe em tudo, quer no crepúsculo esmagador ou na tristeza do olhar dessa gente.

— Mas, e o «Agostinho»?

— Acho a personagem, dentro do esquema da família de Jerônimo, o mais objectivo. O que vê as coisas claras. Acredita sempre e toma as resoluções no momento exacto. Mas tudo isso sem o requinte do homem da cidade, sem se desgastar por vícios ou emoções fabricadas. A personagem tem a força da terra virgem. E' porque é.

— Como é que ingressou no elenco de «Seara Vermelha»?

— Dois meses antes de terminar o curso, já o professor Alberto d'Aversa, que lecciona História do Teatro e Interpretação, reafirmou o seu convite. As coisas se complicaram. Pois eu teria que terminar o curso e estava com duas peças para serem levadas a exame. Eram «Tio Vania», de Tchecov, na qual eu fazia o protagonista; e «Macbeth», de Shakespeare, onde eu fazia o «Banquo». Logo depois a direcção da Escola de Arte Dramática escreveu uma peça especialmente para os alunos do último ano. Quando isso ocorreu, procurei a pessoa responsável, expus os meus problemas e tive a grata satisfação de constatar a boa vontade, a atenção, e somente assim foi possível assinar definitivamente o contrato.

Ricardo de Luca destacou-se como um dos melhores alunos da E. A. D. em variadas criações em «Frei Luis de Sousa», de Garrett; «Bodas de Sangue», de Lorca; «Onde a Cruz Está Marcada», de O'Neil; «A História do Zoológico», de Aubrey e muitas outras.

— Terminada «Seara Vermelha», o que é que vai fazer?

— Voltar para São Paulo... Lá será a fase da reorganização. Pretendo continuar a fazer cinema e teatro.

— Principalmente cinema ou teatro?

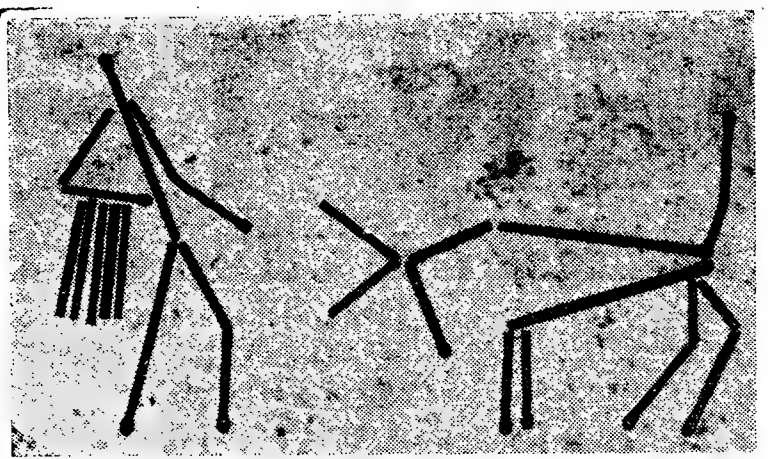
— Cinema. Em toda a nova experiência há um aprendizado constante. E' um caminho totalmente novo para mim e com um campo vasto para aprofundar-se. E' também um campo onde a projecção e satisfação monetária não têm comparação com o teatro. Com este último a satisfação artística não compensa o esforço despendido. Sem querer «abarcara» o mundo com as pernas, gostaria de fazer os dois com a mesma intensidade.

~~~~~

**O CINEMA NA NIGÉRIA**

No princípio de 1962, funcionava na Nigéria apenas um cinema fixo. Passados alguns meses, tinham entrado em actividade mais três. Ultimamente foram abertos outros dois e começaram a modernizar-se mais dois.

Além disso, estão a construir-se oito modernas salas cinematográficas, algumas das quais já terão ar condicionado.



Uma imagem de «Fósforos Mágicos», o unico filme de Jean-Pierre Rhein conhecido em Portugal.

ENCONTRO COM JEAN-PIERRE RHEIN  
por VASCO GRANJA

Jean-Pierre Rhein é um homem extremamente gentil, que me recebe cordialmente na sala de projecção da companhia produtora Jean Mineur, situada no ultimo andar de um dos mais belos e modernos prédios dos Champs-Élysées.

Rhein mostra-me uma série dos seus filmes publicitários de recente realização e que podem ser vistos nos cinemas parisienses apresentados por Cinéma Nouveau, excelente equipa de que é um dos principais impulsionadores. São filmes muito breves, que raramente duram mais de um minuto, mas de exemplar concisão e que provoca poderoso impacto no espectador graças à magia do movimento, da cor, da musica e do imprevisto comentário, preciso e eficaz.

Nascido em 1911, em Estrasburgo, Rhein trabalhou durante muitos anos no cinema publicitário com Etienne Raik, o grande mestre da animação francesa. A' margem desta produção especializada, Rhein realizou, para seu próprio prazer, alguns filmes de cunho pessoal e que têm o grande mérito de constituírem experiências interessantes na utilização de novas técnicas de animação: «Allumorphose» (1961), que o publico português conhece com o título de «Fósforos Mágicos»; «Défense de Fumer» (1962) e «L'impossible Géométrie» (1963).

— Não poderá haver — diz-me Jean-Pierre Rhein — definição mais verdadeira de cinema de animação do que aquela que é dada pelo juri do Festival de Annecy quando admite apenas as obras filmadas imagem por imagem. Na animação a camera não capta o movimento contínuo, cada imagem é fotografada isoladamente. E a sucessão de imagens, projectadas à velocidade normal de vinte quatro fotografias por segundo, que restitui o movimento e o ritmo do filme.

— Um processo totalmente diferente do cinema directo...

— Sim. Desta definição inferem-se todas as possibilidades do filme animado, quer seja realizado com desenhos, objectos, elementos recortados, gravado directamente na película ou simplesmente concebido a partir de efeitos de luz e sombra. Tudo lhe é permitido. Mas onde reside a liberdade absoluta começam os imperativos humanos. Porque o realizador tem a intenção de transmitir uma mensagem e dirige-se a um publico bem determinado. Dispondo de todos os meios, formas, sons e cores, o realizador pode aborrecer o espectador ou levá-lo à descoberta de ritmos novos, de



Jean-Pierre Rhein trabalha na montagem do seu ultimo filme «L'impossible Géométrie»

experiências insuspeitadas, frequentemente marcadas por um acto de pura criação poética.

— Elogia o cinema abstracto?

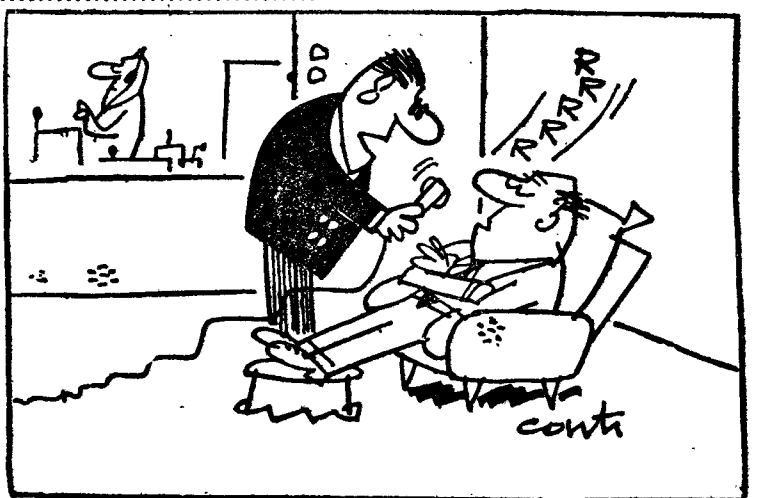
— De modo algum, salvo a título experimental. Penso que todas as qualidades de ritmo e de poesia podem enriquecer uma acção dramática que, falando de inteligência do publico, constitua o centro de interesse que manterá a sua sensibilidade no estado de receptividade necessário para o emocionamento pelas imensas possibilidades de que já falei. A animação é regida por leis como qualquer outra expressão artística. Sem transgredir estas leis o realizador dispõe, para desenvolver a sua fantasia, de meios muito mais extensos do que o cinema directo.

— Crê portanto que a animação seja uma arte autónoma...

— Assim me parece, com os seus meios financeiros modestos e sem o aparato técnico do filme de imagem real. No que respeita à equipa técnica ela é de natureza diferente. Cada um dos seus componentes deverá ser um artista dominado pela paciência e pela precisão. Quanto ao realizador, terá de conhecer o seu ofício de A a Z, não tendo segredos para ele a camera de filmar, a iluminação, a sensibilidade da película, as trucagens. No plano estético os seus conhecimentos musicais facilitar-lhe-ão grandemente o sentido rítmico a imprimir à sua obra e a qualidade fotográfica será a expressão do seu gosto pictural.

~~~~~

Queridos ouvintes, estamos a transmitir o nosso programa nocturno dedicado aos que sofrem de insónias.



A história do cinema

(Continuação da 1.ª página)

nema em França ante e após a guerra; a plenitude do documentarismo britânico e, finalmente, a época dos cinquenta anos em Itália, França, Grã-Bretanha, Suécia, Espanha e Republica Federal Alemã; o culto pessoal na Europa oriental; o cinema americano em luta com a televisão e a descoberta dos países ultramarinos no campo cinematográfico. Os autores dedicaram a parte final da obra ao cinema «após 1960», ou seja, os períodos da «nova vaga» francesa; do ressurgimento do neo-realismo italiano; do «free cinema» britânico e da escola nova-yorquina.

A estrutura da obra

Este manual cinematográfico está dividido em seis épocas. Os autores, que no prefácio se declararam «decididamente partidários» como adversários de um conceito meramente estético, fizeram preceder cada capítulo de uma análise crítica da situação política e económica e das suas condições na industria cinematográfica. No princípio do período correspondente a 1919-1929 verificou-se o seguinte: Os mercados cinematográficos aliados cederam perante a guerra a Hollywood. O filme alemão, libertado durante um curto período da inflação, transformou-se num produto puramente comercial, mercê da estabilização do mercado. A Suécia conseguiu, graças à sua neutralidade, um certo florescimento, enquanto os outros se debatiam com as consequências da guerra. A França, potência vencedora, cuja estrutura tinha sido porém abalada, viu-se perante o filme essencialmente comercial por um lado, e um movimento de protesto vanguardista pelo outro. A jovem União Soviética não estava ainda manietada pelo conformismo partidário e tirava proveito do seu mercado. Assim, chegamos a Eisenstein. A América desenvolveu pela primeira vez uma industria cinematográfica e com ela surgiu a questão: Poderá haver arte numa industria? Uma arte cinematográfica?

O filme como obra de arte

Houve quem censurasse os autores deste manual por eles terem observado com certa parcialidade o moderno fenómeno cinematográfico. Contudo eles não escondem a sua tendência para os jovens revolucionários do filme. Consideram o filme como obra de arte.

Enquanto o capítulo dedicado aos filmes da revolução russa, sobretudo a Eisenstein, Pudovkin, Dovshenko e à função dramática da montagem, merece elogios, a descrição do realismo socialista soviético deslida. As considerações sobre o filme de «gangsters» americano são contraditórias. Por um lado são elogiados por alertarem o publico e mostrarem a crise que reinou por volta de 1930, pelo outro são condenados por terem propiciado o ambiente à actividade dos «gangsters».

Os autores consideram a «fábrica cinematográfica de sonhos» como a consequência de uma economia livre. E chega-se à conclusão de que os dois jovens críticos alemães encontram ao longo de 80 anos de história de cinema, apenas em períodos de crise, oportunidades de crítica.

E' depois analisado o período correspondente ao aparecimento do filme italiano. Desaparece o culto das imagens belas, que também na Alemanha deixou seus vestígios. Surge, então, ainda na época fascista, o neo-realismo italiano, que os dois autores consideram com justiça a origem do filme moderno. Rossellini, de Sica, Zavattini, a descoberta de um céu cinzento, os suburbios da cidade, um relance documental que reflecte uma certa realidade.

O filme «Hiroshima, meu amor» é considerado o apogeu temático e formal da nova vaga francesa. Este filme exemplar é apontado como a consciência fotografada.

No seu aspecto geral é de considerar a autenticidade do material, a maneira inteligente como foi interpretado e apresentado. Trata-se, como dissemos, do primeiro manual alemão sobre a história do cinema.

(in «Boletim» da Alemanha Ocidental)

EDEN-TEATRO

Domingo, 7 de Julho, das 11 às 13 horas

(PARA MAIORES DE 6 ANOS)

passatempo PAC



Leve o seu
pequeno a
visitar o
PANCHITO
(BRINQUEDOS EM TODOS OS GÉNEROS)
Rua Barros Queirós, 36
Av. Guerra Junqueiro, 19-B

NOVA CAMPANHA
DE BRINDES
DA
FARINHA
PREDILECTA



Compre na
SUPER DESPENSA
(junto ao Cais do Sodré)
Rua dos Remolares, 40



PARA O PENTEADO
MODERNO
CAB-O-CREM
MASCULINO—FEMININO

Orquestra «PAC»
dirigida por
JOÃO QUEIMADO

Alvorada DISCOS
ESTABELECIMENTOS
MELODIA
RUA DO CARMO, 25A27



TEIXEIRA, LOPES & NEVES, L.
Rua Nova do Almada, 149
Ferragens
Ferramentas
Menage
Máquinas industriais
e agrícolas



Lanalgo
TECTOS
NOVIDADES
UTILIDADES
Rua de Santa Justa
Rua de Prata
Rua dos Correiros

COMA
CHOCOLATES
DA
FAVORITA



**CAFÉ
CHAVE D'OURO**
mais de 50 anos
ao serviço
do público
VILARINHO & SOBRINHO, L.
JANELAS VERDES - LISBOA



**casa
FERREIRA**
Todos os materiais
e utensílios para os tra-
balhos de belas artes
Rua da Rosa, 181, 185
e 189
Filial — Rua da Vitória,
44 — Lisboa-2

Manuel Lereno | Dèa Franco
Mary Melita | Joaquim Cordeiro
Fernando Franco | Florinda Maria

e o

Conjunto de Danças Regionais de Portugal

Locução de: Artur Alves e Francisco Armando

OFERECEM BILHETES AS SEGUINTE FIRMAS:

FARINHA PREDILECTA	Rua Ferreira Borges, 193-A
SUPER DESPENSA	Rua dos Remolares, 42
STAND PUBLICITARIO DA DORLAN	Feira Popular (frente ao lago)
TEIXEIRA, LOPES & NEVES, LDA. ...	Rua Nova do Almada, 1 a 9
LANALGO, LDA.	Rua de Santa Justa, 42
PANCHITO	Rua Barros Queirós, 36
VILARINHO & SOBRINHO, LDA. ...	Rua das Janelas Verdes, 60
GALERIA DAS NOIVAS	Rua Ferreira Borges, 90
PANIFICAÇÃO S. ROQUE	Rua D. Pedro V, 57
MELODIA	Rua do Carmo, 23
CASA FERREIRA	Rua da Rosa, 185
PANCHITO	Av. Guerra Junqueiro, 19-B

CONCURSOS

MUITOS PRÉMIOS

F. FERNANDES COSTA, L.
Av. Almirante Reis, 104, 2.^o
Compra,
venda
e hipotecas
de propriedades

RESTAURANTE
ROSSINI
BOITE DAS VEDEIAS
PORTUGUESAS



MAGICOTE
A HINIA MAIS
AVANÇADA DO MUNDO

beba
SUMOL
especialidade de
sumos de frutas

BILHETES NAS BILHETEIRAS DO EDEN-TEATRO: 10\$00 E 5\$00

ORGANIZADO EM COLABORAÇÃO COM O «DIÁRIO DE LISBOA»

Linha de SINTRA

O crescimento das «cidades satélites» que ladeiam a linha de Sintra exige soluções correspondentes e imediatas

O acidente ferroviário ocorrido na linha de Sintra, próximo da estação de S. Domingos de Benfica dá nova oportunidade de reflexão acerca da capacidade presente e futura da C. P., em face das variadas implicações sociais e técnicas existentes na zona servida pelo caminho de ferro. Não pode, por espírito de justiça, deixar de reconhecer-se o esforço feito pela companhia, no sentido de melhorar os serviços, nos últimos anos. Desde o período dos comboios a carvão — «período negro» que se assemelha a um verdadeiro pesadelo, em que os passageiros nem queriam pensar — a linha de Sintra evoluiu consideravelmente e os serviços oferecem hoje um panorama inteiramente novo. Comboios melhores, mais rápidos e em maior número.

Se o serviço não é impecável apresenta, pelo menos, aceitáveis condições de rapidez, conforto e acessibilidade, que têm vindo a melhorar desde a electrificação da linha. Acontece, porém, que estas sensíveis melhorias estão a atingir o limite. As próprias vantagens oferecidas determinaram um afluxo sem precedentes de moradores, simultaneamente causa e efeito de uma intensificação febril da construção, nas localidades que margeiam a linha de Sintra, particularmente sensível até Queluz.

O aumento da população e os preços proibitivos das rendas de casa em Lisboa fizeram surgir verdadeiras «cidades satélites», de que a Amadora, com os seus 60 ou 70 mil habitantes, é o mais flagrante exemplo.

Entre a Damaia e a Amadora está a erguer-se um novo apeadeiro que servirá em breve um novo núcleo populacional: a Reboreira. Dentro em breve, a linha de Sintra estará saturada. Além disso, o aumento de circulação de comboios traz outros problemas: o aumento de probabilidades de acidentes e avarias. O simples encravamento de uma agulha, a avaria de uma carruagem provocam perturbações de larga repercussão em milhares de pessoas, que chegam tarde aos seus empregos e afazeres.

Um desastre como o de S. Domingos de Benfica provocou incalculáveis prejuízos a dezenas de milhares de pessoas, durante dias consecutivos.

O túnel e a via dupla

O túnel do Rossio e o facto da via ser apenas dupla são factores limitativos evidentes, fortes obstáculos à adopção de medidas capazes de solucionar dificuldades actuais e de resolver, convenientemente, os problemas de um futuro imediato.

A construção de uma terceira via, pelo menos até à Amadora, é uma solução que devia ser encarada imediatamente, enquanto é possível

dispor de terrenos marginais livres. E a abertura de um novo túnel, paralelo ao actual — ou solução correspondente — torna-se cada vez mais urgente.

De qualquer modo, o crescimento das «cidades satélites» e a saturação progressiva da linha de Sintra impõem, urgentemente, um estudo e consequentes realizações, susceptíveis de corresponder às necessidades de uma população cada vez mais numerosa, cuja vida, interesses e direitos não podem estar à mercê da primeira avaria de uma agulha, de um carril que fracture ou de uma barreira que desabe, — já para não falar de acidentes como o de S. Domingos de Benfica.

A coroação da Rainha de Beleza de Sintra

effectuar-se-á durante uma festa
no Parque Municipal daquela vila

Encontra-se já organizado o grandioso festival que, no domingo, no Parque Municipal de Sintra, consagrará algumas das jovens mais belas daquela zona, com a eleição da rainha e princesas de beleza das Sociedades de Educação e Recreio do concelho sintrense. O espectáculo começará às 16 horas e constará de três partes distintas.

Na primeira parte, além da actualização de um conjunto musical, sob a direcção de Helena Moreira Viana, haverá o desfile e a apresentação das concorrentes (1.ª eliminação), a quem serão distribuídos ramos de flores. A apresentação das jovens candidatas estará a cargo do locutor Miguel Simões. Em seguida, actuam os artistas Humberto de Castro (uma recente revelação da Rádio), Teresa Torga (representante internacional do folclore brasileiro), Domingos Marques (categorizado valor do Teatro, da Rádio e da Televisão), e Maria José Valério (popular cancionista, que recentemente actuou com grande sucesso em Angola).

Depois de um breve intervalo, o festival prossegue, com novo desfile das concorrentes (2.ª eliminação) e a actualização dos referidos artistas.

Por último, haverá a coroação da rainha e das princesas e a distribuição de prémios a todas as candidatas.

O espectáculo termina com um baile, abrilhantado pelo conjunto musical de Helena Viana, que será de homenagem às concorrentes. Este festival reveste-se de muito interesse, patente na extraordinária procura de bilhetes que, entretanto, foram já postos à venda. A organização do concurso e do espectáculo estão a cargo do Hóquei Clube de Sintra, que conta com o patrocínio do «Diário de Lisboa» revertendo a receita, em partes iguais, para a instituição promotora.



A jovem Maria Eugénia Henriques Ferreira Constantino que representará o S. U. Sintrense no certame

ra e para a Santa Casa da Misericórdia local.

Continuamos hoje com a apresentação das concorrentes e das respectivas colectividades.

Maria Eugénia Henriques Ferreira Constantino

uma jovem com dúvidas...

Conta quinze anos e frequenta o 3.º ano liceal a representante do Sport União Sintrense, Maria Eugénia Henriques Ferreira Constantino, que reside na Rua Manuel Joaquim de Oliveira, n.º 7, em Sintra, tem um metro e sessenta e três centímetros de altura e o cabelo castanho. A cor dos seus olhos é azul e a tez branca.

A jovem candidata considera que se for eleita, esse dia será o mais feliz da sua vida. Pensa que o concurso é muito interessante.

— Calcula que será eleita rainha? — Não sei — respondeu-nos evasivamente...

Sport União Sintrense

Com cerca de mil sócios, o Sport União Sintrense é uma das mais relevantes colectividades daquele concelho. Fundada em 7 de Outubro de 1911, a popular agremiação possui desde sempre sede própria e vive das suas receitas.

Não dispõe de agrupamento musical, pois, embora não descure os aspectos culturais dedica-se especialmente às actividades desportivas. Algumas das suas legítimas aspirações: mais campos de jogos, amplas instalações para as suas escolas, ginásio, aumento de população associativa.

O parque desportivo do União Sintrense, onde se pratica o futebol, a ginástica e o badminton, necessita de beneficiações diversas. Outras modalidades a adoptar: basquetebol, handebol e voleibol.

Também os dirigentes daquela agremiação encaram com interesse a iniciativa do concurso.

MONTEPIO GERAL

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS

ARRENDAMENTO DAS LOJAS

DOS

BLOCOS HABITACIONAIS

NA

AVENIDA DO BRASIL

O MONTEPIO GERAL, ATÉ AS 15 HORAS DO DIA 31 DO CORRENTE MÊS, RECEBE PROPOSTAS PARA O ARRENDAMENTO DESTAS LOJAS.

AS CONDIÇÕES (COM INDICAÇÃO DAS RENDAS FIXADAS) ENCONTRAM-SE PATENTES NA ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES DA INSTITUIÇÃO — RUA AUREA, 219-241 ONDE, IGUALMENTE, SE PRESTAM TODOS OS ESCLARECIMENTOS.

ARTES PLÁSTICAS

Exposição de José Júlio no Museu de Évora

No Museu de Évora foi inaugurada uma exposição do pintor José Júlio, que suscitou considerável interesse em toda a região. Mas, não só de Évora, mesmo de Lisboa, foram muitas pessoas a inauguração que constitui acontecimento de relevo na vida artística eborense.

Não é só a categoria artística de José Júlio. É também a situação em que se encontra que deu ao acontecimento foros verdadeiramente dramáticos. A exposição compreende duas salas. Uma, em que se encontram as primeiras obras de José Júlio; outra em que se expõem as da última fase.

Na inauguração da exposição falou o director do museu, dr. Mário Chicó e, entre os presentes, além das autoridades municipais, do governador civil e de outras personalidades, contavam-se os srs. drs. Ercílio Cardoso e Rui Grácio, artistas Nikias Skapinakis, António Areal, Albertina Mantua, Vespeira, Bartolomeu Cid e outros.

Enrique Tábara expõe na galeria do «Diário de Notícias»

Na galeria do «Diário de Notícias», ao Chiado, é amanhã inaugurada uma exposição do jovem pintor Enrique Tábara, que ficará patente ao público até ao dia 18.

Obras de Simão Luís da Veiga em Vila Franca de Xira

Na Biblioteca-Museu Municipal de Vila Franca de Xira realiza-se no dia 6, a inauguração de uma exposição de obras do grande artista que foi Simão Luís da Veiga, pintor do Ribatejo e das paisagens da lezíria, ele que também foi cavaleiro taumomáquico distinto.

A exposição, que é uma homenagem póstuma a Simão Luís da Veiga, integra-se no programa da festa do Colete Encarnado. Ficará aberta ao público até ao dia 14 do corrente

A REFORMA DO PROCESSO DE EXECUÇÃO

No próximo sábado, às 18 horas, profere na sede da Associação Jurídica de Braga uma conferência o sr. conselheiro Eurico Lopes Cardoso, juiz do Supremo Tribunal de Justiça, subordinada ao tema: «A Reforma do Processo de Execução».

A direcção da Associação permitirá a entrada livre a todos os magistrados, advogados, funcionários judiciais e de finanças, independentemente da sua qualidade de associados.

Finda a conferência, haverá, às 20 e 30, na Estância do Bom Jesus, um jantar de confraternização forense. A respectiva inscrição está aberta na sede da Associação Jurídica de Braga, à Rua Conselheiro Januário, 119 a 123 (telefone 23298) e no Tribunal Judicial, no cartório do escrivão de Direito, sr. João Bastos Barbosa (telefone 22357).

MINISTÉRIO

DAS OBRAS PÚBLICAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS HIDRÁULICOS

Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos

REPARTIÇÃO DE OBRAS

PLANO DE REGA DO ALENTEJO

EMPREITADA DE EXECUÇÃO DE INJEÇÕES DE IMPER-

MEABILIZAÇÃO

NA OBRA DA GRAÇA DO DIVOR

Faz-se publico que às 15 horas do dia 24 de Julho de 1963 se procederá, na sede desta Direcção-Geral, Rua de São Mamede ao Caldas, n.º 23, Lisboa, ao concurso publico acima designado.

Depósito provisório: 5 000\$00

O processo do concurso encontra-se patente na Repartição de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos, desta Direcção-Geral.

Lisboa, em 29 de Junho de 1963.

O engenheiro Director-Geral — ARMANDO DA PALMA CARLOS.

A exposição de Guilhermino Cardoso continua aberta na S.N.B.A.

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes continua aberta até o dia 7 do corrente a exposição do jovem pintor Guilhermino Cardoso que expõe cerca de 40 telas com paisagens de Angola e recantos de cidades angolanas. A exposição encontra-se na parte central do salão.

Quem é o homem que apareceu estrangulado na fronteira dos Pirenéus

Do gabinete da Interpol, que funciona no edifício da P. I. D. E., recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte comunicação: «Sobre a notícia publicada acerca dum indivíduo que apareceu morto por estrangulamento, na fronteira dos Pirenéus, informa-se que este Gabinete Nacional da Interpol conseguiu já identificar o mesmo.

Trata-se do português José de Macedo, nascido a 13 de Outubro de 1930, na freguesia de Adão, concelho de Guimarães, comerciante, filho de Joaquim de Macedo e de Joana Rosa de Freitas, e que residia no lugar de Penafões de Cima, do mesmo concelho e freguesia. Era casado com Rosa Ribeiro Pereira.

José de Macedo, segundo declarações de Francisco Ribeiro da Rocha, que já se encontra detido, fazia parte dum grupo de quatro indivíduos, os quais haviam sido aliciados, com vista a emigrarem clandestinamente para França, a troco de diversas quantias.

Uma vez aliciados em Portugal, os engajadores entregavam-nos a um passador espanhol, o qual, por sua vez, os fazia chegar a França. Muitos eram abandonados à sua sorte e, ficavam pelo caminho (sendo atraídos, e isto aconteceu com o José de Macedo) ou chegavam a Espanha e a França, onde eram presos e conduzidos para Portugal.

Procura a P. I. D. E. prender um dos engajadores, de nome José Novais Esteves, o qual anda fugido, e que foi passador do grupo destes quatro portugueses para Espanha, tendo sido, também, este indivíduo que entregou à viúva diversos objectos de uso pessoal do falecido, a quem disse tê-los recebido de um passador espanhol».

AS FESTAS DE VISTA ALEGRE

decorreram com brilho

ILHAVO, 1. — Tiveram grande brilhantismo e muito movimento as festas em honra de Nossa Senhora na Vista Alegre, grande centro industrial. Os empregados das lojas, armazéns e escritórios de Lisboa da Fábrica de Porcelanas vieram, em excursão, a Vista Alegre, e participaram em diversas provas desportivas. Venceram o torneio de Tiro aos Pratos os srs. José Lino (1.º), Rui Lino (2.º) e João Mário Grilo (3.º); a luta de tracção, a equipa da secção pintura, que recebeu a taça «João Teodoro»; e o desafio de futebol a equipa local da fábrica, que conquistou a Taça «Albano Pinto Basto». Além das cerimónias religiosas, presididas pelo prelado de Aveiro, houve arraial, exibição de ranchos folclóricos, concertos e recita.

MONTEPIO GERAL

Ass. Soc. Mútuos — Fundada em 1840

Assembleia Geral

Sessão Extraordinária

Prossegue hoje às 21 h. na sua sede na Rua Aurea, 219 a 241, a Assembleia Geral Extraordinária para a discussão e votação do Projecto da Reforma dos Estatutos do Montepio Geral e da Caixa Económica de Lisboa, elaborado pela Comissão eleita na Assembleia Geral Extraordinária de 9 de Agosto de 1962.

TERRENO INDUSTRIAL — VISEU

VENDE-SE a 1\$50 e 2\$00 m2 área aproximada 90 000 m2, lotes 4 mil, 10 mil e 25 mil m2, respectivamente. C/ água, força e luz. Servido estrada nacional asfaltada e cam. ferro. Vale do Vouga c/ frente 300 m. Situa-se a 200 m, limite cidade. Planta, condições e mais inf., CAMARA MUNICIPAL.

Do debate sobre o valor do exame à afirmação ou negação da sua utilidade

Antecedendo o início dos exames dos 2.º e 3.º ciclos liceais, publicamos na passada segunda-feira, dia 24, na nossa página central, algumas considerações relativas a esse grau do ensino secundário.

A propósito delas escreve-nos um nosso leitor, professor do ensino primário e secundário, uma extensa carta na qual faz uma análise, que nos parece cuidadosa e ponderada, acerca de um dos problemas educativos portugueses de maior amplitude, uma vez que ele condiciona toda a estrutura das nossas escolas do ensino primário, secundário e superior.

Como o nosso leitor afirma no preâmbulo da carta que nos dirigiu o «Diário de Lisboa» coloca-se, quase sempre, na linha mais progressiva, quer na análise dos factos e ideias, quer na crítica das actuações. Assim acontece, de facto, ou assim queremos sempre que aconteça. E essa mesma linha progressiva de orientação dos assuntos demanda entre muitas outras coisas, um debate aberto sobre os problemas.

Por isso, neste jornal não tem aparecido uma doutrina elaborada e defendida sobre esses mesmos problemas senão opiniões válidas e variáveis segundo os pontos de vista por que os assuntos são encarados. O nosso estimado leitor poderia, quanto muito, encontrar numa das recentes «Notas do dia» sobre a matéria afirmações como esta: «Não está provado que o sistema seja o melhor para averiguar da solidez dos conhecimentos adquiridos, pois tudo se passa num clima de ansiedade e de incerteza que contribui muitas vezes para uma avaliação errada da ciência que os alunos adquiriram nas aulas. O exame não passa de um jogo de lotaria em que o acaso desempenha papel primordial. Quer-nos parecer que o ensino, seja qual for o seu ramo, deve ter uma finalidade mais prática e menos doutrinária. E a verificação do aproveitamento dos alunos não deve estar sujeito a processos tão contingentes como enganosos».

Ingrato e penoso seria procurar, neste momento o quanto de favorável ou de desfavorável se tem escrito neste jornal, no prosseguimento da tranquilidade e espaçada polémica sobre o valor do exame, com a negação ou afirmação da sua validade.

Ao publicarmos agora as linhas do sr. Mariano dos Santos, continuamos fiéis ao nosso processo confiado ainda, muito especialmente, em que novas e estruturadas opiniões voluntariamente venham juntar-se a estas.

Só desse modo, debatendo os problemas para que os interessados tirem as suas próprias conclusões e tracem as linhas de rumo com elas combatíveis, estamos a cumprir a missão de um jornal como o nosso ao qual interessa, antes de mais, esclarecer desapassionadamente fazendo assentar os raciocínios em bases sólidas.

Se conseguirmos mais uma vez o nosso intento, ficaremos tranquilos e contentes com nós mesmos.

Depois de produzir algumas afirmações sobre o «Diário de Lisboa» afirma o nosso leitor que elas constituem um intuíto para a desagradável surpresa que causou a orientação expressa no artigo da página central sobre «Exames liceais».

«Aí se defende a utilidade dos «exames» e assenta-se a defesa dessa utilidade nos seguintes argumentos:

«—fornecer aos educadores um conhecimento contínuo dos alunos no fito de prestar a estes, em todos os momentos, uma ajuda esclarecida e eficiente;

«—informar os próprios alunos dos seus progressos;

«—reunir os materiais úteis à orientação dos estudantes;

«—apresentar aos pais e ao público uma documentação digna de confiança sobre o rendimento geral do sistema escolar;

«—dispor de uma base científica para ajustamento do programa às

necessidades de uma sociedade em contínua evolução».

Certo é que no artigo se fala em exames «largamente concebidos», querendo dar-se a entender que só a esses adere a defesa feita e só a esses se entende a «utilidade» que lhes é reconhecida.

Acrescenta-se que os professores que propõem a supressão pura e simples dos exames são vítimas duma «visão ilusória da realidade».

Eu sou professor do ensino primário e secundário desde os meus 17 anos e completei os meus conhecimentos, além de outros cursos, com o de perito de orientação profissional.

E, tudo quanto a formação e a prática profissionais me deram a conhecer levam-me não só a ingressar deliberada e decididamente no tal grupo dos que têm uma «visão ilusória da realidade», mas também a considerar que possuem uma «visão ilusória» aqueles que ainda hoje defendem a ideia do «exame».

Entendo que não só é inútil, mas prejudicial exigir dos alunos — e emprego aqui o termo abrangendo todos os que estudam — tanto desde a primeira classe da instrução primária até às últimas classes das faculdades — trabalho e esforço que não vise a sua cultura e apetrechamento.

O exame não «acrescenta» nada ao saber, à preparação do escolar; antes ele é causa de graves e irremediáveis perturbações do trabalho escolar.

E' uma das muitas «velharias» a que estamos apegados.

De tal forma ele é prejudicial ao ensino e à aprendizagem que — desprezando os reflexos emocionais, intelectuais e outros que têm sobre a própria pessoa do aluno — os podemos considerar um dos maiores inimigos da eficiência e eficácia do ensino.

Os alunos, normalmente, só estudam e se preparam para o exame; os professores, coagidos pelo «exame» — nalguns ramos de ensino o trabalho do professor é classificado pela percentagem de alunos que «levam» a exame! — leccionam com vistas ao exame.

Há mesmo «livros» cuja venda se permite e que visam, tão somente, «o exame» e os seus resultados.

Muito do que os alunos podiam aprender e os mestres ensinar, com vista à preparação do escolar, é submergido pela ideia, sempre presente, pela finalidade «exame».

Não se ensina, não se aprende senão tendo em atenção o «exame». Ele é uma «fórmula» vistosa, torturante e inútil; daí a aceitação que entre nós tem, o elevado grau de prestígio que lhe é concedido.

Escolas há que fazem «exame de passagem» da primeira para a segunda classes da instrução primária!

Nada há que os possa defender: e só a péssima e errada organização do nosso ensino — atrasada de muitas décadas — torna possível a sua justificação.

Mas, a análise dos fundamentos de «utilidade» referidos no artigo e que me levou a escrever esta mostra bem a sua «inutilidade».

Vejamos:

a) — se o exame é anual, como pode ele fornecer ao educador um conhecimento «contínuo» dos alunos no fito de prestar a estes, «em todos os momentos» uma ajuda esclarecida e eficiente?

Se o termo «educador» se refere ao professor que leccionou e não faz parte do júri do exame, de estranhar seria que ele adquirisse do seu aluno, no momento e acto do exame, um conhecimento que dele não tivesse conseguido durante todo o período de leccionação.

Os próprios «examinadores» conscientes, não podem afirmar terem adquirido «um conhecimento» do seu examinando.

Quando muito obtiveram o conhecimento relativo ao seu comportamento com o «aluno-examinando» e em relação aos pontos da matéria sobre que recaiu o exame.

Mas, nem sequer esse «conhecimento» se pode afirmar.

O aluno-examinando só raramente é aquilo que realmente é como aluno.

Nuns, um estado de inibição emocional exerce uma função de verdadeira «paralisia»; noutros, principalmente nos de temperamento «exibicionista» condiciona um «avontade» e uma aparência de saber que, muitas vezes, não corresponde à realidade dos conhecimentos que possuem.

Ainda aqui, e sempre, os aspectos de «sorte» que condiciona o exame, desde os pontos de matéria sobre que ele recai, até ao condicionalismo da disposição do aluno e do professor, torna problemático tudo quanto nele se revele.

Se o termo «educadores» se quer referir às entidades orientadoras das coisas do ensino e da educação, então, ainda menos o exame revela.

A ajuda «esclarecida e eficiente» que se diz o exame prestar, nunca o exame a presta.

O professor só a consegue através do conhecimento que, diariamente, colhe do seu aluno; o examinador, nem a colhe — pois só consegue o que no momento se revela e é, como disse, falseado — nem procura colher seja o que for, pois em nada lhe interessa a pessoa do examinando.

O examinador está desempenhando a única e simplesmente uma «função» transitória de que foi encarregue, sem outra influência na vida escolar do examinando que não seja a que resulte da mera «aprovação» ou «reprovação» que dá por aquilo que, no momento, e em condições que não são as habituais do aluno, traduz segundo o seu critério de julgador.

Os alunos necessitam de ser «ensinados», «orientados» e «esclarecidos» e não «julgados» como réus dum crime de «impreparação» que muitas vezes pode não existir ou como «heróis» dum «saber» que muitas vezes mais não é do que o produto de circunstâncias muito propícias.

As entidades orientadoras do ensino podem colher conhecimento dos alunos e prestar-lhe «ajuda» não através do que resulta das pautas dos exames, mas dos relatórios anuais a que todos os professores, de qualquer ramo ou grau de ensino, deviam ser obrigados no fim de cada ano.

O tempo que na elaboração desse relatório expositivo, crítico e de sugestões os professores perdessem no fim de cada ano lectivo, era muito mais vantajoso aos alunos, ao ensino e aos orientadores deste, que o trabalho estafante e inútil que os exames lhes impõem.

b) — como pode o aluno colher do seu exame «informações» acerca do seu progresso?

O aluno consciente, adquiriu esse conhecimento durante os exercícios escolares que produziu ao longo do ano lectivo.

E como é «consciente» tem desde logo a «consciência» de tudo quanto o exame tem de «falso», «aleatório» e «contingente».

Ele sabe que tudo no seu exame depende do acaso: — desde a matéria sobre que ele versou, à sua disposição psicológica, física e emocional, e da do próprio examinador.

O aluno que não atingiu essa «consciência» — e como a terá adquirido um garoto de 10 anos ao fazer exame de instrução primária ou de 13 anos ao fazer o do 1.º ciclo liceal — nenhuma informação colhe.

E, se passarmos aos graus mais elevados — 3.º ciclo dos liceus ou exames nas faculdades — também aí não se encontra «consciência» especial dada a forma como todo o nosso ensino está orientado.

Nada dos exames, que entre nós estão estabelecidos, se pode concluir, além desta verdade simples: — que uns tantos ficam aprovados e outros tantos reprovados.

c) — que espécies de materiais úteis à orientação dos estudantes se reúnem?

(Continua na página seguinte)

AS REPERCUSSÕES DOS EXAMES SOBRE OS ALUNOS

1.—A ANSIEDADE

São emitidas as opiniões mais diversas a propósito da tensão e da ansiedade causadas pelos exames nos escolares: alguns autores julgam que se exageraram consideravelmente estas influências; outros pensam que as provas provocam certas tensões afectivas, mas que esta acção é moderada e geralmente liquidada pelo repouso e pelo derivativo das férias; outros, enfim, exprimem a opinião de que os exames são nocivos à saúde mental de numerosos estudantes. Na realidade, existem poucos trabalhos objectivos sobre esta matéria.

1.—O dr. Müller — Wieland procedeu a um inquérito entre os alunos de uma instituição suíça de preparação pedagógica sob a forma do seguinte tema: «Reacções das notas escolares sobre o comportamento dos estudantes; tomadas de posição e recordações pessoais». Mais de metade dos 76 estudantes que responderam dizem conhecer a ansiedade das notas escolares; estas opiniões não provêm só de alunos fracos mas também de bem dotados. Nalguns, a tensão é particularmente viva no momento do exam. recebido, mas começou nos dias precedentes. Outros sentem durante todo o ano uma espécie de angústia difusa, mas viva no momento das provas; ela exterioriza-se sob a forma de uma falta de apetite e, durante a preparação ou no exame, por uma espécie de viscosidade mental.

Este estado de inquietação semi-consciente, junto ao cansaço, perturba muitos alunos, sobretudo os adolescentes, ao ponto de causarem mesmo repercussões fisiológicas: perda de sono, perturbações digestivas falta de sono, não são raras no decurso deste período crítico, especialmente nas raparigas.

2.—A tensão emocional é particularmente marcada na altura das frequências e dos exames de competição. Autores anglo-saxões assinalam que em muitos meios, tudo

se conjuga para incitar as crianças a franquear as portas da admissão ao ensino secundário, pressão das famílias sobre os professores primários, repetições quotidianas pe-

(Continua na 30.ª página)

Professores liceais

de Canto Coral e Educação Física

Estão vagos lugares de professores efectivos e auxiliares de vários grupos e contratados de Canto Coral e Educação Física de diversos liceus.

LUGARES VAGOS

em escolas primárias

O «Diário do Governo» publicou hoje a relação dos lugares que se encontram vagos em escolas do ensino primário de diversos distritos escolares.

NOVO PROFESSOR

O dr. Armando Augusto dos Santos Ferreira foi nomeado professor extraordinário do 1.º grupo, subgrupo A (Anatomia Descritiva e Anatomia Fotográfica) da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, por ter sido aprovado em concurso de provas publicas.

OS EXAMES

no Colégio Militar

O ministro do Exército determinou que os alunos do Colégio Militar que obtenham, na frequência de cada um dos anos que constituem o 1.º e 2.º ciclos, a classificação final de 14 valores ou superior e que em todos os períodos escolares, dentro de cada ciclo, hajam obtido em todas as disciplinas nota igual ou superior a 10 valores, podem ser, se assim o desejarem, dispensados do respectivo exame.

NAU E NAVE

Diversas pessoas desejam esclarecer a oitava pergunta da prova escrita de Português dos exames do 2.º ciclo do curso liceal (primeira chamada), prova escrita que o «Diário de Lisboa» reproduziu no dia 25 de Junho, acompanhada da respectiva solução.

A pergunta em questão é esta: «Aponte uma forma divergente de nau (...). Que diferença há entre essas duas formas?»

A resposta tem, também, de se dividir em duas partes.

A forma divergente de nau tem, na verdade, de ser nave.

Entende-se por forma divergente de outra aquela que, embora com o mesmo étimo que esta, se apresenta, por motivos diversos, no mesmo idioma com aspecto diferente. Assim, em português plano, piano, porção, lhano e chão são formas divergentes umas das outras, porque todas elas provêm do latim planus.

Nau e nave, por seu lado, ligam-se ambas ao latim nave-, «embarcação, navio».

A segunda parte da questão trata da diferença que haverá «entre essas duas formas».

A primeira vista, poderá haver a tentação de responder: «nau é de formação popular e nave de importação culta».

Salvo melhor opinião, a resposta não deve ser essa.

Nave não tem carácter culto, apesar de estar muito ligada, formal e aparentemente, ao latim nave-, não falando já na questão etimológica. E' que o latim nave-, por qualquer via que viajasse até nós, só poderia originar... nave.

Por outro lado, esse vocábulo não foi recebido entre nós no período áureo da influência culta do latim, como já vi uma vez escrito, isto é, esclarecia-se, nos séculos XV e XVI (anote-se, de resto, que os latinismos do nosso idioma não datam só dessa época, porque alguns há bem antigos. Nave era termo vulgaríssimo na nossa Idade-Média.

Pelo meu lado, já o documento em texto de 1211: «...não leue coisa aaqueles que acaecer prigio no mar assy dos da nosa terra come dos das outras se acaecer per britamento de nau ou de naujo alguma cousa que andasse na nau ou no naujo que aportase na Ribeira...», em Descobrimentos Portugueses (documentos coordenados pelo Dr. João Martins da Silva Marques), I, p. 2.

Verifica-se nesse passo que se

tratava de coisa então frequente e bem conhecida, mas diferente de navio, e sem carácter erudito.

O certo é que o vocábulo teve largo uso nos séculos XIII, XIV e XV, e no XVI continuava em voga. Não me lembro de o ter encontrado em «Os Lusíadas» de Camões, mas sabe-se da sua presença em alguns textos quinhentistas. Um caso extraído do soneto 122 de Sá de Miranda: «Passam os tempos vai dia trás dia, / incertos muito mais que ao vento as naves».

Poderá acontecer neste caso, como noutros seus coevos, que o autor tivesse ido buscar o vocábulo ao latim, isto é, tê-lo utilizado como latinismo, mas isso não invalida o grande uso vulgar que ele teve em épocas anteriores. Para mais, não há dúvida que hoje ele tem sabor culto, mas não sabemos ao certo se se trata de arcaísmo (entrado normalmente em português), se de vocábulo que o uso tornou raro, e que a sua semelhança com o latim impôs só em meios cultos.

De qualquer maneira, categoricamente não podemos afirmar que se trate de latinismo, de forma culta, pois não o era na época do seu maior uso, como não se prova também o seu total desaparecimento para dar lugar a um homógrafo e sinónimo recebido por via culta. Para mais, a pergunta não põe qualquer especificação cronológica que, de resto, não estaria bem em exame de segundo ciclo do curso liceal.

Agora nau.

Esta palavra relaciona-se, na verdade, com o citado latim nave-, e é, na realidade, divergente de nave, mas o facto é que não pode ser explicado por aquele vocábulo latino, isto é, nave não pode originar nau regularmente em português.

Como se explica, então, a divergência?

E' que o português nau (tal como o castelhano nao) tem origem directa no catalão nau que, esse sim, esse é que se pode explicar pelo lat. nave-.

Deste modo, a resposta á pergunta 8 do tal ponto de português deveria ser: «A divergente de nau é nave. A diferença entre estes vocábulos reside no facto de um ser genuíno (nave) e o outro estrangeirismo (catalanismo)».

JOSÉ PEDRO MACHADO

OS EXAMES NOS LICEUS

Por absoluta falta de espaço foi-nos impossível publicar ontem as soluções dos pontos de exame do 2.º ciclo, 1.ª chamada, de Geografia e Desenho Geométrico, ontem de manhã efectuados, com os quais terminaram as primeiras chamadas das provas escritas do 5.º ano.

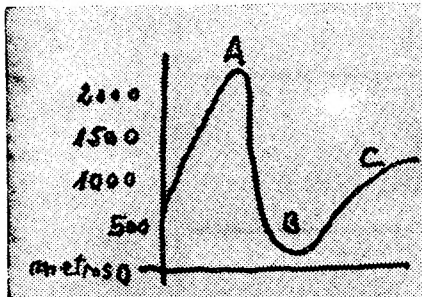
Damos a seguir as referidas soluções, que são as ultimas de exames do liceu por nós publicadas este ano, visto que não publicaremos soluções dos pontos de 2.ª chamada.

Prova escrita de Geografia

SOLUÇÃO

- I
- a) 1 — Serra Nevada
2 — Pireneus
3 — Alpes
4 — Cárpatos
5 — Balcãs
- b) A — Meseta Ibérica
B — Maciço Central
D — Maciço de Gales
E — Cheviotes
- c) A N, Velha Castela; a S, Nova Castela e Estremadura.
- d) Invernos frios e secos e estios ardentes e secos. As chuvas caem principalmente no Outono e princípios do Inverno. Estamos em presença de um clima de tipo continental.
- Este clima deve-se à distância grande a que as regiões estão do mar, bem como ao seu isolamento, devido à existência de cadeias montanhosas que barram os ventos húmidos. A altitude também tem influência.

II



A — Andes
B — Chaco
C — Serra do Uruguai

- b) 1) O Chaco, a N; a Pampa, ao Centro; a Patagónia, a Sul.
- 2) O Chaco é uma verdadeira estepe. O clima caracteriza-se pela sua secura, altas amplitudes térmicas e fraca pluviosidade. A região entre os rios Paraná e Uruguai tem um clima um tanto mais húmido, estando coberta por florestas.
- A Pampa — Clima de tipo temperado, de características marítimas. Embora a pluviosidade não seja elevada, a região é rica em água devido aos rios Paraná e Uruguai. Por vezes um vento local, o pampero, que sopra do Sul, provoca baixas de temperatura e secura geral.
- A Patagónia — Clima seco e frio. Tanto mais rigoroso, quanto mais para Sul. Precipitação sólida abundante. Grandes amplitudes térmicas.
- 3) — O Chaco — Nas margens de alguns rios cultivase o trigo e a luzerna. Nos contrafortes dos Alpes a actividade agrícola tem por vezes certa importância. A água abunda aí devido à fusão das neves. Em zonas planas, com abundâncias de águas e resguardadas pelas montanhas, aparecem, devido a características climáticas criadas localmente, culturas tropicais e mediterrâneas: cana de açúcar e vinhas. Neste ultimo caso as populações concentram-se e aparecem em cidades de certa importância: Tucuman e Mendoza.

A Pampa — é uma rica planície, daí ser a região mais povoada da Argentina. Criação intensiva de gado: bovino e ovino, principalmente. O homem da Pampa ainda cultiva o trigo e o milho, qualquer destes cereais representa uma riqueza para a Argentina. Temos ainda certas actividades industriais ligadas a matérias primas agropecuárias: conservas e laticínios.

A Patagónia — Só a região N apresenta condições propícias ao pastoreio, que é quase o unico tipo de actividade humana nesta região. A Sul a população é escassa e vive na costa, dedicando-se á pesca. No Norte cria-se o carneiro em grandes rebanhos, guardados pelo gaucho, que representa, com o seu cavalo, a grande autoridade da paisagem. O boi e o cavalo também são elementos de valor na actividade do homem da região.

Pratica-se a transumância: na es-

tação seca os rebanhos sobem a montanha; no Outono regressam ás zonas baixas.

c) Fica situada entre a cordilheira dos Andes e as montanhas da costa, sensivelmente a meio (no sentido NS) da depressão chamada Grande Vale.

d) Santiago do Chile e Valparaíso.

III

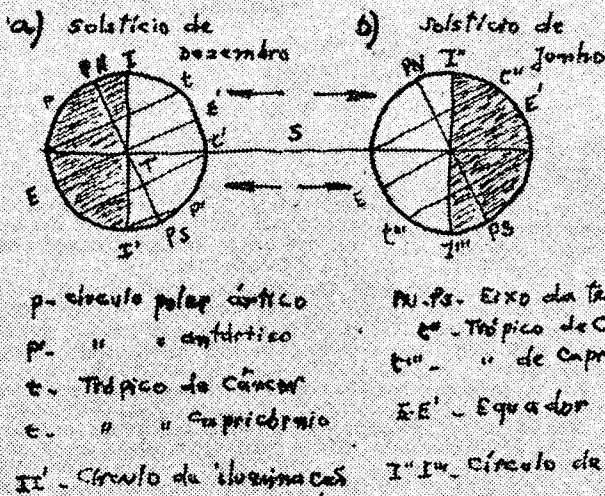
- a) 7, 10, 11, 8, 9, 12
b) 8 e 9.
- c) Aluviões, vários tipos de areias, grés, calcários geralmente impuros e fossilíferos.
- d) Boa Viagem, Sico, Candeeiros, Aire, Montejunto, Sintra, Arrábida.
- e) 1 — Nas bacias de sedimentação do Tejo e do Sado temos a distinguir duas zonas diferentes: a lezíria e a Charneca.

A lezíria e a zona próxima do rio, baixa, húmida, alagada, por vezes, durante as cheias. Aqui o povoamento é disperso, tomando geralmente o aspecto de «casais da lavoura».

Na charneca temos ainda aspectos diferentes. Em zonas com água abundante, não há uma grande variação em relação ao povoamento da lezíria. Nas zonas mais secas o povoamento tende a agrupar-se em vilas e aldeias.

IV

- a) As ilhas do Arquipélago dos Açores situam-se entre os 31° W. Or. de longitude (Flores e Corvo) e 25° W. Or. de longitude (Santa Maria). O arquipélago fica entre os 37° de latitude N e os 40° de latitude N.
- As ilhas que o compõem são: Santa Maria, S. Miguel, ilheus das For-



c) No solstício de Inverno o Sol ilumina mais o hemisfério Sul. Assim, o dia é maior que a noite nesse hemisfério; no hemisfério Norte a noite é maior que o dia. Entre o solstício de Inverno e o de Verão o Sol passa da máxima declinação Sul para a máxima declinação Norte logo as condições vão invertendo-se. Logo as estações do ano variam do movimento anual aparente do Sol ou seja do movimento real da Terra em volta do Sol.

Prova escrita de Desenho

SOLUÇÃO

Depois de se determinar o centro

O VALOR DO EXAME

(Continuação da página anterior)

Nenhuma!

Se se quis falar em «orientação» sobre o trabalho e isso estará incluído no fundamento anterior, o aluno nada sai «orientado».

Se não se «orientou» durante o ano não é o resultado duma prova que o orienta, salvo quanto ao seu grau de «coragem» para enfrentar o desconhecido, o incerto e o público.

Que espécie de orientação dará, por exemplo, a um aluno que acaba de ser aprovado no exame do 7.º ano liceal, o repetir dias depois, para entrar numa Faculdade, o exame de algumas das disciplinas sobre que aquele versou?

Nos dias que mediaram entre um e outro desses exames ele adquiriu novos conhecimentos?

Forma nova de os expor? Será que «repetindo» um exame, dias depois de outro igual, se fica mais «apto» para os estudos superiores?

Se o termo «orientação» quer significar «orientação» profissional então ainda mais inútil é o argumento a favor do exame.

A orientação profissional que devia ser obrigatória, e ser feita através de postos de orientação existentes, pelo menos, na sede de cada concelho, agregado á respectiva escola primária, não resulta não pode resultar, dum mero exame sobre o saber dum aluno.

Ela só se pode concluir como aproximação — que outro mais tarde viria confirmar — através dos apropriados testes, feitos na idade mais aconselhada.

Ora o exame — pelo menos a partir do 5.º ano liceal, assenta já sobre uma escolha de profissão, feita quase sempre com base em sentimentos e conveniências e não nas reais e efectivas qualidades do aluno.

E' porque a quase totalidade das escolhas profissionais não assentam sobre as reais possibilidades e qualidades do jovem, que o trabalho constitui, para muitos, um fardo pesado e se verifica tanta e tanta inaptidão á função ou profissão e muita conduta anti-social que, não raramente, tem o seu epílogo na cadeia.

d) — a apresentação aos pais e ao publico de uma documentação digna de confiança sobre o rendimento geral do sistema escolar.

Desdobremos: — os pais — e tomo como incluído no termo os encarregados de educação dos menores ou se interessam pela actividade escolar de seus filhos e pupilos, ou não se interessam.

Os que se interessam acompanham, diariamente, essa actividade: é através dela, da observação diária dos cadernos escolares, dos pon-

V

tos realizados e demais manifestações dessa actividade, que sobre ela se documentam.

Os que se não interessam — porque não ligam importância aos filhos — também não colherão do exame outra documentação além daquela única que, de resto, o exame a todos oferece: — que o examinando ficou aprovado ou reprovado.

Um pai ou encarregado de educação quando consciente dos seus deveres como tal, ainda que seja inculto ou analfabeto, tem muitas possibilidades de se documentar, durante o ano, sobre o trabalho do filho ou pupilo.

Há a conversa diária com este, a vista dos cadernos — mesmo os analfabetos sabem distinguir o sinal «certo» do de «errado» — a entrevista semanal ou, pelo menos mensal, com o professor ou director de ciclo, etc., etc.

O publico não pode tirar conclusões certas dos exames, salvo esta: — que ou o ensino está todo errado e só assim se explicam as elevadas médias de reprovação, ou que o exame é um mero facto de «sorte» como a lotaria da Santa Casa ou o «Totobola».

E' através das exposições dos trabalhos escolares — que deviam ser obrigatórias no final de cada período escolar, pelos debates publicos que professores e alunos das várias escolas deviam ser obrigados a fazer sobre matéria escolar, pelo menos uma vez em cada período e por outros meios que aqui não cabe referir mas que não podem ser substituídos pelo exame, que o publico se pode documentar «sobre o rendimento geral do sistema escolar».

e) — como se pode afirmar permitir o exame «dispor de uma base científica para ajustamento do programa ás necessidades de uma sociedade em continua evolução?».

Que conclusões científicas se podem tirar dos exames para que sobre elas se possam ilicercar «bases científicas» para o ajustamento do programa ás necessidades de uma sociedade em continua evolução?

Nenhuma conclusão de ordem pedagógica, metodológica, social, profissional podem, com realidade e verdade, resultar dum exame, uma vez que neste tudo é contingente.

Basta que nele entrem, em tão grande percentagem, como entram, factores de ordem «pessoal» para que tudo quanto deles pudesse resultar ter de ser acolhido com reserva.

Desde o examinador benevolente até áquele que se compraz em averiguar aquilo que o examinando «não sabe»: desde o examinando

na parábola. Os pontos da parábola (equidistantes da directriz e do foco) eram então determinados. Destes pontos havia a distinguir o vértice da parábola que distando 3 cm de AB estava na direcção do vão do arco abatido de 3 centros.

Para a construção deste arco, uma vez marcada a direcção do seu vão, pelo ponto de intersecção G marcavam-se a 2 cm para a esquerda e a 4 cm para a direita respectivamente os pontos E e F nascentes do arco abatido. A meio deste segmento e normalmente a ele marcava-se a flecha do referido arco, que era como o necessário inferior a metade do vão. Pela extremidade interior da flecha marcavam-se dois segmentos que fossem unir a E e a F os quais intersecariam por uma circunferência de raio igual á diferença entre a metade do vão e a flecha e do centro na extremidade inferior da flecha. Traçávamos em seguida as normais ao meio dos segmentos definidos pelos pontos de intersecção e pelos pontos E e F as quais se encontrariam num ponto que era um dos centros do arco, os dois outros centros eram dados pela intersecção das normais determinadas com a linha de nascente do EF arco abatido. Marcados os segmentos IH e JL pelo método descrito no ponto, sómente nos restava traçar uma parábola 1,5 cm acima de AB e intersecá-la com outra parábola a 3 cm á direita de AD, a sua intersecção determinava-nos então o centro da circunferência pedida.

«naufragoso» em «artes e manhas», audaz e de espírito aventureiro e temperamento exibicionista ao introvertido, tímido, impressionável e emotivo; desde o factor «sorte» ou «acaso» entre a correspondência do ponto do exame e a matéria que na véspera se estudou e reviu, ou que por acaso se descurou, até multíssimos outros factores, tudo condena, hoje, o exame.

Não é o exame que é necessário, uma vez que ele não acrescenta «conhecimento» nem mostra o que o aluno sabe; o que é necessário é remodelar todo o nosso sistema de ensino e educação que todo assenta na obsoleta e condenável ideia do exame.

Os alunos o que necessitam é de «saber» resultaram, e não «mostraram» os conhecimentos que desse «saber» resultaram, e não «mostraram», em puro exibicionismo, aquilo que sabem.

E quem em consciência pode afirmar que o aluno — tanto o aprovado como o reprovado — mostraram o que sabiam?

Quando muito, mostraram que sabiam — ou não sabiam — acerca de determinado ponto sobre o qual foram inquiridos.

O que há é ministrar conhecimentos allicercá-los num perfeito e seguro «conhecimento» da matéria estudada, ensinar o aluno a servir-se praticamente do que aprendeu.

Aquilo que ele aprendeu, a forma como «aprendeu», a segurança com que usa as noções resultantes do ensino ministrado, ninguém mais, nem melhor, que o professor que o ensinou avalia e sabe avaliar.

A exteriorização publica do resultado do ensino, não está na apresentação de uma «farsa» ou «de uma tragédia», mas na apresentação publica do trabalho que dia a dia do ano lectivo se foi realizando.

Na apreciação dessa demonstração do trabalho escolar, colhem com calma, segurança e continuamente, professores, alunos, publico e entidades orientadoras, as noções que acerca do trabalho escolar todos eles devem possuir.

O aluno que expõe publicamente o que durante o período escolar produziu na calma e sossego das suas aulas, longe de contingências da sorte do acaso ou de pessoas, mostra o que aprendeu e como aprendeu.

Os professores dão contas cabais do que sabem e podem produzir.

Os programas, assim evidenciados na sua concretização prática e efectiva, mostram o que necessitam de reajustamento ás necessidades de uma sociedade em continua evolução.

E trabalho menos espectacular e contingente, mas seguro e eficiente.

A ANSIEDADE VIDA MUSICAL

(Continuação da 28.ª página)

Os pais depois da aula, lições suplementares por certos professores, preparação especial por institutos de preparação para as provas contribuem para levar numerosos estudantes a um estado de cansaço e de aumento da voltagem afectiva no limiar do exame.

Vários relatórios ingleses assinam que as piores tolices são cometidas em certos meios para manter a moral do aluno: enviam-se cartões com votos de bom êxito mesmo a candidatos de boa sorte, e acontece mesmo que se entregam «por sua intenção» a práticas relacionadas com a magia.

Enfim, são empregados meios cuja natureza compromete a saúde das crianças; há relatórios que notam o emprego crescente de medicamentos destinados a provocar uma espécie de excitação (doping); além disso, em mais de um país, a imprensa presta-se complacientemente a dar a publicidade a tais produtos.

3. — Os estados de tensão na adolescência são menos frequentes nas famílias socialmente privilegiadas que dispõem do recurso custoso do ensino particular e nas camadas populares onde as ambições são limitadas. São sobretudo frequentes nos meios médios quando os pais desejam satisfazer nos seus filhos a sua própria aspiração à ascensão social.

O prof. Peel publicou a relação de 15 casos relativos a diversos aspectos de dificuldades afectivas devidas aos exames e aos estudos. Muitas vezes, trata-se de crianças dotadas das quais se procura obter resultados acima das suas forças por exercícios suplementares, por exigências exageradas, por lições particulares, pela clausura e pela privação de descansos. Por vezes também, a pressão é exercida em alunos pouco dotados para os quais os pais transferem ambições que eles próprios não puderam realizar. Os pais querem impor aos filhos a sua própria profissão ou a sua sucessão numa actividade para a qual os filhos não se sentem atraídos. Enfim, há estudantes levados para estudos académicos que têm por eles pouco interesse e sentem-se pouco à vontade; a intervenção dos pais visa a suprir a falta de entusiasmo do aluno. Sucede que estas acções não sejam totalmente vãs e que o estudante tenha êxito ao transpor as primeiras barreiras; mas as dificuldades ou as repulsas, temporariamente ultrapassadas por estas pressões, reaparecem em breve: a queda do rendimento é a fonte de uma série de choques familiares, no fim dos quais o adolescente entra em revolta aberta ou latente ou ainda, vencido, entra-se numa personalidade apagada, desencorajada, antes mesmo de enfrentar a vida.

4. — Sarason, da Universidade de Yale, estabeleceu dois questionários destinados a avaliar a ansiedade dos estudantes: um de ordem geral (G. A.), o outro especialmente a respeito dos exames e dos testes (T. A.). Com vários colaboradores, utilizou estes questionários como instrumentos de investigação. As principais conclusões tiradas destes trabalhos são as seguintes:

— existe uma correlação negativa entre o T. A. e o quociente intelectual; as aplicações do teste de ansiedade dos primeiros ao quinto ano deram um valor médio de $r = -0.23$ com as provas de Otis e B; a correlação tende a diminuir de um ano de estudos para o seguinte;

— verificações análogas se obtiveram por comparações apropriadas ao nível universitário;

— encontra-se uma correlação positiva entre as notas de ansiedade fornecidas pelos mestres e os resultados do T. A.;

— as raparigas apresentam um índice de T. A. superior ao dos rapazes;

— a nota da ansiedade tende a baixar com as provas não sancionadas do mesmo modo por ocasião de novos testes;

— depois de um fracasso, os alunos que têm um T. A. elevado são mais inclinados a censurar o próprio e a censurarem-se eles mesmos;

— uma pesquisa sobre estudantes casados do mesmo sexo, do mesmo nível escolar, do mesmo quociente intelectual, mas, uns de alto T. A. os outros, pelo contrário, que tinham índices abaixo no T. A. e no G. A., confirmou que os primeiros têm resultados inferiores aos segundos numa situação experimental de aprendizagem. Por outro lado, em provas como as do «Rorschach» onde tinham sido levados a responder a estímulos não

familiares, a reacção dos primeiros reflectia um efeito dos factores interferentes em grau significativamente mais elevado que a dos segundos; a diferença dos comportamentos era sobretudo nítida entre os rapazes.

Os casos de prejuízos mentais extremos, delinquência, perturbações psicopatológicas sérias, são muito raros. Mas o estado de inquietação quase permanente abatendo o que se comprime entre a pressão dos pais e a limitação dos seus meios é um obstáculo ao desabrochamento harmonioso da sua personalidade. Uma nota desfavorável comentada em família com acrimónia não será esquecida: mesmo compensada mais tarde, constituirá como que o núcleo à volta do qual se cristalizará o receio ou a aversão por esta ou aquela matéria de estudo. Que esta decepção venha a repetir-se em muitas ocasiões e o estudante abordará as aventuras do espírito privado do impulso precioso da confiança em si: a alegria austera mas tónica, do esforço intelectual e da descoberta estar-lhe-á desde então fechada.

A seguir — 2. A fraude

Um serão da Academia dos Amadores de Música

Novamente a Academia dos Amadores de Música apresentou na sua modesta mas valorosa sala a primeira audição de mais uma colectânea de canções populares portuguesas recolhidas por Michel Giacometti e apresentadas por Fernando Lopes Graça. Esta colectânea, dedicada à província do Minho, irá constituir o terceiro disco de uma série a editar pelos Arquivos Sonoros Portugueses.

De todas as províncias, o Minho é das que mais têm sofrido com os prestigiados «comerciantes de folclore», permitindo-se estes desvirtuá-la na sua expressão musical, nas suas características etnográficas. Enfim, insistindo em mostrar a um público português e estrangeiro (principalmente este) uma «música» alegre, ua ambiência luminosa e feliz, que pretende ser a expressão de um povo com os seus problemas fundamentais resolvidos.

Finalmente com esta colectânea podemos tomar contacto com o verdadeiro folclore minhoto, expressão viva de um povo na sua luta pela transformação da natureza, no

seu dialogar constante, no seu recolhimento religioso, diríamos mesmo, pagão.

Desde canções de trabalho até encomendações das almas, surpreendemos em cada um dos documentos uma funcionalidade que se exprime por uma expressão musical adequada.

Da singela monodia passamos a uma complexa polifonia que ultrapassa a técnica do fabordão para roçar o atonalismo, como fez notar Lopes Graça. Nota-se ainda em um ou outro canto uma ambiguidade tonal, chegando mesmo á sobreposição tonal.

Não há dúvida, todas as regras dos compêndios são postas de parte quando a necessidade de expressão o exige. Ninguém estudou música, mas encontram nela o meio de expressão preciso da sua vida, do seu trabalho, da sua luta. Todas as barreiras do vulgar são ultrapassadas pela necessidade de comunicação.

Aguardamos vivamente a edição pelos Arquivos Sonoros Portugueses do disco de música regional do Minho, real contributo para a cultura nacional, pelo conhecimento

que nos dá do povo minhoto e, é bom não esquecer, das condições sociais que determinam uma expressão com as características dos cantos recolhidos por Michel Giacometti.

Círculo de Cultura Musical

Depois de amanhã, pelas 22 horas, haverá no Teatro de S. Carlos o penúltimo concerto da temporada do Círculo de Cultura Musical, em que o maestro Silva Pereira regerá a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional.

Curso de Pedagogia Musical pelo Método Ward

O Curso de Pedagogia Musical pelo Método Ward, que o Centro de Estudos Gregorianos tencionava organizar de 1 a 13 do corrente, para formação de professores de classes infantis, por motivo de força maior, e ainda para satisfazer pedidos feitos nesse sentido, foi adiado para 15 a 27 de Julho. Todos os esclarecimentos e pedidos podem ser dirigidos à secretaria do Centro e pelo telefone 58228.

Sòmente na Pan Am



SERVIÇOS DIRECTOS PARA :

NOVA YORK

BOSTON

MIAMI

SAN JUAN

Voe nos Clippers* a Jacto pela nova Rota do Sul da Pan Am directa a San Juan (Porto Rico) e Miami — de longe a mais rápida! Ou voe sem escala para Nova York — Clippers directos a Boston

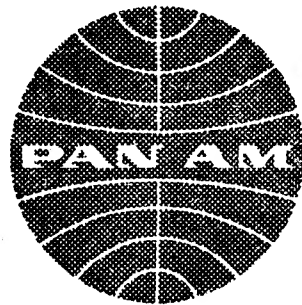
Seja qual for o seu destino nos Estados Unidos ou na América Latina, a PAN AM oferece-lhe a viagem mais agradável! De SAN JUAN, tem ao seu alcance as Caraíbas, e as Américas Central e do Sul. De MIAMI, excelentes ligações para todo o Sul dos Estados Unidos, México e toda a América Central. E, a partir de NOVA YORK e BOSTON, pode alcançar qualquer ponto dos Estados Unidos e do Canadá, num mínimo de tempo!

A sua viagem pela PAN AM

Qualquer voo a jacto da PAN AM representa descontração e conforto. Serviço a bordo por pessoal poliglota. Cozinha deliciosa do Maxim's de Paris, acompanhada de vinhos excelentes. E, o que é mais importante, o seu melhor companheiro de viagem é o Extra de Valor Incalculável — a EXPERIÊNCIA da PAN AM

Escolha a Primeira Classe «President Special» ou a Classe Económica «Rainbow» e para reserva de lugares consulte o seu Agente de Viagens ou a Pan American, Praça dos Restauradores, 46, Lisboa — Telef 362181

Viaja melhor com a PAN AM
— a linha aérea de
maior experiência no mundo



PRIMEIRA SOBRE O ATLÂNTICO PRIMEIRA SOBRE O PACÍFICO
PRIMEIRA NA AMÉRICA LATINA PRIMEIRA A VOLTA DO MUNDO

* Marca registada da Pan American World Airways Inc

Ida ao cinema

por FILIPE LEVE

— Uma 1.ª plateia, se fizesse o favor.

A rapariga põe diante do homem uma nota de 20\$00. Ele tira um bilhete de dentro do maço, carimba-o duas vezes, estende-o á rapariga, e dá-lhe o troco em duas moedas de 5 escudos e uma de 2\$50.

São três e dez, vê a rapariga no relógio do pulso.

Abre a carteira, pega no porta-moedas, e mete o dinheiro nele. Ia a guardar também o bilhete, mas resolve entrar logo.

Estende-o ao porteiro velho-te e sorridente.

— Um programa?

— Obrigado.

O «foyer» do cinema é espaçoso, claro da luz branca do néon. Há ainda pouca gente. A rapariga passeia para lá e para cá, devagar. Para a olhar os cartazes dos filmes «breve-mente neste cinema», depois senta-se no canto de uma larga poltrona encostada á parede do fundo.

Fica a olhar as pessoas, sós e acompanhadas, em grupo ou a andarem. Abre a carteira, mexe em tudo dentro á procura de nada, volta a fechá-la, tem pensamentos vagos (ou não pensará em nada?) tudo apenas para o tempo passar.

Vê novamente as horas. 3 e 16 ou 17. (O relógio da rapariga só tem os minutos marcados de cinco em cinco).

A entrada uma rapariga que vê de relance parece-lhe uma colega do colégio. Uma vez que é um pouco gorda, e tem o cabelo «puxado», preto. Não é. Está com um rapaz alto, bastante mais alto do que ela, com óculos de aros grossos. Fica a olhá-la, e a pensar vagamente na colega do colégio.

Repara que dois rapazes a fitam. Um deles diz qualquer coisa ao outro. (Ela tem um corpo esguio e bem feito, o cabelo liso caído até á altura dos ombros onde vira um pouco para os lados, e uns olhos castanhos grandes e belos).

Continua a olhar distraidamente á sua volta por mais algum tempo. Depois para dentro da sala. Fica sentada ao pé de um casal.

«Até porque nem sequer valia a pena», dizia a senhora, que parece uns dez anos mais nova que ele. O homem respondeu com um «Ah! pois...» que matou a conversa.

A rapariga parece-lhe que é algum deles, e sente a solidão a abatê-la com o silêncio que fica a separá-los. (Ou a uni-los? Mas não, este silêncio entre os dois não os une, separa-os, com efeito). Apetece-lhe então ter alguém com quem conversasse, até que as luzes se apaguem, e ela fique esquecida de si a viver qualquer coisa que se vá passar na tela.

*

Quando a sessão termina a rapariga levanta-se mecanicamente, com o filme ainda vivo nela. Caminha para a saída, o filme a dissolver-se, lentamente, a ficar em ideias, frases, rostos, e uma ou outra cena completa.

Na rua há vento vindo de qualquer parte, e céu de chuva virá não virá, ameaçadas pelas nuvens baixas e escuras (parecem-se mais com rolos de fumo sujo de fábricas, que tivessem ficado a pairar no ar).

— Eh, Irene!

A rapariga olha para trás. Paulo corre ao seu encontro.

— Olá, Paulo!

— Tás boa?

Camminham agora lado a lado.

O rapaz é um pouco mais baixo que ela, tem um rosto

sorridente. Usa uma gabardina branca e curta, e uma gravata amarelo-ouro.

— Vens do cinema?

— Venho. Tu também?

— Não. Vinha a passar.

Faz uma pequena pausa.

— O filme era o «Malefícios», com a Juliette Greco, não era? Gostaste?

— Gostei... Mas julguei que fosse melhor...

— Hei-de ir vê-lo. Acho a Juliette Greco estupenda.

— Por acaso neste filme está glíssima.

Camminham algum tempo em silêncio, a rua desembocou na Praça, eles dobraram a esquina para cima, Paulo seguindo os passos da rapariga.

— Vais tomar já o auto-carro?

— Tá um tempo muito chato, vou pra casa.

Paulo mete um cigarro na boca. Acende um fósforo, defendendo a chama do vento com a mão em concha.

— É aqui que o esperas?

A rapariga diz que sim acenando a cabeça. Paulo olhava na direcção dos carros. Depois, parecendo-lhe que ela não tinha ouvido a pergunta, volta a fazê-la.

— Esperas aqui o autocarro?

— Espero.

Pergunta-lhe:

— E tu pra onde vais?

O rapaz encolhe os ombros.

— Não tenho nada que fazer.

Ia a dizer ainda qualquer coisa. O vento continua a vir de qualquer parte, as nuvens no céu mudam constantemente de forma.

— Se quiseses posso acompanhar-te até casa.

— Anda, se queres.

— Tá bem.

A rapariga sorri para si mesma. Paulo tem quinze ou dezasseis anos, não sabe ao certo. Ela tem dezoito. Viu-a e correu para ela dizendo «Eh, Irene!», como se tivessem marcado encontro. Talvez os rapazes na idade dele gostem de todas as raparigas. Ele é um conhecido qualquer, tem um ar simpático, a gabardina branca fica-lhe bem, a gravata amarelo-ouro é bonita. Parece um pouco constrangido a seu lado com o silêncio dela, ou mais ainda, com o silêncio dele. Certamente rebusca em si qualquer coisa para dizer, pois tem o rosto fechado, pensativo.

Olha-o.

— Tens uma gravata muito selecta. É gira!

Paulo sorri.

— Ah, obrigado!

O autocarro pára diante deles. As pessoas começam a entrar. Paulo fica junto dela, pega-lhe quase sem lhe tocar, no braço pelo cotovelo, e entra atrás.

Sentam-se num dos ultimos bancos.

— Conta lá o que tens feito!

*

Em casa, no quarto, a rapariga acende o candeeiro sobre a secretária cheia de livros arrumados em três pilhas. Senta-se diante dela, os cotovelos no tampo, as mãos a segurarem a cabeça. Abre uma gaveta. Por debaixo dos cadernos escolares há um de capas pretas, de folhas soltas. É o seu diário desde alguns meses. Abre-o no ultimo dia.

Escreveu a data, depois fica a pensar, a caneta aberta na mão, e o papel branco á espera.

De manhã as aulas, ao almoço o pai irritado, a mãe com a neura de sempre, ela calada a pensar em qualquer coisa até que resolveu ir nessa tarde ao cinema, a tarde de tempo triste, o filme, a Juliette Gre-

co. «Acho a Juliette Greco estupenda.» Lembra-se de Paulo. Se escrevesse sobre ele? A companhia que lhe fizera por prazer, as suas conversas irónicas sobre tudo, sempre com o seu ar risonho. Depois, quando lhe deu o seu numero de telefone. «Quando estiveres aborrecida telefona-me.

Por debaixo da data escreveu então:

«Hoje de tarde fui ao cinema.»

E fechou o caderno.

HISTÓRIA INFANTIL

— Que tristeza a dos teus olhos! Nem com ternura eu a arranco. Em que pensas, em que sonhas?

— Mãe, quero um cavalo branco!

— E onde pôr a manjedoura, o esterco do cavallinho e a erva para ele comer, a palha para o seu ninho?

— O' mãe, dá-me um cavallinho!

— Meu filho, aqui só há casas dum amarelo de barro, varandinhas de brinquedo e flores morrendo num jarro.

— Eu quero um cavalo branco como aquele de que falava a Avó sentada em seu banco!

— Só cavalos a vapor com meninas ao volante azuis, pretos e vermelhos para trás para diante.

— Eu quero um cavalo branco!

— Meu filho, só no cinema há cavalgadas sem fim ou cavallinhos de pedra nalgum lago de jardim.

— Eu quero um cavalo branco, igual ao qua a Avó falava e que entrava pela noite galopava, galopava...

Trazia-o para a cidade, trotava pelo asfalto ou saltava toda a rua, prédio em prédio, lá do alto!

— Tira essa cisma, meu filho!

— Mãe, se for p'ra saltimbanco dão-me um cavallinho branco?!

JOÃO DE SOUSA

COLABORAÇÃO REGULAMENTO DOS COLABORADORES DO «JUVENIL»

1 — Não é obrigatório dactilografar a correspondência nem os originais; mas «é indispensável» que a letra seja bem legível. Isso poupará muito tempo e esforço á Redacção e Tipografia.

2 — Os originais devem ser escritos num só lado do papel.

3 — Se houver duas ou mais folhas, devem estas ser numeradas.

4 — Os originais não devem ser muito extensos.

5 — Não podemos devolver originais. Portanto, sempre que nos remetam qualquer trabalho, aconselhamos a ficarem com uma cópia em seu poder.

6 — Da primeira vez que os Amigos nos escrevam indicarão nome completo, direcção, profissão, data de nascimento, habilitações.

7 — É permitido o uso de pseudónimo, mas os elementos de identificação indicados no n.º 6 são indispensáveis.

8 — O nosso «Juvenil» é lido e colaborado por jovens de todas as tendências. Devem, portanto, abster-se de ferir escusadamente alheias susceptibilidades. Quando houver de discutir ideias, que a máxima correcção e delicadeza sejam usadas. A tolerância é inseparável da cultura.

9 — Os colaboradores, Amigos, simples leitores do «Juvenil» não devem manter uma atitude passiva em relação:

a) — á orientação do Suplemento;

b) — á administração do espaço e á paginação;

c) — ao conteúdo dos originais publicados.

Pelo contrário: devem reagir, corrigir, sugerir. Devem criticar. Sem crítica não há progresso.

10 — O «Juvenil» não pretende ser exclusivamente colaborado por estudantes. Isso reverteria, para ele, e portanto para nós todos, em grave prejuizo e mutilação. Todos os que trabalham, todos os autodidactas; todos os interessados na Cultura e na Arte, todos podem pertencer á grande familia do «Juvenil».

HOMENAGEM

Rapariga simpática
Sempre com um sorriso, um olhar
uma palavra amiga
Trocamos impressões
Há concordância neste assunto
discorda-se naquele outro.
Mas aquela amizade
ainda que só disso se trate
Impõe-se! Mantém-se inquebrantável...
indestrutível...

Há diferença de idades.
Que importa, se há equivalência de ideias?...
Dias que se passam
conversas que se têm!
Motivos que se apresentam...
E de tudo surge dignidade...
compreensão...
afectuosidade.

Razões, enfim, que justificam
esta singela HOMENAGEM!!!

MARTIM DE SOTTO DIAS

UMA PESSOA

NÃO
NÃO OLHES COM INDIFERENÇA
AS REALIDADES DAS COISAS

RASGA AS VESTES DO EXIBICIONISMO
TRAJA-TE DE PURA SIMPLICIDADE
DESPERTA A TUA INTELIGÊNCIA
CULTIVA O TEU ESPIRITO
E AMA A POESIA DO TEMPO...

SERÁS UMA PESSOA!

JOAQUIM SAMORA

Brevemente NÚMERO ESPECIAL
DEDICADO AO CONTO

CONTISTAS JUVENIS
AGUARDAMOS
COLABORAÇÃO

lembra-te «Kiss»

por Mário Fernando da Costa Caetano

Era um gatairão negro. Não se importava com as pessoas, vivia só com as suas gatas e filhos, nos buracos do telhado. Aparecia em nossas casas apenas para descansar um pouco das suas andanças, para comer qualquer coisa que estivesse à espera no seu prato de alumínio. enfim, para visitar os donos.

O seu reino era o telhado, e, como bom rei, nunca se ausentava; a prova disso, era em qualquer ocasião, fingirmos afiar uma faca no alçapão de barro. Assim que os primeiros sons subiam no ar, aparecia ele a correr, a miar, rabo no ar ligeiro como uma nuvem. Saltava do telhado para a varanda, esfregava-se nas nossas pernas, levantando o rabo, arqueando a espinha e dando-nos marradinhas.

Como chefe, várias vezes foi castigado. Que me lembre, duas vezes foi atirado do alto quinto andar, para o quintal. Era a vingança das vizinhas. Sempre que podiam, aproximavam-se e, antes de poder fugir já voava, primeiro atabalhoadamente, pela força do impulso que o projectara, mas depois, já preparado, patas esticadas dirigidas a terra, espinha vergada parecia estar pronto a receber o solo. O embate dava-se forte e estrondoso; por momentos cambaleava, divagava, mas logo depois, já recomposto subia a correr os dez lances da escada de salvação, e entrava no seu telhado, pronto a continuar.

Passou-se tempo, tinha ele, (e eu também), nove anos, quando adoeceu. Começou a dormir mais tempo, debaixo da minha cama, e do tanque, na varanda, seus lugares predilectos.

Um dia, meus pais e eu, fomos ao cinema. Voltámos noite já avançada, não sei porquê, procurámos-lo. Estava deitado debaixo do tanque, imóvel. Chamámos-lo, mas não se levantou. Aproximei-me e mexi-lhe, estava rígido e frio. Estava morto. Tinha vindo morrer a casa, abandonando a sua gente, tinha vindo expirar junto dos seus donos, e não os encontrara. Morrerá sózinho.

Creio que todos chorámos aquele gato ladrão.

No outro dia, ainda a chorar, ajudei meu pai a levá-lo e a enterrá-lo, lá longe do seu reino, numa terra, perto de um vazadouro. Lá ficou, embrulhado num jornal e coberto de terra.

*

E' a vida «Kiss», tornaste-te

adulto tão depressa, que tinhas de morrer, também depressa. Nascestes quando eu, e morreste velho na minha infância.

Lembra-te, «Kiss», quando uma noite, acordei e vi, soltos no espaço, dois círculos luminosos que me fizeram gritar de medo? Eram os teus olhos fosforescentes, grande malandro.

Foste o meu primeiro medo, e o meu primeiro amigo a morrer.



Desenho de QUINTINO

O DESERTO

por MARIA DA C. DA SILVA

Deserto... Deserto cheio de sombras, de massas cinzentas, de borões indefinidos...

Deserto pejado de gente... com barulho... barulho de jactos, de rotos escapes, de rancos de carros... barulho, barulho, barulho... de pessoas estranhamente alegres, de silvos de bombas de explosões de metais... excitações... respirações de olhos esbugalhados sem ter ar que respirar... respirações de bocas escancaradas, com olhos a luzir de esperança... ansiedade... barulho... barulho... é este o deserto do meu sonho...

O meu deserto está partido em bocados... para ali onde cai água que uns recolhem... para além onde cai pão que uns repartem...

Eu estou no meio... Oferecem-me pão e água... Desprezo-os por isso!... não quero precisar de ninguém! Quero depender unicamente daquilo que fizor só exclusivamente eu!

Mas eu estou cansado... cansado... e como uma obsessão persegue-me a ideia de me abater sobre um monte de palha... de ficar toda a vida de bruços e apodrecer num monte de palha... cansado... barulho... barulho... cansado... barcos que vão... e apitam... e fazem barulho... e misturam-se com o arrastar das unhas nas paredes... do deserto...

Mas eu não vejo palha... nem sítios que não tenham pedras de fogo... queria deixar-me cair sobre... mas palha?... sim... vejo-a ao

longe... lá está! Sim! Lá ao longe, ao fundo! Não Pés sem pele... etaineta vês? Vamos! Depressa!... Pés sem pele? E depois que tem isso, se vais dormir? Vamos! Põe esse pé em frente do outro... Não respire... não olhes para o Sol... não tens sede! Não há água! E' um engano essa palavra! Continua! Vais fugir ao barulho! Já não há rancos de carros... Ei-lo! O meu monte de palha! Finalmente... Oh! Já não há pedras com fogo... nem sol... nem duro... nem pó e... já não estou cansado!...

Deserto... deserto cheio de sombras cinzentas, de borões indefinidos... deserto pejado de gente e de barulho... mas sem cansaço... é assim o deserto do meu sonho!...

Canção para um segundo Abril

Amanhã
serei o pássaro da liberdade
que sabe claridade
madrugada
rosas molhadas
Pássaro-esperança
da vida por sonhar
pássaro-intacto
do sonho por viver
Amanhã
hei-de sorrir amor
como quem chora vida
e as palavras serão apenas
o murmúrio original e puro
de rios que os nossos dedos pressentiam
Amanhã
beberei o orvalho que escorre
dos lírios das nossas mãos unidas
Amanhã
há-de nascer o Sol pela primeira vez

ALICE VASSALO PEREIRA

POEMA

(A Exma. Senhora Doutora Helena de Sá)

Noite: para quê todos estes astros
que nos fitam com olhos falsos desde o princípio?

(Queime-se o que escreveram os filósofos
Numa fogueira perene de luz nossa
E mostremos aos deuses
Que não precisamos de iluminação a candelabros!)

Noite: para quê, para quê todos estes relógios
Que eu sinto atentos no silêncio
A transformar cada passo no dente de uma engrenagem?

(Não! É preciso parar todos os relógios:
Precisamos pensar!).

OIVEIRA JORGE

os meus problemas

PROBLEMA

Tenho quinze anos, vivo com os pais e os meus irmãos, e no mesmo prédio vivem os tios, os primos e a avó. Damos-nos muito, e temos-nos entendido todos bem. Mas, há um tempo para cá, não sei o que se passa, mas noto que os tios e a avó já não são para mim como eram antes, e desconfio que ali andam intrigas de um dos meus primos, que tem a língua muito comprida. Reconheço que às vezes também não me porto muito bem e sou um bocado mal-educado; por isso, a culpa também é minha em parte, em todo o caso não sou eu que dou ocasião a este mal-estar, e se as outras pessoas tivessem mais paciência e fossem mais amáveis para mim, tenho a certeza que eu também me comportaria de outra maneira. O que mais me enfurece é ver que tudo se passa só comigo e não com os meus irmãos, quando, afinal, somos todos a mesma família e eles não são melhores nem mais ajuizados do que eu.

RESPOSTA

Parece-me que és um bocadinho desconfiado, e que exageras coisas triviais e sem importância.

UM JOVEM AO ACASO

(Continuação da 1.ª página, ao cinema.)

P. — Que filme, até hoje, foi mais do seu agrado?

R. — Gostei imenso do «Espartaco». Uma pergunta: porque é que não se dobram os filmes em português?

P. — Pergunta bem, mas não sabemos responder-lhe. Alguns dos nossos amigos saberá?

tância. Tenho a certeza que todos continuam a ser teus amigos, até esse teu primo que por vezes fala de mais, não porque deseje prejudicar-te mas por uma questão de temperamento. E tu sentes tudo isso mais do que os teus irmãos por uma questão de sensibilidade e porque, sendo o mais novo, tens sido tratado com umas certas deferências que, em boa verdade, já não têm razão para existir, pois já te vais tornando um homem. Mas habituaste-te a elas, e sentes a sua falta. Será assim?

Tenho uma sugestão a fazer-te: é que faças tu um esforço para não deixares nunca de ser bem-educado, principalmente com a avó e os tios; quando não há bom entendimento absoluto, alguém tem de dar o exemplo, o primeiro passo, para que a situação melhore, não é verdade? Visto que tu és, talvez, quem mais sente o que se passa, eu gostaria que fosses tu a primeira pessoa a mudar de atitude. Verás que só o primeiro impulso é que custa, mas dá-lo é uma verdadeira vitória, com o mérito de levar todos os outros a melhorar o seu comportamento.

Ainda és bastante novo, mas tens suficiente ponderação para compreenderes que não deves ligar importância a ditos que, em boa verdade, não têm nenhuma importância... Respeitando a todos, comportando-te como deves, e não fazendo suposições precipitadas sobre assuntos que bem vistas as coisas, não te dizem respeito — evitarás aborrecimentos e sentirás a tua volta aquela estima e harmonia que tanto aprecias, e com razão.

Escreve sempre que queiras, e conta com a minha amizade.

TIÃO